



CÍCERA GILVANÍ DE LUNA

**METAMORFOSES LOBATIANAS:
UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA SÓCIO-PEDAGÓGICA DA LITERATURA
INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO.**

FORTALEZA - CE

2007



CÍCERA GILVANÍ DE LUNA

**METAMORFOSES LOBATIANAS: UM OLHAR
SOBRE A PROPOSTA SÓCIO-PEDAGÓGICA DA
LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO.**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras,
área de concentração em Literatura Brasileira – Departamento de
Literatura do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Literatura Brasileira.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Fernanda Maria Abreu Coutinho

FORTALEZA – CE.

2007

METAMORFOSES LOBATIANAS: UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA SÓCIO-PEDAGÓGICA DA LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO.

Cícera Gilvaní de Luna

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Fernanda Maria Abreu Coutinho
UFC

Prof.^a. Dr.^a. Vera Lucia Albuquerque de Moraes
UFC

Prof.^o. Dr. António Manuel de Andrade Moniz
FCSH-UNL-Lisboa



Sumário



Resumo	05
Resumé	06
Considerações Preliminares	07
Introdução	09
1. A literatura infantil e seu poder simbólico	14
1.1 O universo simbólico na Literatura Infantil	25
1.2 Um mergulho na História: A Infância e a Literatura Infantil no Brasil.	29
1.3 Arquétipos pedagógicos do universo infantil.	39
2. Monteiro Lobato: um visionário social.	46
2.1 A Literatura Infantil como alternativa à decepção do escritor	60
2.2 Momento de reflexão sobre a pesquisa lobatiana	68
2.3 Apreciação teórica: o simbólico e o imaginário no texto infantil	75
3. A metamorfose realmente existe no texto lobatiano ou é só uma viagem interpretativa?	83
3.1 O poder da metamorfose e suas origens	94
3.2 Por que tratar de metamorfose em um texto lobatiano?	96
3.3 Escritos pessoais e textos infantis: um mapa simbólico da metamorfose	102
3.4 O texto lobatiano: um enigma ou uma proposta de metamorfose?	113
4. Metamorfoses lobatianas: frutos de uma experiência pessoal.	117
4.1 Metamorfoses lobatianas: uma esperança via Literatura Infantil	122
4.2 A água como elemento motor da metamorfose.	137
4.3 Emília e a construção da prosopopéia no Reino das Águas Claras.	141
Considerações finais	156
Bibliografia	160
Anexos	165



METAMORFOSES LOBATIANAS:
UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA SÓCIO-PEDAGÓGICA DA LITERATURA
INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO.

Por: Cícera Gilvaní de Luna
Mestranda em Literatura Brasileira UFC

Diante de um sentimento particular e do reconhecimento nacional do autor, surgiu o desejo de encontrar na obra infantil de Monteiro Lobato, e, em suas cartas, pistas que nos levam a crer em uma proposta intencional de metamorfose social, através da leitura de boa qualidade, iniciada desde cedo, no período de formação cognitiva da criança.

Deste modo, a presente dissertação tem o compromisso de tentar promover um olhar diferenciado sobre a literatura infantil lobatiana, com a proposta de identificar a intencionalidade do autor em sua atitude literária. Portanto visamos promover a valorização das iniciativas sócio-literárias do escritor, sem esquecer suas atitudes pedagógicas que visavam à formação dos pequenos leitores através do contato com idéias trabalhadas em seu texto.

Assim, tem-se como um dos objetivos verificar como o texto de Lobato utiliza recursos literários (simbólicos) para dar início à transformação social, através dos pequenos leitores, analisando se as histórias das aventuras da turma do *Sítio* transmitem, através da construção simbólica, um modo diferenciado de lidar com os saberes do mundo real, tornando a criança mais crítica e ativa.

Fazer uma releitura da obra infantil de Monteiro Lobato, a partir do contributo dos estudos já realizados, além de promover um regresso à infância, também possibilitará a valorização da diversidade interpretativa de sua obra, uma vez que dentre os vários projetos existentes, “Metamorfoses Lobatianas: um olhar sobre a proposta sócio-pedagógica da Literatura Infantil de Monteiro Lobato” tem como foco a valorização do projeto social do autor, que dedicou boa parte de sua vida, promovendo a conscientização de seus contemporâneos a respeito da real necessidade de mudança e progresso.

**MÉTAMORPHOSES LOBATIENNES:
UN REGARD VERS LA PROPOSITION SÓCIO-PÉDAGOGIQUE DE LA
LITTÉRATURE ENFANTINE DE MONTEIRO LOBATO.**

Par: Cícera Gilvaní de Luna
élève de maîtrise en Littérature Brésilienne UFC

Devant un sentiment particulier et la reconnaissance nationale de l'auteur, il a surgi le désir de trouver, dans l'œuvre enfantine de Monteiro Lobato et en ses lettres, des signes que nous peuvent emmener à une expresse proposition de métamorphose sociale, à travers la lecture de bonne qualité, très tôt débutée, dans la période de formation cognitive de l'enfant.

Ainsi, la présente dissertation s'engage à essayer de promouvoir un regard différencié vers la littérature enfantine de Lobato, avec la proposition d'identifier l'intention de l'auteur en son attitude littéraire. En fait, nous concevons de promouvoir la valorisation des initiatives sócio-littéraires de l'écrivain, sans oublier ses attitudes pédagogiques qui envisageaient la formation des petits lecteurs à travers le contact avec les idées travaillées en son texte.

De cette façon, nous avons comme objectif de vérifier en quelle mesure le texte de Lobato utilise des ressources littéraires (symboliques) envisageant la transformation sociale, à travers les petits lecteurs. De ce point de vue, nous montrerons si les histoires de la classe du *Sítio* transmettent, à travers la construction symbolique, un mode spécifique de toucher les savoirs du monde réel, en rendant l'enfant plus critique et active.

Faire une nouvelle lecture de l'oeuvre enfantine de Monteiro Lobato, à partir l'apport des études déjà faits, en outre de promouvoir un retour à l'enfance, permettra aussi la valorisation de la diversité interprétative de son œuvre, car parmi les plusieurs projets, *Métamorphoses Lobatiennes : un regard vers la proposition sócio-pédagogique de la Littérature Enfantine de Monteiro Lobato* focalise la valorisation du projet social de l'auteur qui a dédié une bonne partie de sa vie à proportionner à ses concitoyens la conscience de la réelle nécessité de changement et de progrès.

DEDICATÓRIA

Pelo grande exemplo de persistência e determinação, que motiva o ser humano a lutar pela busca da realização de um sonho, dedico a concretização de mais uma etapa de vida aos meus pais, os quais, mesmo passando por privações, não desistiram de oferecer aos filhos o direito de sonharem com uma vida melhor, através da educação. Dedico também esta dissertação ao meu esposo Alexandre, pelo amor, carinho e apoio manifestados em todas as fases de minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela minha família, por todas as pessoas amigas, pelo meu trabalho, pela vida, enfim!... Sem o apoio, o estímulo e a colaboração recebida de diversas pessoas, este trabalho dificilmente teria sido realizado. Por isso, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram, torceram por mim e viabilizaram a concretização deste sonho.

Aos meus pais, Maria Dona de Luna e Sebastião Benício de Luna que, mesmo diante da falta de recursos para sustentar e educar os filhos, não desanimaram e nos fizeram acreditar que a única riqueza que vale a pena adquirir é o conhecimento.

Aos meus irmãos mais velhos, Genival e Fátima, que enfrentaram a missão de desbravar os caminhos, dando-nos o exemplo de perseverança e sucesso, através dos estudos. Ao meu esposo Alexandre Rolim Bezerra, que me fez acreditar que um sonho pode se tornar realidade quando se encontra um companheiro que nos ajuda a construir uma história através da cumplicidade do amor.

À minha orientadora, Prof.^a Fernanda Maria Abreu Coutinho, por acreditar em meu sonho e não cortar minhas asas, possibilitando o vôo imaginário que nos conduziu à construção deste trabalho. À Professora Vera Moraes, pelo estímulo e confiança que antecedeu este trabalho, bem como pela indicação de uma linha de pesquisa e, conseqüentemente, a indicação de uma orientadora. Ao amigo professor António Manuel de Andrade Moniz, por ter aberto o coração, dispondo-se a uma leitura atenta, competente, generosa da presente dissertação e, por ter aceito o convite para participar da banca, estando presente de corpo e alma, mesmo morando em terras lusitanas. Aos professores do programa de Pós-Graduação da UFC, pela relevância das disciplinas ministradas durante o curso, em especial por terem feito valer a pena a complexa relação de pesquisa, efetuada com poucos recursos materiais em uma universidade pública sucateada. Aos demais professores e funcionários do centro de Humanidade. À minha querida amiga, Viviane Pinto Moreira, que compartilhou de tantos momentos difíceis e que sempre esteve disposta a me oferecer uma palavra de incentivo, motivando-me a continuar. Também agradeço por sua ajuda na difícil tarefa de correção do presente trabalho.

E, em especial, à **FUNCAP** que, através do programa de bolsas, permitiu-me dedicação exclusiva ao curso e viabilizou a concretização de um sonho.

INTRODUÇÃO

Diante da constatação da importância sócio-cultural da arte literária, entendemos que a Literatura, por tratar da essência humana, expressando de forma universal, as constantes oscilações ideológicas, induz o homem a se descobrir, através do ato da leitura, pois ela pode suscitar interpretações e experiências diversas que se fundem em novas perspectivas de ver o mundo. E neste maravilhoso universo literário, a criança encontra a possibilidade de fazer viagens lúdicas rumo a descobertas, nascidas quer de uma vivência concreta da própria vida, quer da casualidade do ato de leitura e sua relação com o extra-textual.

Monteiro Lobato acreditava que “*a criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto*” e que, através de uma viagem pelo mundo das letras, ela promove o casamento perfeito entre a representação simbólica e o imaginário¹, dando origem a uma nova realidade, na qual tudo parece transmutar em uma idealização imaginária, que passa a ser uma realidade alternativa, um entre-lugar, situado entre o textual e o extra-textual. Acreditando nisso, vislumbramos a possibilidade de esse entre-lugar ser povoado por propostas metamórficas que marcam a trajetória da criança na fase adulta. Assim, este estudo nasce de uma inquietação a respeito dos processos de metamorfoses, encontrados nos textos infantis de Monteiro Lobato, que a partir da elaboração de construções simbólicas indicam a possibilidade de encontrar em sua narrativa pistas de um redimensionamento das questões sócio-educacionais.

Diante de tal sentimento, objetivamos identificar elos existentes entre seu projeto pedagógico e sua luta pessoal, travada no campo social, avaliando como se estabelece a concretização de propostas metafóricas em seu texto e como tais propostas se interligam, conduzindo os pequenos leitores à descoberta de um mundo novo.

Dessa forma, procuramos buscar na obra infantil de Lobato a recorrência de um velho tema: metamorfose², que parece ter sido um lema na trajetória da sua escrita. Diante do conhecimento da existência de diversas pesquisas e estudos de sua obra, visamos redirecionar o foco das leituras, até então realizadas, sem negar a importância

¹ O termo é entendido e empregado, na pesquisa, de acordo com as idéias trabalhadas por Bachelard (1989) e Laplantine (1997).

² De acordo com Aurélio (1986), do grego *metamórphosis*, **1.** Transformação de um ser em outro. **2.** Mudança de forma ou de estrutura que ocorre na vida de certos animais, como os insetos e os batráquios. **3.** Alomorfia. **4.** Mudança transformação. **5.** Mudança notável na fortuna, no estado, no caráter da pessoa. Dentre os tópicos apresentados com definições de metamorfose o quinto se encaixa na visão adotada na presente pesquisa.

dos estudos anteriores, no sentido de lançar um olhar diferenciado, do que até então foi realizado na obra lobatiana, para contemplar o plano das construções simbólicas contidas em etapas narrativas.

Acreditamos que a literatura teve participação efetiva no projeto de constituição da nacionalidade que dominou o panorama intelectual brasileiro do século XIX e inspirou a busca de progresso no século XX; por isso, buscamos verificar nos escritos infantis e em algumas cartas de Monteiro Lobato a abordagem do termo metamorfose, com a intenção de identificar se o autor utiliza esse elemento como forma de influência e se sua escrita infantil pode indicar a sistematização de idéias voltadas para a formação de uma consciência social mais crítica. Com esse propósito, delimitamos o campo de análise nos seguintes livros: *Reinações de Narizinho*, *A Chave do Tamanho* e *A Reforma da Natureza*. Nestes textos, buscamos entender como a temática da metamorfose é retomada e, de acordo com a sua progressão textual, tentamos avaliar como os personagens e leitores participam de tal fenômeno.

Envolvidos pela proposta estabelecida na pesquisa, pretendemos realizar uma análise à luz da teoria dos signos, trabalhadas por: Charles Sanders Peirce (1995), da simbologia dos elementos naturais de Gaston Bachelard (1989) e do imaginário descrito por François Laplantine (1997). Estamos certos de que a originalidade destas teorias poderá, como ferramenta operatória, conduzir à análise do presente estudo, enriquecendo o trabalho com a luminosidade das suas propostas.

Cabe ressaltar que não se pretende esgotar o assunto, nesta dissertação, mas apenas fornecer alguns elementos para futuras investigações.

Assim, mediante dados oriundos da literatura especializada em crítica literária³, procuraremos situar os temas considerados relevantes para esse objetivo. Cabe também informar que, em toda a extensão do nosso texto, estarão presentes, através de citações ou transcrições, não só partes da literatura infantil, como também registros de caráter epistolar do autor que, combinados com a fortuna crítica de sua obra, poderão oferecer ao leitor um esboço das realizações e das idéias de Monteiro Lobato no âmbito do movimento literário e social.

Os estudos sobre a infância, a família, a escola e as concepções pedagógicas estão intimamente relacionados. Neste contexto, pode-se verificar o modo pelo qual a literatura infantil atua na construção do pensamento ou de uma nova prática social.

³ Leitura crítica de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Cassiano Nunes, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, entre outros, referidos na bibliografia do trabalho.

Nestes termos, surge a seguinte pergunta: a literatura infantil utiliza a metamorfose como meio de conscientização dos pequenos leitores?

Com base neste raciocínio, escolhemos como *corpus* mínimo de análise além dos três livros da literatura infantil de Monteiro Lobato, os livros de correspondência *A Barca de Gleyre*, publicação das cartas enviadas ao amigo Godofredo Rangel e *Lobato Vivo*, organizado por Cassiano Nunes constituirão um precioso material de referência, que muito nos ajudará a compreender a mundividência literária do escritor. Estabelecido o campo de atuação da pesquisa, passa-se, então, a buscar identificar o tema metamorfose, tentando compreender como ele é contextualizado e avaliando se o mesmo tem ligação com um projeto pedagógico de Monteiro Lobato.

Retomamos alguns estudos empreendidos por investigadores distintos, como Regina Zilberman e Marisa Lajolo, que desenvolveram diversas análises da obra infanto-juvenil de Lobato, abordando seu lado pedagógico. Por compreendermos que essas pesquisadoras evidenciam em seus trabalhos a idéia da existência de um projeto lobatiano destinado aos pequenos leitores, essa informação vem corroborar ou confirmar a intencionalidade da escrita lobatiana e, ao mesmo tempo, viabiliza a realização da presente pesquisa. Logo, pode-se especialmente verificar como o autor utiliza a idéia de metamorfose em seus textos infantis.

Para formar uma visão mais simplificada da pesquisa em questão, pode-se dizer que, nas análises propostas, busca-se apenas compreender como os relatos de metamorfoses das histórias infantis se legitimam e poderiam passar, na visão do autor, a inspirar hábitos, normas, crenças e valores assumidos pelos indivíduos na sociedade.

Além disso, pretendemos, neste estudo, destacar a importância de um olhar mais atento para os efeitos idealizados por Lobato, que encantou gerações com atitudes ousadas, uma vez que sua trajetória histórica revela uma personalidade que abraçou idéias inovadoras e progressistas no âmbito literário e social. Fazendo isto, pode-se perguntar se suas narrativas trazem algum eco para a paisagem cultural contemporânea, principalmente frente a questões que envolvem a permanência de uma luta pela justiça social que, de certa forma, tem como símbolo a necessidade de mudança ou de metamorfose.

Cabe perguntar à Literatura Infantil de Monteiro Lobato que valor tem a metamorfose e, em caso afirmativo, tentaremos entender como o autor trabalha esse elemento em sua narrativa. Neste estudo, o que está em questão é o modo como o texto

trata a metamorfose e como ele ensina às crianças a serem mais críticas e menos passivas.

Tratamos como possíveis hipóteses idéias, que tentam descobrir se o texto lobatiano tem a intenção de criar novos posicionamentos e atitudes sociais através de uma proposta metamórfica. Com base nisso, buscamos identificar em seu texto infantil elos entre a ficcionalidade e a realidade de um projeto pedagógico, através do simbólico e do imaginário, para então avaliarmos a função e importância do elemento água e sua representação na construção de uma proposta metamórfica.

Neste tipo de análise, é natural o surgimento de inquietações que povoam todas as suas etapas e inevitavelmente promovem perguntas que exigem respostas coerentes às expectativas criadas. Algumas dizem respeito à escrita destinada ao público infanto-juvenil: quando começou o interesse de Lobato pelas crianças e como esse interesse deu origem à abordagem de assuntos que envolvem a sociedade, de forma geral? Na busca de entender as idéias metamórficas do autor, pode-se identificar o livro infantil como uma arma contra o conformismo dos brasileiros em relação à organização social? Qual a importância da construção simbólica no texto e como ela contempla o metafórico e a metamorfose? É possível identificar o elemento água como elo, simbologia que possibilita a metamorfose de personagens? Quais são as chances de identificação do texto infantil com a realidade social da criança? A literatura infantil de Lobato teve participação efetiva no projeto de reconstituição da sociedade, através de propostas de mudança de pensamento? Que motivo seria bastante forte para aproximar dois mundos distintos (real e ficcional) e como esta aproximação beneficiaria a formação das crianças? Educar é trabalhar o simbólico?

Diante destas perguntas, temos o compromisso de tentar promover um olhar diferenciado sobre a literatura infantil lobatiana, através de uma releitura, com a proposta de valorização das iniciativas sócio-literárias do escritor, sem esquecer suas atitudes pedagógicas que visavam à formação dos pequenos leitores. Para justificar tal intuito, vale a pena lembrar que Antonio Candido⁴, crítico renomado, afirmou que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita, por promover a humanização dos leitores, visto que os bens culturais promovem a inserção das pessoas na sociedade, possibilitando que tomem consciência de seu papel social e de seu direito à cidadania plena. Portanto, diante do que foi dito pelo crítico literário, cremos na validade de uma busca consciente de pistas textuais que viabilizem a

⁴ CANDIDO, Antonio. *Vários escritos* (3ª edição revista e ampliada). São Paulo: Duas Cidades, 1995.

verificação do fato de uma ação individual de um escritor ter a possibilidade de fazer a diferença na formação infantil, contribuindo para a melhoria da sociedade. O recorte feito na seleção do nosso *corpus* tem a intenção de delimitar o espaço textual, não como barreira, visto que não impede de se ir um pouco além, mas como objeto consideravelmente pertinente para, através dele, verificar-se, de modo minimamente rigoroso, como o tema se torna recorrente em sua obra infantil.

Logo, tem-se como um dos objetivos verificar como o texto de Lobato utiliza recursos literários (simbólicos) para dar início à transformação social, através dos pequenos leitores, analisando se as histórias das aventuras da turma do *Sítio* transmitem, através da construção simbólica, um modo diferenciado de lidar com os saberes do mundo real, tornando a criança mais crítica e ativa.

Fazer uma releitura da obra infantil lobatiana, a partir do contributo dos estudos já realizados, além de promover um regresso à infância, também possibilitará a valorização da diversidade interpretativa de sua obra, uma vez que dentre os vários projetos existentes, “Metamorfoses Lobatianas: Um olhar sobre a proposta Sócio-pedagógica da Literatura Infantil de Monteiro Lobato” tem como foco a valorização do projeto social do autor, que dedicou boa parte de sua vida, promovendo a conscientização de seus contemporâneos a respeito da real necessidade de mudança e progresso.

Assim, este estudo⁵ nasce de uma inquietação a respeito dos processos de metamorfoses, encontrados nos textos infantis de Monteiro Lobato, que a partir da elaboração de construções simbólicas indicam a possibilidade de encontrar em sua narrativa pistas de um redimensionamento das questões sócio-educacionais.

Foram selecionados alguns teóricos que trabalham com o simbólico e o imaginário para direcionar a pesquisa, como: Charles S. Peirce (1995), Gaston Bachelard (1989) e François Laplantine (1997), possibilitando uma divisão da análise em duas formas de observação e coleta de dados: a primeira visa à verificação do tema em registros pessoais, como as cartas destinadas a amigos e leitores, que retratam experiências de leitura do autor (metacomposição); a segunda consta da verificação da realização ou recorrência do tema em seus textos infantis.

⁵ Apaixonada, em criança, como tantas brasileiras da sua idade, pela série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, a autora desta dissertação reencontrou, como estudante, anos mais tarde, na exposição da Semana de Letras do Centro de Humanidades da UFC, a motivação que havia de inspirar esta pesquisa.

Capítulo I

A LITERATURA INFANTIL E SEU PODER SIMBÓLICO.



“AH, tu livro despretensioso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiro, a merenda... Tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade imortal. Pois não basta um pouco de atenção dada a uma leitura para revelar a preferência de uma aprovação. (Mireles, 1984,4ª ed., p.31).”

1. A LITERATURA INFANTIL E SEU PODER SIMBÓLICO.

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes a circunstância de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.⁶

A Literatura Infantil, em geral, envolve contos tidos como contos de fadas. Etimologicamente falando, a palavra portuguesa "fada" vem do latim *fatum* (destino, fado, fatalidade). Assim, estas entidades misteriosas habitam no universo infantil, influenciando a compreensão de muitos fatos encontrados nas narrativas destinadas às crianças, pois a presença de tais entidades poderia trazer para as narrativas infantis uma proposta de destino, o qual surge vinculado à presença de uma linda moça que, através de atitudes mágicas, envolve as personagens em uma aura misteriosa, com o intuito de fazê-las cumprir um percurso traçado pelo destino.

Deste modo, personagens dos textos infantis enfrentam complicações pré-estabelecidas e, muitas vezes, sua trajetória de vida é marcada pela dor, fatalidade, solidão, amor, amargura, esperança e, finalmente, a alegria. Em geral, estes sentimentos são caracterizados como fruto de uma metamorfose (interna ou externa) de uma ou mais personagens. Estas são entidades misteriosas que trazem em sua essência o poder de mudança, tendo grande peso nas narrativas infantis, pelo seu valor simbólico. Logo, os textos ultrapassam o sentido habitual da verosimilhança e entram no mundo mágico, alegórico, simbólico ou maravilhoso e conduzem o leitor à possibilidade interpretativa de uma nova organização extra-textual. Ou seja, os contos de fadas permitem que o pequeno leitor lance um novo olhar sobre diversos comportamentos ou posturas sociais do mundo real, servindo como ponte entre a criança e o mundo em que ela está inserida.

Para uma melhor compreensão de como esta ponte é possível, basta lembrar que, ao lidar com textos do universo maravilhoso, o leitor se vê imerso em um ambiente onde a linguagem metafórica ocupa grande espaço, pois as crianças, por não possuírem explicações para fenômenos da vida natural (em geral, conhecimentos científicos ou

⁶ Zilberman, 2003, p. 25.

humanos complexos) passam a construir um universo de associações mágicas, que lhes permitem tentar compreender o mundo à sua volta. Desta forma, o pensamento mágico domina boa parte da infância, reinando em lugar da lógica, da racionalidade atribuída aos adultos. A este respeito Laplantine (1997) nos apresenta a seguinte reflexão:

O maravilhoso é a face noturna da existência, é o universo do sonho e da magia que procedam ambos a transformação e metamorfoses (a alquimia das coisas e dos seres) que seriam absolutamente impossíveis na vida cotidiana. [...]

Estamos frente a narrativas homogêneas, histórias que aqueles que detestam o maravilhoso qualificam em geral de “sobrenaturais ou absurdas”, mas que formadas por uma continuidade de significações e tendo sua própria coerência. Aquele que lê ou escuta essas histórias - já que se trata muitas vezes de tradições orais - adere totalmente àquilo que lê ou escuta, pelo menos durante o tempo da leitura ou da audição.⁷

Na infância, há uma enorme aceitabilidade de explicações de fácil compreensão. Para o que não é possível ser visto como simples logo surge uma atribuição mágica, ofertando uma resposta satisfatória. Portanto, a literatura infantil tem uma oportunidade de oferecer aos pequenos leitores a possibilidade de realizarem construções simbólicas, que aos poucos vão revelando as complexas relações humanas. A natureza mágica do texto literário atrai espontaneamente as crianças por apresentar um universo compatível com a sua forma de ver e interpretar o mundo.

É neste sentido que a Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança, em relação à descoberta de si mesma e do mundo. Aos poucos, ela vai abrindo os horizontes das pequeninas mentes, revelando muito da essência humana, e este, através das construções simbólicas, descobre emoções reais, que as histórias lhe proporcionam. As atitudes das personagens, seus dilemas e conquistas atuam, de forma construtiva, em seu inconsciente e pouco a pouco o ajudam a resolver os conflitos interiores, normais em fases distintas de nossa vida.

Assim, a criança amadurece, através do prazer da leitura, pois a literatura lhe serve de ponte para a compreensão de eternos dilemas que enfrenta ao longo de seu crescimento psíquico e emocional. É durante essa fase que surge a necessidade de defender sentimentos ligados ao egocentrismo e à independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos. Assim, o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita a compreensão

⁷ Laplantine 1997, p. 30 a 32.

de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, necessariamente, habita o círculo de relações reais da criança que, ao encontrar fatos textuais compatíveis com sentimentos particulares, promovendo associações que proporcionam um amadurecimento saudável, eliminando a probabilidade de traumas que possam comprometer o estabelecimento de bases sólidas de toda uma vida.

Nas histórias infantis lobatianas, este processo é fruto de representações simbólicas, que estão intimamente ligadas ao universo mágico; e, embora o escritor não utilize de forma concreta a presença das fadas, como personagens, sua narrativa faz diversas referências a essas entidades mágicas.

Cabe registrar que, ao longo dos anos, a literatura infantil sofreu várias modificações e, depois do trabalho dos Irmãos Grimm, passa a ter uma notoriedade maior, chegando a Portugal e ao Brasil como apoio pedagógico na prática de ensino das escolas.

Acreditamos que, para melhor entendimento da análise proposta, é conveniente informar que, desde a sua origem, a Literatura Infantil esteve mais ligada à pedagogia do que à arte. Por isso, dentro do panorama literário, o livro infantil, durante muito tempo, foi considerado uma obra menor, destinada a passar conceitos e normas de conduta sociais. Não era visto como uma obra artística, que trabalha com o imaginário da criança, mas como um meio de transmissão de valores. Com o tempo, porém, essa idéia mudou e a obra lobatiana contribuiu valorosamente, com essa nova visão, pois os chamados livros utilitário-pedagógicos, que procuram ensinar ou passar mensagens específicas limitavam-se a dizer: “Seja um bom menino!”, “Ajude a mamãe e a professora!”, “Leia livros!”. O *Sítio* convida as crianças a contemplarem o mundo dos adultos e a construírem uma opinião a respeito das falhas ou chagas sociais. Assim, com a literatura lobatiana, as crianças não são subjugadas ou tratadas como robôs, que precisam de um manual para programar seu comportamento dentro da sociedade. É bem verdade que ainda persistem até hoje livros infantis que trabalham com idéias de bom comportamento, e essa maneira de perceber a literatura infantil existe em paralelo às demais, apesar dos questionamentos apresentados a esse modo ou conceito de escrita. Mas a literatura lobatiana traz em sua essência algo a mais, que leva o leitor a interagir com o mundo, sem perder seu valor artístico.

Diante da existência de um projeto pedagógico por trás escrita do criador do *Sítio*, percebemos que este fato não compromete o teor artístico da obra de Monteiro Lobato, podendo ser identificada como uma literatura genuína, que dá conta da mente

infantil, sendo um casamento entre as partes intuitiva e lógica da criança, estando vinculada à linguagem original, que busca de maneira inusitada sugerir e não afirmar idéias e experiências, levando a criança a se aventurar no processo da descoberta de si e do mundo. Deste modo, as características de vários gêneros estão presentes em um único livro infantil do autor, demonstrando seu grande valor literário e evidenciando um indiscutível conteúdo informativo.

Os contos de fadas, na forma como são hoje conhecidos, surgiram em fins do século XIX, sob o nome de *contos da carochinha*, (designação que oportunamente dá vida a uma das personagens da obra lobatiana, a dona Carochinha, responsável pelas mais diversas personagens mágicas que visitam o *Sítio*). Esta denominação foi substituída por "contos de fadas" no século XX, sendo assim adotada até os nossos dias.

Um leitor menos atento perguntaria: Por que falar de contos de fadas em um texto lobatiano? A resposta é simples: Muito embora Lobato tenha inovado com sua escrita para crianças, nela permanece o fator mágico como símbolo de sua criação. Tal fator possibilita a aproximação do texto ao seu público-alvo, uma vez que o próprio Lobato tem a plena consciência de que “*a criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto*”⁸; logo, “*O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação*”. Dentro desta perspectiva, a aura que envolve as narrativas de contos de fadas é utilizada como uma estratégia textual, pois o autor se beneficia dela para desenvolver em seu texto o fator mágico, que é comprovadamente atraente aos olhos infantis. Dentre os mais diversos elos existentes entre os contos de fadas e o texto lobatiano, foram escolhidos três tópicos importantes que são:

- 1) **A menção ao mundo mágico:** Narrativas que podem contar, ou não, com a presença de fadas, mas que sugerem a existência delas como justificativa para acontecimentos textuais. Logo no primeiro livro infantil da série do *Sítio*, podem-se encontrar vestígios do mundo mágico das fadas, que é o caso da personagem Dona Aranha que, por causa de um encantamento, foi destinada a viver como Aranha fiandeira (costureira do Reino das Águas Claras). O autor justifica que essa condição pode ser alterada, pois Dona Aranha viverá assim, até

⁸ Esta idéia faz parte de uma frase dita pelo escritor em uma entrevista: "A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto", defendia. "O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação". "Escrever para crianças! - exclamou em resposta a um repórter – é admirável... Elas não têm malícia, aceitam tudo, tudo compreendem". Entrevista citada em partes por Azevedo 1998, p311 - 312 e também consta em um artigo publicado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/lobato02-3.html>.

que consiga encontrar o meio de quebrar seu encanto. Vale, neste momento, ilustrar a afirmativa com uma linda passagem que enfatiza a condição de Dona Aranha, a costureira das fadas:

Depois do jantar o príncipe levou Narizinho à casa da melhor costureira do reino. Era aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas.

- Dona Aranha – disse o príncipe – quero que faça para esta ilustre dama o vestido mais bonito do mundo. Vou dar uma grande festa em sua honra e quero vê-la deslumbrar a corte. [...]

Depois do vestido pronto Narizinho ficou: Linda, tão linda, tão mais, mais, mais, mais linda que o espelho foi arregalando ainda mais os olhos, mais, mais, mais até que - craque! ... rachou de alto a baixo em seis fragmentos!

Em vez de ficar danada com aquilo, como Narizinho esperava, dona Aranha pôs-se a dançar de alegria.

- Ora graças! Exclamou num suspiro de alívio. Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava a minha mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu este espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”

- Que bom! – aplaudiu Narizinho. E no que vai a senhora se virar?

- Não sei ainda – respondeu a aranha. Tenho de consultar o príncipe⁹.

Assim, Lobato faz uso de uma razão própria do universo das fadas para justificar a condição de uma de suas personagens.

Cabe para o momento lembrar que a personagem Dona Aranha é retomada em um ensaio ficcional de Horácio Dídimo (1996), *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, que se apresenta como uma ficção ensaística disfarçada em reportagem sobre o universo lobatiano. Nesta interpretação analógica, encontramos uma lúdica viagem pelo Sítio, na qual o autor coloca em evidência recursos textuais usados pelo escritor.

Envolvida pelo universo lúdico, a análise feita por Dídimo, apresenta a família Aracne como representações simbólicas da construção textual da obra infantil de Monteiro Lobato, evidenciando um entrelaçamento de fios textuais que aparecem na narrativa de forma funcional ou estratégica. Para ele, a família de Dona Aranha representa sete chaves textuais. A exemplo de Lobato, Dídimo trata sérias lições teóricas com bom humor, em um clima de uma grande brincadeira. Assim, seu texto

⁹ Lobato, 1970. p. 18 e 19

ganha ares lúdicos, trazendo uma divertida classificação de cada uma das chaves textuais inspirada nas idéias emilianas, como podemos observar na transcrição abaixo:

- *O seu nome científico, Dona Aranha, ou melhor, seu nome textônimo é **Proto**, porque você é a fiandeira-mor dos textos lobatianos e neles pinta e borda as nossas aventuras. Seu segundo nome é **Para**, porque você também pára para emoldurar os textos, enfeita-os com figuras e reparti-los em pedacinhos chamados capítulos. As aranhinhas são as deuterinhas: **inter, intercon, extra, trans, meta e hiper**, voce sabe muito bem por quê. [...]*

- *Visconde você é mesmo um chato de galocha e de cartola. Por que não casá-las e batizá-las com nomes de notas musicais e sobrenomes de cores do arco-íris já que elas são sete, a mãe e as filhas? [...]*

*Dobre sua língua, seu milho bolorento. Você não nunca teve coragem de dar nomes aos bois, nem sequer à Vaca Mocha, porque tem medo de animais sabuguívoros! Agora quer entender de Aracnônimos! **Pois a velha coroca é a aranha Dó, porque tem uma cabeça ou sei-lá-o-quê dura, duríssima de fazer dó. É a Dozona Vermelha, vermelhona de raiva. As aranhinhas, minhas amigas, são a Rezinha Alaranjada, a Mizinha Amarela, a Fazinha Vesde, a Solzinha Azul, a Lazinha Anil e a Sizinha Violeta. Que tal nomes sonoros e coloridos em vez de horrorosos prefixos? Hein, Visconde Sabuguento? Hein, Dona Aranha Costureira?***¹⁰

Dona Aranha e suas aranhinhas são classificadas e identificadas funcionalmente por Dídimo da seguinte forma: o fio **intertextual** é o da primeira aranhinha que é responsável por trazer personagens do mundo maravilhoso de Dona Carochinha; o fio **intercontextual** é o da segunda aranhinha responsável pelo aparecimento de personagens de outros sistemas semióticos como o cinema; o fio **extratextual** é o da terceira aranhinha que transforma pessoas reais em personagens; o fio **transtextual** é o da quarta aranhinha responsável em transformar os textos das histórias em adaptações, recontando-as ou traduzindo-as; o fio **metatextual** é o da quinta aranhinha que introduz personagens e metapersonagens no texto, ou seja, são personagens que fazem parte de meta-histórias, que se passam dentro de outras histórias; o fio **hipertextual** é o da sexta aranhinha que cria novos personagens inspirados em personagens já existentes. Assim, Dídimo faz uso de uma classificação lúdica, dando ao seu ensaio teórico a vivacidade de uma narrativa empolgante com ares de literatura infantil.

Mas, voltando ao universo dos contos de fadas e ao texto infantil lobatiano. É bom que fique claro que, em vários momentos da sua obra, surgem passagens que fazem menção ao universo mágico das fadas, e que no presente trabalho, foram

¹⁰ Dídimo, 1996, p. 43 e 44. (grifos nossos)

selecionadas, apenas três, para exemplificar este fato. Tia Nastácia, a negra de estimação da família de Dona Benta, em determinados momentos da obra, é apresentada por Narizinho aos convidados do *Sítio*, como a cozinheira da casa, mas com a ressalva de que ela é, na verdade, uma linda princesa loira, que foi encantada por uma fada má, sendo, assim, destinada a viver como cozinheira negra por toda a sua vida ou até que consiga encontrar o elo mágico que quebre o feitiço, um pequeno anel que, ao ser colocado por Nastácia, lhe devolveria sua real condição de princesa. Segundo Narizinho, por causa deste encantamento, a boa negra é a melhor cozinheira existente no mundo: seus bolinhos e as demais comidas são inigualáveis. Todos devem lembrar dessas apresentações feitas por Narizinho ou por Emília aos visitantes do *Sítio*. Uma passagem foi selecionada para exemplificar esse tópico.

Respeitável público, tenho a honra de apresentar a vovó, dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso cônego Agapinto Encerrabodes de Oliveira, que já morreu. Também apresento a princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontrasse um anel na barriga de uma certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loira.

Todos bateram palmas enquanto as duas velhas se escarrapachavam nas suas cadeiras especiais.¹¹

Há ainda o caso do casamento da boneca Emília com o porquinho Rabicó. Não se pode esquecer do curioso motivo do casamento, pois a noiva, de tão interesseira que era, aceita casar-se com o porquinho do *Sítio*, só para obter o título de Marquesa. Ela foi envolvida por uma mentira bem contada e acabou virando a Marquesa de Rabicó. Tudo aconteceu quando a menina do Narizinho Arrebitado afirmou que o porquinho era um príncipe e que vivia fuçando a terra para encontrar um anel na barriga de uma certa minhoca, pois só assim poderia voltar à sua condição real de nobre. Deste modo, Emília, deslumbrada com a condição que a união poderia lhe oferecer e, com o *status* a ser obtido, acaba aceitando casar com o porquinho, mas, instantes depois da cerimônia, fica sabendo da trapaça em que fora envolvida:

Foi um desastre. A festa desorganizou-se e Emília chorou e esperneou de raiva.

¹¹ Lobato, 1970, p. 128

- *É isso! Eu bem não estava querendo casar com o Rabicó! É um tipo muito ordinário, que não sabe respeitar uma esposa.*

Narizinho interveio e consolou-a.

- *Isso não quer dizer nada. Rabicó é meio ordinário, não nego, mas com o tempo irá criando juízo e ainda acabará um excelente esposo. Depois, é preciso não esquecer que qualquer dia ele vira príncipe e faz de você princesa.*

Mas Pedrinho, que estava danado com a feia ação de Rabicó, estragou tudo, dizendo:

- *Príncipe nada, Emília! Narizinho bobou você. Rabicó nunca foi nem será príncipe. É um porco e dos mais porcalhões, fique sabendo.*

Ao ouvir aquilo, Emília caiu para trás, desmaiada...¹².

Deste modo, o texto infantil de Lobato está repleto de menções a este universo mágico das fadas e, de forma peculiar, o autor foi entrecruzando o mágico, o alegórico, o simbólico em uma envolvente narrativa.

- 2) **Núcleo problemático da narrativa:** como nos contos de fadas, o núcleo das histórias do Sítio é problemático e de índole **existencial**, pois os heróis ou heroínas buscam a realização pessoal. Este fato leva o leitor a lembrar que Emília é quem mais se encaixa nesse tópico, uma vez que, diante da eterna crise existencial, a boneca de pano tenta a todo instante se reconhecer como gente e, em muitas passagens do texto, pode-se perceber a humanização da personagem que, aos poucos, se reconhece como um ser pensante, chegando a afirmar que é, de fato, gente. Tal fato pode ser observado na passagem selecionada como exemplo, que foi extraída do livro *Emília no País da Gramática*, em que ela faz questão de enfatizar sua qualidade de gente:

- *Que danadinhos, heim? – exclamou Emília. – mas de que jeito modificam?*

- *De muitos jeitos. Modificam de Lugar, tirando daqui e pondo ali. Modificam de Tempo, fazendo que seja agora ou depois. Modificam de Modo, fazendo que seja desse jeito ou daquele, ou que seja assim ou assado. Modificam de Intensidade, fazendo que seja mais ou menos. Modificam de Ordem, fazendo que seja primeiro lugar ou não. Pelos rótulos das prateleiras você poderá ver de que jeito eles modificam a gente.*

- *A gente verbática – frisou Emília – porque também sou gente e nada me modifica. Só tia Nastácia, às vezes...¹³.*

- 3) **Superação de problemas e obstáculos:** também vemos na narrativa de Lobato alguns obstáculos ou provas que se constituem num verdadeiro ritual de

¹² Lobato, 1970, p. 53.

¹³ Lobato, 1970, p. 317.

iniciação para o herói ou heroína. Eles tentam superar os obstáculos, passando por um processo de autoconhecimento e crescimento pessoal. Este fato pode ser contemplado no desfecho do livro *A Chave do Tamanho*, no qual Emília estabelece uma votação para verificar se deve ou não restabelecer a ordem natural das coisas ou se o mundo deveria enfrentar a nova realidade ocasionada pelo “apequenamento” da humanidade.

E foi assim que quando a dona Benta lhe perguntou sobre seu voto, o Visconde lhe respondeu intrepidamente:

- Voto pelo tamanho!

- Miserável! – berrou Emília, e em seu desespero caiu do alto da cartola, machucando o nariz. A criançada também protestou: - O voto dele não vale! Ele é milho! Milho não vota!

Dona Benta, porém manteve o voto decisivo do Visconde.

Vendo que não havia remédio senão conformar-se com a opinião do maior número, Emília fungou, fungou e, com a mais nobre humildade – grande exemplo para todos os ditadores do mundo – disse para o Visconde:

- Pois vamos para a casa das chaves, macaco!¹⁴

A transcrição demonstra claramente o quanto a boneca ficou indignada com o resultado da votação. Contudo, ela passou por cima de seus caprichos, sufocou seu desejo de criar uma nova humanidade e acatou a decisão da votação, muito embora não estivesse satisfeita com o resultado obtido. Assim, o fato de ter que respeitar a opinião da maioria significa muito na narrativa, uma vez que, através deste ato, o leitor poderia identificar um ganho, um crescimento pessoal, pois a bonequinha teve que aprender a tolerância para com o próximo, respeitando o livre arbítrio, que traz para a humanidade um diferencial em relação aos demais seres da natureza. Esta passagem encarna a máxima da democracia, pois o voto de todos os habitantes do *Sítio* foi respeitado e, como resultado de uma perfeita ação democrática, uma atitude foi tomada de acordo com a vontade da maioria, trazendo uma lição não só para a bonequinha, como também para a criançada que concordava com ela.

Acreditamos que, estando diante de um texto específico, deve haver uma pré-disposição do leitor e do investigador para descobrir o significado dos construtos simbólicos por ele apresentados, pois, se para apreciar devidamente a poesia, necessita-se possuir uma sensibilidade especial voltada para o belo e poético e, para o estudo da filosofia, é necessário um espírito filosófico, dessa mesma forma é da maior importância

¹⁴ Lobato, 1970, p. 1184

uma pré-disposição especial para adentrar em um estudo proveitoso da Literatura Infantil. Deste modo, não se pode esquecer de que em uma narrativa destinada às crianças há uma evidente junção de fatores distintos que alimentam a imaginação e a curiosidade do pequeno leitor. Assim, identificamos a presença do imaginário que se une ao simbólico, ao fantástico, ao estranho e ao maravilhoso, dando vida às mais empolgantes e emocionantes aventuras que instruem e divertem ao mesmo tempo.

Neste universo ímpar, a simbologia tem grande peso, pois a criança, conscientemente, inicia sua descoberta através da associação de natureza simbólica, descobrindo na leitura fatores que focam a mais simples mensagem do texto, para, em seguida, seu subconsciente prosseguir, promovendo associações com o cotidiano, dando lugar a uma compreensão posterior ao ato de leitura, que é a descoberta da mensagem mais complexa, que só aparece em um diálogo com a realidade do leitor.

Neste contexto, surge o crescimento psíquico da criança, através da interpretação simbólica dos textos infantis, pois, assim como o garimpeiro cava e revolve a terra, buscando com diligência o metal precioso, também a criança ou o estudioso das narrativas infantis desenvolve uma técnica inconsciente de garimpar (interpretar a simbologia) e de ver o mundo, pois o leitor (garimpeiro) cava e revolve a história (terra), buscando com diligência as mensagens edificantes (o metal precioso) e, pacientemente, seu inconsciente passa a buscar as revelações que a simbologia propõe. Deste modo, elas poderão, em determinados momentos, construir uma consciência crítica em relação ao mundo.

O presente trabalho passou a valorizar pistas textuais que atuam como elo entre realidade e ficcionalidade. É oportuno, neste momento, uma pequena nota explicativa, a título de informação: no campo da Literatura Infantil, há uma enorme discussão, entre teóricos, que tentam entendê-la e conceituá-la, avaliando seu caráter literário. Contudo, não há nesta pesquisa a pretensão de enveredar por caminhos de discussão teórica; pretende-se, apenas, promover um olhar sobre a história da infância no Brasil para então tentar entender a formação da Literatura Infantil Brasileira e a simbologia contida nas obras que constituem o *corpus* da pesquisa.

1.1 O UNIVERSO SIMBÓLICO NA LITERATURA INFANTIL

A princípio, utiliza-se a própria palavra como instrumento mágico. Serve-se dela como elemento do ritual, compelindo a natureza, por ordens ou súplicas, louvores ou encantações, a conceder-lhe o que mais importa, segundo as circunstâncias, ao bem-estar humano.¹⁵

A literatura, de modo geral, é o espaço da imaginação, o local do possível, constituído de um universo todo especial, por onde perpassa aquele eterno desejo do homem em ser melhor e em ensinar ao próximo a ver com os olhos da alma, transformando sonhos em realidade. É através da arte literária que o homem supera limites e encontra solução para tudo, pois, neste mundo particular da escrita, as palavras são acalento e arma; elas permitem que o homem seja ele próprio, revelando sonhos e desejos; mas elas também podem ser uma arma eficaz na eterna briga ideológica, criando circunstâncias sociais propícias a influenciar o leitor a tomar uma mudança de atitude. Então, muitos, através dos anos, têm perguntado: o que faz da arte literária algo especial? E cada resposta que surge não consegue definir com eficácia aquilo que muitos povos têm visto como um doce enigma.

Não se pode negar que a arte literária tem o dom de revelar o mais íntimo desejo humano, dando materialidade aos sonhos mais abstratos possíveis, pois a literatura não impõe barreiras e faz do cotidiano uma possibilidade de viver e de ver a vida de um ângulo diferente, tornando possível o que antes parecia utopia. É assim que a literatura entra na vida de cada um, como uma janela aberta para um universo de possibilidades, pois nela se encontra um delicioso pacto em que imperam o imaginário e o simbólico, que dão asas aos sonhos e torna concreto o que antes não se podia ver.

Se a literatura, de forma geral, tem esse clima mágico, quando decidimos verificar suas divisões, em épocas e regiões distintas, percebemos uma infinidade de fatores atraentes, que fazem de cada gênero literário um universo de descobertas e viagens empolgantes. Contudo, não se pode negar que ela ganha leveza e uma dimensão mais envolvente quando se trata do universo infantil.

Como já foi revelado, a literatura infantil, desde sua origem, tem sido utilizada como instrumento educacional de grande valia na propagação de costumes da sociedade

¹⁵ Meireles, 1984, 4ª ed., p.47

de cada época. Mas o que a faz tão especial é sua potencialidade simbólica, que traz para o mundinho das crianças uma enorme contribuição para a descoberta de si e do mundo real.

Em *Psicanálise dos Contos de Fadas*, de Bruno Bettelheim (1986), há uma menção às prováveis influências que as histórias infantis exercem sobre a criança, nos aspectos comportamentais, morais, sociais e psicológicos. Assim, segundo a visão do educador e terapeuta, nenhuma estória é apenas uma história ingênua: por trás dela, sempre há uma mensagem e sua existência e perpetuação comprovam a necessidade infantil de tentar entender o seu mundo (real) através da ponte estabelecida nas narrativas mágicas. Desta forma, os contos de fadas alimentam a fantasia da criança, que, ao seu modo e tempo específico, conseguirá estabelecer elos coerentes com a realidade ficcional e a extra-textual, descobrindo, assim, o que cada história revela sobre a vida e a natureza humana.

O motivo da aceitabilidade dos contos infantis está na simbologia contida em sua composição; logo, por meio da construção simbólica e com a ajuda do imaginário da criança, o mundo textual passa a ter sentido, sendo aceito com facilidade, uma vez que há na infância a necessidade de confiar em fatos que lhe pareçam mágicos.

Se o leitor da presente pesquisa ainda estiver curioso e quiser entender o porquê desta predisposição infantil, então, não se faz questão de esconder uma razão tão simples: o mundo real apresenta a vida de forma complexa; logo, ela é frequentemente desconcertante para as crianças. Assim, elas precisam ter a possibilidade de se descobrir como pessoas para então tentarem entender o mundo, o que exigirá delas habilidades para aprenderem a lidar com os mais diversos fatores e situações da sociedade em que vivem. Vejamos o que diz Bettelheim a este propósito:

“Se esperamos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência, nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas. É bem sabido que muitos perderam o desejo de viver, e param de tentá-lo, porque tal significado lhe escapou. Uma compreensão do significado da própria vida não é subitamente adquirida numa certa idade, nem mesmo se alcança a maturidade cronológica. Ao contrário a aquisição de uma compreensão segura da vida pode ou deveria ser o que constitui a maturidade psicológica. E esta realização é resultado final de um longo desenvolvimento: a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma quantidade módica de significado congruente com o “quanto” nossa mente e compreensão já se desenvolveram.

[...]

Infelizmente muitos pais querem que as mentes dos filhos funcionem como as suas – como se uma compreensão madura sobre nós

mesmos e o mundo, e nossas idéias sobre o significado da vida não tivessem que se desenvolver lentamente quanto nosso corpo e mente.

Hoje como no passado, a tarefa mais importante é também a mais difícil na criação de uma criança é: ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, na medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor: com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. [...] Quando as crianças são novas é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação”¹⁶.

De acordo com as palavras do educador e terapeuta, há uma real necessidade de se descobrir um universo de significados, sentidos, e um deles é o da própria existência. Tal sentido vai sendo construído ao longo da vida e não depende de idade, mas, sim, do tipo de experiências que o ser humano vivenciou. Bettelheim evidencia que, durante a infância, é na literatura que se pode encontrar um meio de promover o amadurecimento do ser; contudo, adverte que a promessa de crescimento psíquico se torna vã se a literatura em questão for “oca”.

Deste modo, a mensagem dos contos de fadas transmite às crianças, de forma múltipla, as informações necessárias ao seu crescimento cognitivo, como se tivesse a possibilidade de avisar que: uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável e que, em muitos momentos, não se deve deixar intimidar pelos maus tempos, pois deve encontrar em si forças para prosseguir a caminhada, mesmo que haja opressões inesperadas ou injustas. Mesmo assim, tal como os heróis e heroínas das histórias infantis, deve-se enfrentar a vida de cabeça erguida, e modo firme, contornar todos os obstáculos e, enfim, sair vitoriosa(o). Tal posicionamento se encaixa perfeitamente nas idéias lobatianas. Portanto, o criador do *Sítio* encontrou, por indução da experiência pessoal, um meio eficaz de promover a tão sonhada metamorfose pedagógica e social a que se propôs durante sua existência.

Diante destas palavras, é importante lembrar que o autor está situado em um período em que as crianças brasileiras estavam enfrentando uma fase de resignação imposta pelos adultos: elas eram vistas como caricaturas; portanto, deveriam se portar e se vestir como gente grande. Os pequenos deveriam acatar de forma passiva as verdades sociais que lhes eram apresentadas, sem direito a questioná-las, vivendo um momento de quase anulação de sua condição humana. Para evidenciar a organização social desta

¹⁶ Bettelheim, 1986, p. 11 e 12 (grifos nossos).

época, propomos uma rápida panorâmica que possa exemplificar e, mais que isso, representar uma parte de nossa História.

1.2 UM MERGULHO NA HISTÓRIA: A INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. [...] O livro é isto. É algo mais, também: a imaginação. O que é nosso passado senão uma série de sonhos? Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado? Essa é a função exercida pelo livro.¹⁷

Para dar início a reflexões coerentes, ousamos afirmar que a História da Literatura infantil Brasileira confunde-se um pouco com a história da infância e sua descoberta. E, portanto, resgatar um pouco do universo infantil pode enriquecer o trabalho. Contudo, tal resgate dar-se-á de forma sucinta, através de referências da leitura de duas obras distintas: *História Social da Infância e da Família*, de Philippe Ariès, valorizando a temática da evolução da infância no processo histórico-social; e a *História das Crianças no Brasil*, organizada por Mary Del Priore, que reuniu em um único volume olhares diferentes sobre a história da infância no território brasileiro.

Em seus estudos, Ariès (1981) nos revela dois fios condutores para a trajetória do reconhecimento da criança. O primeiro é a constatação da ausência de um sentido para a palavra infância, pois, em determinados momentos históricos, a sociedade via a criança como um brinquedo, um “*animalzinho sem alma*”¹⁸, ou como uma miniatura do adulto; mas, por volta do fim da Idade Média, surgem novas perspectivas segundo as quais ela é contemplada de uma forma mais diferenciada, sendo fruto de uma interpretação das sociedades tradicionais do Ocidente:

A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança, então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava dos seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. As transmissões dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto, nem asseguradas nem

¹⁷ Borges, 1999, p. 189.

¹⁸ Ariès, 1981, p. 57.

controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças a convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las.

A passagem da criança pela infância e pela família era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. [...] as pessoas se divertiam com as crianças pequenas como um animalzinho, um macaquinho impudico. [...] mas a regra geral não era fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato¹⁹.

Pelas palavras transcritas, pode-se perceber que, naquele período, não havia o reconhecimento de uma fase distinta dos adultos: as crianças eram vistas como miniaturas e o seu crescimento era entendido como um fenômeno quantitativo e não qualitativo. Não havia uma preocupação com a qualidade de sua formação, e sim com a quantidade de sobreviventes desta fase, uma vez que altos índices de mortalidade imperavam neste período histórico. Assim, o trajeto de crescimento de uma criança era interpretado como um aumento quantitativo de todos os aspectos físicos e mentais da espécie, ou seja, seu crescimento era apenas a garantia da perpetuação da espécie. Desta forma, tão logo superado o período de alto risco de mortalidade, as crianças misturavam-se aos adultos, sem deles haver qualquer distinção.

A “infância” era, na verdade, um período de transição (de metamorfose), mínimo, pois, superado o momento de fragilidade deste pequeno ser, quando ele começava a ter um pouco da independência dos adultos, logo era tido como um pequeno homem, capaz de realizar atividades comuns à sua espécie. Deste modo, o que hoje é conhecido como infância, no passado, restringia-se a esse curto período que, de tão curto e frágil, comprometia a formação de um sentimento vinculado a ele: a lembrança deste curto período era logo perdida, ou sufocada pela idéia de sobrevivência e garantia de perpetuação da espécie.

O segundo ponto, ou fio condutor do texto, é a descoberta de uma definição da infância como um período distinto da vida adulta, que oferece à criança um novo lugar na formação familiar, no qual ela se configura como membro da família (rodeado

¹⁹ Ariès 1981, p 10.

de particularidades), assumindo destaque dentro do grupo. Assim, de acordo com Ariès, a criança passa a ter um novo papel na formação social.

Com a descoberta da infância no século XVI e com a valorização desta fase, surge, então, a necessidade de elaborar meios de garantir sua formação. Mas este fato só vem a ganhar forças e a ser concretizado como algo de grande importância no meio intelectual a partir do século XIX, quando a criança passa realmente a ser contemplada com uma atenção diferenciada. Assim, a visão da infância propicia o surgimento da preocupação com o pequeno ser:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isto quer dizer que a criança deixou de ser misturada com o adulto e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. [...] Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se entenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização²⁰.

Em concordância com a citação, pode-se perceber que não só surgiu a concepção de infância, como também essa descoberta mudou o comportamento das pessoas para com a criança, originando novas práticas sociais, como a criação de escolas voltadas para a sua formação. Diante de tal fato, mergulhamos um pouco mais no texto de Philippe Ariès, para verificar como tudo aconteceu. Seus estudos nos apresentam fatos importantes que contribuíram para a transição da Idade Média para a Modernidade: o primeiro seria **o novo papel do Estado** e sua justiça, interferindo, com maior frequência, no espaço social; o segundo seria **o desenvolvimento da alfabetização e dos livros**, que distanciavam os indivíduos da comunidade; o terceiro seria **o estabelecimento de novas formas de religião** (ao longo dos séculos XVI e XVII) que exigia dos fiéis uma devoção interior, envolvendo a visão da infância como algo divino.

A eleição destes três fatores para direcionar a pesquisa não significa que eles tenham sido os únicos encontrados no texto. Com efeito, muitos outros fatores se somaram a eles, dando origem a atitudes sociais, entre os quais o conceito da criança como um ser diferenciado, que carrega fragilidade, não apenas física como também

²⁰ Ariès, 1981, p 10.

psicológica. À medida que essa idéia de fragilidade tomava forças e peso dentro da sociedade, foi-se aos poucos criando a necessidade de proteção e preparo das crianças para que elas pudessem enfrentar as etapas da vida.

Em algumas sociedades, essas etapas eram enfrentadas de acordo com as classes sociais. Contudo, não se pode negar que a principal mudança de reconhecimento da infância se fez presente em todas as classes, passando a estrutura familiar por uma adaptação comportamental que compromete a formação familiar tradicional.

Assim, surgem particularidades, ocasionando um fenômeno de individualidade do ser, dentro da sociedade, originando a passagem de uma experiência coletiva para a individual.

Mas como funcionavam essas visões? Ora, em uma sociedade onde a coletividade impera, a criança é tida como mais um membro, sem distinção dos outros existentes no grupo. Desta forma, ela era enquadrada na coletividade como mais um ser dentro do grupo social. Já na visão particular e individual, afloram detalhes importantes que qualificam, ou identificam um ser dentro do grupo, surgindo a necessidade de contemplar as diferenças e reconhecer nelas a importância de atender à criança em sua individualidade. Assim, a relação criança/adulto passa a ser vista com distinções de práticas comuns dentro do grupo, ocasionando, aos poucos, uma metamorfose social.

Como tudo ocorreu lentamente, durante um longo período de tempo, à história é que nos autoriza afirmar, que durante esse longo processo, as crianças enfrentavam situações inadequadas à idade. Muitos tinham sua formação e até sua saúde comprometida devido a práticas sociais que exigiam esforços desmedidos. Mas não era só no campo produtivo que as crianças se prejudicavam; elas também tinham suas relações afetivas comprometidas, já que se inseriam dentro das atividades e da vida social sem a menor distinção dos adultos.

Dentro da visão de coletividade, não havia a preocupação em poupá-las de esforços inadequados ou de comportamentos ilícitos, provocando a sua precocidade sexual. Meninas de apenas 12 anos eram tidas como aptas a constituir família, sem preparo e formação prévia. Elas entravam na vida sexual muito cedo, tal como entravam na vida adulta sem passarem pela infância.

Mas, se o leitor pergunta, neste momento, o que tal fato tem a ver com a obra lobatiana, então desde já informamos que o comportamento descrito nos parágrafos anteriores vai se refletir diretamente no desejo de mudança manifestado na literatura

lobatiana. Essa deficiência na formação de algumas crianças será combatida por novas idéias que trarão para o leitor um novo posicionamento.

Mas, voltando ao resgate histórico, com o estabelecimento de novos valores, as práticas sociais sofreram fortes transformações, dando lugar a manifestações calcadas na religiosidade e na nova organização política. Assim, os membros da sociedade passaram a manifestar preocupação com o espiritual, e não apenas com o material.

Logo a formação religiosa, amparada pelo Estado, estabelecia regras e valores, ensinando cada ser a lidar, de forma respeitosa, com o seu próprio corpo e com corpo do outro. Esse estabelecimento ou imposição inspirou os governantes e a família a adquirirem novas perspectivas sociais, colocando em evidência a necessidade de proteger as crianças e jovens das tentações da vida, isto é, proteger a sua moralidade. Assim, o colégio das ordens religiosas tornou-se, então, uma instituição essencial da sociedade, local de instrução e educação da vida moral e espiritual dos pequenos.

Observando a interferência da Igreja na sociedade, pode-se perceber o surgimento de duas novas idéias: a noção da **fraqueza** da infância e o sentimento da **responsabilidade moral** dos mestres em sua formação. Tais modificações comprometeram os laços familiares e estabeleceram uma nova relação, na qual pais e filhos promovem o fortalecimento do espaço privado, visando, um novo significado de família, que deixa de ser apenas uma unidade econômica (na qual todos vivem em prol do trabalho), para tornar-se um lugar de afetividade (no qual se estabelecem relações de sentimento entre o casal e os filhos), caracterizando assim, a valorização das diferenças existentes entre adultos e crianças. Envolvida com essa nova organização social, as famílias vão colocando em destaque a existência de um lugar de atenção à infância, em que os filhos pequenos proporcionavam diversão e alegria ao seio familiar.

Em pouco tempo, surgiram especialistas (religiosos, governantes, professores, pedagogos e psicólogos) que questionavam, na visão deles, a supervalorização das crianças, questionando o radicalismo de idéias velhas e novas, pois assim como a visão tradicional de coletividade era levada ao extremo da anulação da infância, a nova visão tinha conduzido os membros da família a outro extremo, de supervalorização através dos mimos demasiados dessas pequenas vidas. Se antes as crianças eram ignoradas e vistas como adultos em miniatura, com a quebra dessas idéias, elas passaram a ser supervalorizadas e cheias de mimos, o que também comprometia sua formação. Surgia então, a necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre as atitudes extremistas.

Ao criticar a nova formação familiar, moralistas denunciam a complacência dos pais em relação aos filhos, encarando os excessos de atenção e mimos como nefastos à criança e à sociedade. Assim, com o objetivo de encontrar um meio termo, entre a nova e a velha relação estabelecida, o Estado e a Igreja encarregam-se do sistema educativo, com o propósito de estabelecer novas estruturas educacionais, das quais fazem parte os colégios, onde a infância e a adolescência são enquadradas em lugares separados e fechados, sob a autoridade de especialistas adultos.

Diante de tal exposição, cabe a seguinte reflexão: o que é que esse panorama histórico tem a ver com a Literatura Infantil e com Monteiro Lobato?

Ora, a resposta é simples: com o reconhecimento da infância e com o estabelecimento de instituições voltadas para a educação, houve a necessidade da criação de textos coerentes a essa formação, surgindo em princípio livros didáticos e, em seguida, textos literariamente mais elaborados, com lições de moral, a famosa moral da história das fábulas e dos contos infantis. Tais textos eram envolvidos pelo alegórico, pelo estranho, pelo fantástico e o maravilhoso, surgindo assim, a literatura infantil universal, na qual Lobato se inspirou para produzir o que hoje conhecemos como Literatura Infantil Brasileira.

Neste contexto histórico, pode-se também perceber uma verdadeira metamorfose comportamental, que ocasionou o reconhecimento da infância e o surgimento da Literatura Infantil como apoio pedagógico. Pensamos que a escolha do texto de Ariès é de suma importância para este trabalho, pois constitui um índice de comprovação da importância da literatura na formação das crianças. Em seu texto pode-se encontrar o registro do reconhecimento da Literatura Infantil como um potencial pedagógico. Vele a pena ilustrar com uma passagem do texto:

A literatura infantil, desde o seu surgimento, vem se debatendo com um sério dilema: tem ou não função educativa. Se nos reportarmos a sua origem, constatamos que o nascimento do gênero está associado, inicialmente, ao surgimento do sentimento de infância na sociedade ocidental. Mais tarde, a escola vê a literatura como um meio de auxiliar na educação das crianças. No momento em que se consolidam as instituições que pretendiam formar os pequenos, o gênero aparece com a finalidade de prepará-los para o convívio com os adultos, retirando-os da promiscuidade que tinham com os mais velhos²¹.

²¹ Ariès, 1981.

A transcrição demonstra que o pesquisador coloca o texto literário exatamente na condição vista pelo criador do *Sítio*, de agente formador ou transformador de um ser, que conseqüentemente terá a missão de, em um futuro próximo, promover a valorização de novas idéias que poderão culminar em uma organização social mais justa. Neste caso, a descoberta transformadora do texto literário pode ser vista como o ponto crucial deste capítulo, uma vez que tudo gira em torno desse reconhecimento.

Outro texto importante é o da pesquisadora Mary Del Priore (2007), que fala especificamente da realidade brasileira, do longo processo de reconhecimento da infância no Novo Mundo, na América do Sul. Do texto europeu, chega-se ao texto brasileiro, na tentativa de conduzir questionamentos coerentes ao surgimento do conceito de Infância no Brasil. A mudança espacial compromete a organização social dando origem a realidades distintas. Assim, os textos brasileiros apontam ou registram um determinado período histórico, em que há uma reprodução comportamental dos colonizadores europeus para com as crianças encontradas na América. Contudo, vale a pena ressaltar que, no novo território, a miscigenação cultural (branco, índio e negro) possibilitou a diversidade de comportamentos vinculados ao tipo de grupo social do núcleo familiar. Assim, o comportamento social era estabelecido de acordo com as classes e etnias presentes no território brasileiro.

É justamente na trilha destes registros que tentamos encontrar respaldo para a análise proposta, uma vez que consideramos importante descobrir ou confirmar a inclusão do texto literário na formação da criança. E, para tal intuito, encontramos apoio nos relatos históricos encontrados na coletânea de textos organizada por Del Priore. Os referidos registros históricos aproximam a pesquisa do texto lobatiano a uma realidade específica da criança brasileira em períodos diversos.

Nesses textos, percebemos a presença de um sentimento confuso em relação às crianças, pois as condições coloniais traziam para cada grupo uma realidade distinta. Brancos e índios tiveram a atenção religiosa, enquanto o negro é socialmente ignorado. Tido como objeto ou animal sem alma, sendo embora a base da economia agrícola como mão-de-obra escravizada, o negro vivenciou uma realidade de “ausência” da infância ou da “história do infante” como algo importante para o povo brasileiro, pois as crianças negras estavam envolvidas na idéia de coletividade, tal como foi descrito por Ariès (1981). Mas, o Brasil também lidava com outras realidades que igualmente envolvem as crianças: as que foram trazidas pelos colonizadores europeus, as nascidas

no seu território, as indígenas e as que representam o fruto da miscigenação das raças, com olhares e atitudes distintas, originando um país cheio de conflitos sociais.

Neste mergulho histórico, o leitor desavisado pode ignorar a importância dos fatos descritos. Todavia, a descoberta da infância e o reconhecimento de particularidades da sociedade brasileira pesam significativamente no texto lobatiano, visto que o autor, ao sonhar com uma sociedade mais justa, transmite para os pequenos leitores essas particularidades geradoras de conflitos sociais que deverão sofrer uma metamorfose pela ação direta dos leitores. Em um momento propício, este assunto receberá uma atenção maior; no momento, porém, cabe apenas registrar a importância das informações colhidas no panorama histórico.

Voltando à valorização da infância em terras brasileiras, é importante deixar claro que o reconhecimento da infância não contemplará, de forma igualitária as classes sociais aqui destacadas. Logo, o uso de texto literário como recurso pedagógico, prioritariamente só atingiu uma minoria privilegiada.

Nos textos reunidos por Mary Del Priore, pode-se contemplar, inicialmente, na figura do colonizador, o primeiro registro do papel social atribuído à criança do período colonial, que é o de interpretar e disseminar uma nova visão social e religiosa em relação aos nativos. As crianças européias, vindas para o Brasil em condições adversas, rapidamente aprendiam as línguas nativas e serviam de intérpretes aos jesuítas que, por sua vez, usavam a criança indígena (o curumim) como meio de catequese dos gentios.

Ao construir a história do Brasil, os colonizadores deixavam resquícios de sua terra, estabelecendo o contexto social do Novo Mundo com a mistura de realidades vindas de terras distantes. Lobato, em seus textos infantis, também conta um pouco com o resultado obtido através desta mistura racial, quando valoriza o conhecimento popular (o folclore). Mas, daremos a este assunto uma merecida atenção, um pouco mais adiante.

Os colonizadores e os demais povos que entraram nas terras brasileiras deixaram marcas sociais, que revelam como foi construída a História do Brasil. Já que os europeus, na época da colonização, vivenciavam grandes mudanças sociais, traziam consigo idéias e iniciativas de suas terras. Uma delas era o reconhecimento da criança como um ser diferenciado dos demais, com a correspondente noção das etapas distintas da vida humana, embora de forma equívoca e pouco coerente.

Os padres da Companhia de Jesus incutiram nos curumins a esperança de construir o cidadão do Novo Mundo com ideais cristãos. Os fugitivos da Santa

Inquisição queriam reconstruir suas vidas e a de seus filhos a partir dos valores do protestantismo; os exilados (ladrões e infratores da lei) buscavam a sobrevivência, usando a exploração das crianças para adquirirem recursos; os índios (que eram os reais donos da terra) queriam, apenas, continuar sua tradição e deixavam os curumins livres para aprenderem com a natureza e com os mais velhos; os escravos, sob o jugo da condição social que lhes era imposta, queriam garantir a sua sobrevivência e a dos seus filhos, conquistando a liberdade. Configurava-se, assim, um complexo quadro da infância no Novo Mundo.

Para não tornarmos a viagem histórica muito longa, seguiremos apenas uma linha de infância, reconhecida oficialmente como padrão da colonização, tomando como ponto de partida os padres da companhia de Jesus. Os curumins aprendiam os valores cristãos e tinham a missão de repassá-los para os adultos de sua tribo (os pais), através da catequese, carregando, desta forma, uma enorme responsabilidade. Essa atitude era aceita pelos governantes europeus com naturalidade, já que os jesuítas, encarregados da catequese e da salvação dos gentios, tinham o conhecimento de que a criança era um ser em formação. Seria, pois, natural que depositassem nela toda a responsabilidade de construir uma nova nação, com valores cristãos.

Este assunto permite uma análise paralela, pois Lobato, como os jesuítas, tinha o conhecimento de que a criança era um ser em desenvolvimento, propício ao aprendizado e à aceitação de idéias, que poderiam fazer parte de sua nova visão do mundo. Tal como os jesuítas, Lobato, através de suas histórias infantis, passa a depositar nas crianças a esperança de metamorfose social, atribuindo a elas a responsabilidade de construir um novo mundo, com valores diferentes da sociedade em que o autor estava inserido.

Mas, no Brasil, nem sempre as crianças foram vistas assim, dotadas de responsabilidades e com tal destino traçado. Em períodos distintos, algumas foram ignoradas e outras, no período de escravidão, eram vistas como um brinquedo do adulto ou uma coisa engraçadinha, como afirma Del Priore²²:

Crianças pequenas, brancas ou negras, passavam de colo em colo e eram mimadas à vontade, tratadas como pequenos brinquedos. [...] Os mimos em torno das crianças pequenas estendiam aos negrinhos escravos

²² Del Priore, Mary. “O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império”, in *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 89.

ou forros vistos por vários viajantes nos braços de suas senhoras ou engatinhando em suas camarinhas. Brincava-se com crianças pequenas como se brincavam com animalzinho de estimação. Mas isto não era privilégio do Brasil. Nas grandes famílias extensas da Europa ocidental, onde a presença de crianças de todas as idades e colaterais eram permanentes, criava-se uma multiplicidade de conveniências [...] Esses eram retratados pelos mais velhos como verdadeiros brinquedos, da mesma forma, aliás, como eram os filhos dos escravos entre nós: engatinhando nas camarinhas de suas senhoras, recebendo de comer na boca, ao pé da mesa²³.

A pesquisadora nos mostra que, nesta época, a criança tinha um valor equivalente a um animal de estimação; porém, superada a fase de dependência, elas passavam a ser tratadas como um membro qualquer da casa. Os filhos dos brancos iriam ter uma formação, com orientação dos pais, e os filhos dos negros iriam ajudar os pais nas tarefas da propriedade.

Sabe-se que, na trajetória do reconhecimento da criança como um ser especial (e não como uma miniatura dos homens), somam-se anos de práticas sócio-familiar que não visavam uma formação com uma visão propriamente pedagógica: a criança deveria aprender coisas ligadas às práticas econômicas exercidas por seus pais, para garantirem a sobrevivência, a perpetuação dos bens e dos nomes de família (no caso de famílias de grandes posses).

Tudo acontecia em passos lentos e as pequenas transformações sociais exigiam um novo posicionamento, que passava a colocar as crianças em situações peculiares, proporcionando a conscientização dos adultos em relação à necessidade de garantirem uma formação adequada a esta fase da vida humana. A partir da consciência de que a criança é um ser em formação, surge uma gama de atitudes voltadas para o seu amadurecimento psíquico e social.

É justamente neste contexto de crescimento psíquico da criança que entra a Literatura como apoio pedagógico e como fonte de idéias que viabilizarão o seu amadurecimento. É neste contexto que se pode constatar uma trajetória da conquista dos direitos da criança e a descoberta da infância como uma fase especial. Logo reconhecida como membro de uma sociedade, a criança garante seus direitos de formação

²³ Del Priore, 2007, p. 96

pedagógica, da qual fazem parte o universo literário e a Literatura Infantil de Monteiro Lobato.

1.3 ARQUÉTIPOS PEDAGÓGICOS DO UNIVERSO INFANTIL

*A obra de arte pode também transmitir um conhecimento que não se encaixa no esquema platônico; ela o faz quando antecipa caminhos da experiência futura, imagina modelos de pensamento e comportamento ainda não experimentados ou contém uma resposta a novas perguntas.*²⁴

É neste ambiente que a sociedade brasileira, encravada nos valores tradicionais, se vê diante da necessidade de promover a educação das crianças. Foram poucas as tentativas neste sentido, devido à visão tradicionalista. Deste modo, as que tinham uma família economicamente estável, recorriam aos colégios internos, de padres e freiras, cuja educação primava pelos valores da Igreja Católica. As demais crianças muitas vezes não freqüentavam a escola, por falta de recursos, ou tinham como meio de formação pequenos grupos escolares, gratuitos, que funcionavam precariamente, com o objetivo de iniciarem as crianças no mundo dos alfabetizados.

Segundo as observações encontradas no livro *Panorama Histórico da Literatura Infantil/juvenil* de Nelly Novaes Coelho, no início do século XIX o Brasil iniciou “a caminhada para o progresso econômico, independência política e conquista da cultura que o colocaria entre as nações civilizadas do ocidente.”²⁵ Assim, as inúmeras mudanças que se iniciaram desde 1808 com a vinda da família real portuguesa ao Brasil acentuaram-se, originando a quebra do ensino jesuítico e ocasionando a criação oficial de academias, cursos e escolas que visavam à formação profissional de nossa gente. É Coelho (1985) quem nos lembra que “a educação era um dos problemas que mais preocupava os mentores de nosso desenvolvimento”²⁶ por isso, o Brasil vivenciou uma fase de debates que culminou em reformas do ensino primário, secundário e superior, objetivando a estruturação da educação nacional.

Já no século XIX, a Literatura Infantil passa a ter uma nova abertura que formará novas mentalidades, mostrando que a escola precisa estar atenta e rever seu conhecimento de mundo. Assim, surge como um agente na formação do indivíduo, levando-o para uma realidade social do seu meio. De acordo com Coelho (2000)²⁷, é necessário um confronto dos valores tradicionais da literatura Infantil com os valores

²⁴ Jauss, 1994, p. 39.

²⁵ Coelho, 1985, p.165

²⁶ Idem.

²⁷ Coelho, 2000 pp. 18-27

novos, Esse confronto certamente ajudará os professores a se situarem criticamente diante da realidade histórica, social e cultural, herdada em nosso século.

O nosso país passou por grandes revoluções. Uma delas foi a educacional, que surgiu para resolver os problemas do Brasil arcaico, por volta da década de 1910, quando opiniões sobre a educação apareciam estampadas em livros infantis e artigos de jornais, dando início a uma série de reflexões que começariam a circular de forma mais ampla e promoveriam transformações no decorrer da década de 1920.

Assim, o entusiasmo pela educação envolveu intelectuais de todo o país, que naquela época viveu “*um clima de efervescência ideológica e de inquietação social*”. Entre 1920 e 1929, a educação recebe um destaque especial, pois no meio de tantas transformações sociais²⁸, percebeu-se que a educação era a base de tudo o que havia de certo ou errado na sociedade, originando assim, a chamada revolução educacional, que apresentou suas primeiras manifestações, de maneira mais sistemática e mais influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos, de conteúdo moral e cívico, ou melhor, de acentuada nota patriótica. A este respeito, encontramos nas palavras de Nelly Novaes Coelho uma visão dos acontecimentos que envolviam a educação brasileira, como podemos conferir na transcrição abaixo:

Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infante-juvenil, começa a se firmar, no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileira. (tal como vinha sendo feito na área da literatura “adulta” e nos demais setores do pensamento culto).

[...]

Essa experiência literária vai-se dar inicialmente, no âmbito do ensino escolar. Literatura e pedagogia desenvolveram-se fortemente unidas. A época era de transformações aceleradas. Emergia uma nova classe, - a classe média se auto-afirma, principalmente através das profissões liberais. Um novo valor começa a ser dado à inteligência, ao Saber.²⁹

Intelectuais brasileiros da época acreditavam que a valorização da pátria culminaria em um fértil desenvolvimento e estruturação de idéias educacionais nacionalistas, e Monteiro Lobato, evidentemente, faz parte desse pequeno grupo, que se encaixa dentro do contexto histórico, por desenvolver um projeto educativo e ideológico

²⁸ Transformações sociais: revoluções e incursões armadas, perturbações nas campanhas presidenciais, reivindicações operárias, manifestos feministas, anarquistas e socialistas, pressões da burguesia empresarial, a Semana de Arte Moderna de 1922, o tenentismo e o desencadeamento do movimento revolucionário que, em 1930, levaria Getúlio Vargas ao poder. Enfim, a sociedade brasileira vivenciava um verdadeiro caldeirão revolucionário.

²⁹ Coelho, 1985, p.166.

que via no texto infantil e na escola aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos, como se pode observar na seguinte transcrição:

*As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde ressurre a 'moralidade', isto é, a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.*³⁰

Assim, através da Literatura Infantil, acreditava-se que a educação trilharia um caminho mais proveitoso e divertido, pois as crianças fugiriam das enfadonhas memorizações de acontecimentos e passariam a refletir sobre fatos que entram em diálogo com sua realidade. Deste modo, na década de vinte, manifestaram-se grupos de idealizadores que levantaram a bandeira de luta contra o analfabetismo que imperava em terras brasileiras, pois consta que, em 1922, no primeiro centenário da independência, pesava sobre a Nação uma cota de 80% de analfabetos. Este fato inspirou a desenfreada busca de uma educação de qualidade, que pudesse sanar a sociedade deste mal e, ao mesmo tempo, livrá-la de uma vergonha secular.

Entusiastas da educação, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Monteiro Lobato, acreditavam que a escolarização era o "problema vital" do país. Portanto, solucionado o problema da educação, estariam resolvidos os demais que assolavam os campos político, econômico e social. O brasileiro alfabetizado e educado poderia assegurar a votação e a criação de uma consciência política, que faria o país se livrar da mão de ferro imposta pelo governo oligárquico, sem falarmos na qualificação dos trabalhadores, operada pela mudança educacional, que possibilitaria a tão sonhada modernização industrial do país.

Caso o leitor não veja ligação entre os sonhos dos educadores e a Literatura Infantil, então cabe um pequeno comentário que permitirá tal associação. No livro *Mundo da Lua*, de Monteiro Lobato, publicado em 1923, há reflexões valiosas quanto à precariedade da estrutura educacional do país e alguns comentários sobre a vida escolar do autor, sua decepção com a escola tradicional e a idealização da educação baseada na literatura. Acreditava numa potencialidade tamanha da criança que fez o seguinte comentário ao amigo e conselheiro Godofredo Rangel em uma carta datada de

³⁰ *Fábulas, 1918 Apud* MATTOS, Ilmar Rohloff de: *"No sítio de José Bento". Relatório do Projeto Integrado de Pesquisa Modernos Descobrimientos do Brasil.* CNPq, 1997, p. 23.

28/03/1943 quando o autor já havia ganho reconhecimento de sua obra infantil e pode perceber que havia escolhido o caminho certo para a sua literatura:

E isso não deixa de me assustar porque tenho bem viva a recordação de minhas primeiras leituras. Não me lembro do que li ontem, mas tenho bem vivo o Robinson inteirinho – o meu Robinson dos onze anos. A receptividade do cérebro infantil ainda limpo de impressões é algo tremendo – e foi ao que o infante fascismo da nossa era recorreu para a sórdida escravização de todas as liberdades. A destruição em curso vai ser a maior da história, porque os soldados de Hitler leram em crianças os venenos cientificamente dosados por hitlerismo – leram – como eu li o Robinson. Para que bem avalies o que é uma criança, mando cópia de uma carta que recebida ontem, muito típica das centenas que recebo dizendo sempre a mesma coisa. Embora com menos expressão e intensidade. Ah Rangel, que mundos diferentes o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança “um adulto em ponto pequeno”, é que tantos escritores fracassam na Literatura Infantil e um Andersen fica eterno. Estou nesse setor há já vinte anos, e o intenso grau de minha “reeditabilidade” mostra que o meu verdadeiro setor é esse. A reeditabilidade dos meus livros para adultos é muito menor. Não posso dar a receita.³¹

A transcrição demonstra que a educação idealizada pelo autor está calcada em suas experiências pessoais de contato com a leitura fora da escola, fazendo-o desejar abrir as portas das instituições educacionais para novas perspectivas de ensino que uniam a literatura à formação das crianças. Em alguns relatos, ele compara a educação tradicional com uma tortura, uma lavagem cerebral, que em nada contribui para o crescimento intelectual. Segundo ele, os professores deveriam estimular a imaginação da criança, através de uma envolvente leitura que propiciasse questionamentos edificantes. Em inúmeras passagens de sua obra infantil Lobato questiona o conhecimento adquirido no ambiente escolar, colocando em evidencia a precariedade do ensino brasileiro, como podemos observar no trecho de *Serões de Dona Benta*, no qual Pedrinho faz o seguinte comentário:

Anda a mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro.³²

³¹ Lobato, 1957, p. 346 e 347.

³² Lobato, 1970, p. 497.

Lobato é o idealizador de uma literatura infantil genuína, colocando na doce figura de Dona Benta uma resposta para o modelo de mestre, pois ela desempenha com sucesso a função da escola, sendo a professora ideal, que consegue ensinar e encantar ouvintes, atentos e interessados que, estão sempre dispostos a interagir com a vovó, polemizando temas que contribuem para construção do conhecimento.

Deste modo, a literatura infantil de Monteiro Lobato surge no Brasil anos antes das teorias educacionais da Escola Nova³³, ganhando seu projeto pedagógico mais força com a ajuda do pedagogo Anísio Teixeira.

Em 1927, ele teria a oportunidade de conhecer melhor estas teorias, através da amizade de Anísio Teixeira. Ambos estavam nos Estados Unidos: Lobato como adido comercial e Teixeira como estudante do Departamento de Educação da Universidade de Colúmbia. Sem dúvida alguma, o momento foi oportuno, pois eles apresentavam igualmente uma séria preocupação com a educação brasileira. Quando o estudante voltou para o Brasil, Lobato escreveu uma carta, apresentando-o a Fernando de Azevedo, outro líder do movimento da renovação educacional no país, que na época dirigia o ensino no Distrito Federal. Lobato apresenta Teixeira como *a inteligência mais brilhante e o maior coração que ele encontrou nestes últimos anos de vida*. Esta amizade marca de forma especial o rumo do nosso trabalho, pois algumas cartas que Lobato e Teixeira trocaram e as que o escritor enviou, ao longo dos anos, ao amigo Godofredo Rangel, são, justamente, as que constituem grande parte do *corpus* da presente pesquisa.

É interessante como Lobato constrói sua caminhada voltada para a realização de um sonho. Mais que qualquer outro, ele soube promover iniciativas que objetivavam

³³ Doutrina que contemplava a reforma educacional brasileira, trazendo a visão de uma nova pedagogia, oferecendo um novo papel do educador, que deveria ser de simples agente fornecedor de meios para que a criança se desenvolva por si própria. Nada de constrangê-la ou de tentar enquadrá-la a partir de situações antecipadamente programadas do ponto de vista do adulto. O que importa é que a criança se desenvolva por meio da própria experiência. É preciso, portanto, que ela experimente para poder aprender. A inclusão do trabalho livre, da atividade lúdica, dos trabalhos manuais, enfim, a adoção do princípio da educação pela ação e não mais pelo imobilismo são algumas das conseqüências da nova concepção. Reage-se contra o "didatismo deformador", pois o que importa não é aprender coisas, mas aprender a observar, a pesquisar, a pensar, enfim, aprender a aprender. Essa foi a doutrina adotada como modelo em uma época rica em debates sobre reformas educacionais, novas teses pedagógicas e fundamentos teóricos da psicologia surgidos na Europa e nos Estados Unidos questionadores de antigas metodologias de ensino, exigindo uma profunda reestruturação do sistema. Fonte: o texto **Monteiro Lobato e a infância na República Velha** de Cilza Carla Bignotto, disponível no seguinte endereço eletrônico www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/RepublicaVelha.htm. Acessado em 09/08/2007.

estabelecer metas ou etapas de um projeto social que encantou e fascinou milhares de brasileiros. Para entender melhor sua caminhada, resolvemos dedicar algumas linhas às iniciativas de um homem que passou grande parte de sua vida preocupado com o próximo, com a coletividade, enfim, com a qualidade de vida do povo brasileiro.

Capítulo II

MONTEIRO LOBATO: UM VISIONÁRIO SOCIAL



*"Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser"*³⁴.

³⁴ Lobato, 1957. Carta enviada ao amigo Rangel, datada no dia 28/11/1928, em Nova York. p. 312.

2. MONTEIRO LOBATO: UM VISIONÁRIO SOCIAL

*A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje.*³⁵

Lobato, Com espírito criativo, trouxe ao Brasil idéias revolucionárias no sentido de se explorar o subsolo, as mentes e a capacidade do povo, dando a todos a oportunidade de viver dignamente. Para ele, a criança tinha a potencialidade de se tornar um gênio entre os homens, mas quase todos os adultos lhe impunham uma submissão irracional, que cortava as asas da sua imaginação, tornando-a apática perante as questões sociais. Fazia-se necessário salvar a infância do conformismo e do imobilismo.

Compreendendo que a maneira de entender o mundo se altera com a passagem do tempo e que, em contato com a sociedade, o “ser”, em fase de formação, adquire vícios e aos poucos deixa cair no esquecimento os sonhos infantis, Lobato, em sua escrita, oferece um grito de alerta, afirmando que é natural a mudança de idéias e uma nova visão de mundo. Para ele, a mudança de idéias faz parte das etapas evolutivas da vida. Contudo, adverte que há uma sutil diferença entre desejo momentâneo e sonho, pois os desejos são passageiros, mas o sonho, esse sim, é algo permanente, pois alimenta a alma e motiva a vida. Acreditava que é a capacidade de sonhar que alimenta o desejo de mudar o mundo e que muitas das fantasias infantis se podem tornar realidade. Basta lutar com persistência e realizar aquilo que o íntimo vê como um caminho certo.

Na fase adulta, algumas pessoas esquecem a criança que mora dentro de si e, aos poucos, perde os sonhos da infância. Este fato significa uma grande perda, pois, à medida que se cresce e se chega à adolescência, se não houver estímulos e recursos, as fantasias se mostram utópicas, e vão, aos poucos, se distanciando, dando lugar a outros sonhos, outros desejos temporários, que visam uma resposta imediata de subsistência.

Lobato já havia se decidido pelo mundo da Literatura Infantil, mesmo antes de idealizar a sua primeira obra infantil. Tal afirmação vem da constatação de seu contato epistolar com alguns amigos e leitores. Em algumas destas cartas, pode-se perceber o

³⁵ Coelho, 1985, p. 185.

quanto o Pequeno Juca, apelido de Lobato na infância, pesava em sua vida adulta. Não se pode também esquecer de que ele sempre fez questão de afirmar que seu grande momento como leitor foi na infância, quando descobriu o mundo e vivia maravilhado com as histórias dos livros encontrados na biblioteca de seu avô Visconde. Portanto, já em tenra idade, ele deseja perpetuar essa sensação obtida, através da leitura, e passa não só a ler, como também envereda pelo mundo da escrita, sempre guardando consigo a doce lembrança das descobertas do tempo passado.

Cabe registrar, no momento, que muitos fatos fizeram do escritor uma personalidade importante no percurso da história literária brasileira. Sabe-se que foi um homem de grandes iniciativas e que, pela força transformadora da palavra, tentou abrir os olhos de contemporâneos, com o intuito de modificar universo social da época. Neste contexto, a Literatura foi usada como principal arma simbólica, no sentido de persuadir o interlocutor/ leitor para nele deixar a semente da reflexão e da inquietação. Assim, ao se tornar escritor, passa a demonstrar um interesse constante pelo outro, pelos leitores, chegando a manter contato com alguns, através de cartas (principalmente com o público infantil), e é justamente em nesta atitude de escrita (epistolar ou literária) que encontramos evidências de uma preocupação constante com o papel do leitor, da leitura e do livro. Fato este, abordado na obra Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia, como podemos observar na transcrição abaixo:

“Parceiro de aventuras, as crianças estabeleciam com ele uma íntima evidência no desejo expresso de se tornarem personagens de seus livros, nos pedidos de retratos autografados e nos convites para ocasiões especiais como festas de aniversários ou formatura. Captando a lógica e a estrutura do pensamento infantil, Lobato falava não para elas, mas no lugar delas. Por isso pelas suas mãos o aprendizado virava brincadeira séria e lições escolares mais difíceis – em geral ministradas através de métodos e mestres antiquados – ficavam claras e acessíveis.”³⁶

Assim o escritor trocava idéias com as pequenas mentes brasileiras, como podemos observar através da citação acima. Numa sociedade tão carente de iniciativas voltadas para a infância não é de se admirar que houvesse um grupo atento às atitudes lobatianas. A crítica brasileira assistiu a todo o rebuliço que Lobato trouxe para a sociedade e não se furtou de registrar traços peculiares do escritor que fizeram de sua aparição no mundo das letras um marco. É com base nesses registros que acreditamos

³⁶ Azevedo, 1998, p. 312.

não se poder negar que, no decorrer de décadas, a sua obra e iniciativas sociais perduram, proporcionando o reconhecimento de seus feitos.

Também não se pode negar que ele foi um dos intelectuais que melhor traduziu o “espírito de sua época”, através da busca de um progresso literário e sócio-cultural, visto que sua vida de homem público revela um brilhante escritor, editor, jornalista e adido comercial nos EUA – não medindo esforços, assim, para encontrar meios de amenizar os problemas brasileiros. Tal afirmativa encontra respaldo na crítica literária, através do posicionamento de Alfredo Bosi, segundo o qual: *Lobato foi, acima de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente.* Comparando-o a Euclides da Cunha e a Lima Barreto, Bosi afirma ter sido Lobato quem melhor apontou as mazelas do Brasil oligárquico da I República.

Não distante do posicionamento de Bosi, existem reflexões que reforçam a importância da marcante personalidade de Lobato no panorama da Literatura Brasileira. A este respeito, observemos o que afirma Nelly Novaes Coelho:

A verdade é que o “sistema” tradicional se estilhaçava e Monteiro Lobato, com sua lucidez irreverente, empenhou-se em “desmascarar” os falsos valores. Obviamente, nenhuma reivindicação reformadora ou revolucionária se faz sem radicalismo, e Lobato foi radical até onde pôde ser.³⁷

Através da citação, pode-se ter uma visão de um espírito revolucionário, cujo ato de escrita era definido pelo autor como um parto. Para ele, não há escrita sem gestação. Como tal, aconselha os amigos a esperarem o momento exato de dar à luz ao texto. Tal conselho merece ser transcrito para que o leitor possa perceber o modo peculiar de escrita lobatiana:

Antes de mais nada, porém, meu caro Flávio, devo confessar-te que eu já morri. O que ainda anda cá pelo mundo é apenas a materialização ódica do Lobato morto. Quer que te conte como escrevia contos? Isso talvez te ajude no romance, esclarecendo a fisiologia estética. Lobato não fazia contos, paria-os.

Não escrevia deliberadamente; só quando a coisa vinha, quando a bolsa das águas arrebatava e não havia remédio senão parir. Ele paria

³⁷ Coelho, 1985, p. 190

para aliviar-se de subitâneos engravidamentos – sobretudo os causados pela indignação. O seu livro mais interessante seria o em que contasse a obstetria da sua literatura. [...].

Bem. Estava terminada a tragédia. A alma da pobre vítima da sua inteligência já esvoaçava longe, nas nuvens. Seu corpo inerte já não sofria. Ia ser levado dali para o pasto, bem longe, para o banquete dos urubus.

Mas o que havia dentro de Lobato, o que ele havia de **desarroí**, era grande. Salada de grelos emotivos, vagos, idiotas, bestas. Ele tinha que fazer qualquer coisa para fazer abrir válvulas aquilo. **Urgia recorrer a um derivativo. E sem idéia nenhuma na cabeça, foi automaticamente para a secretária e pegou a pena. A lembrança da colcha de retalhos veio á tona – ele escreveu “A Colcha de Retalhos” de um fôlego, de um jato, sem vacilação. Deixou que o conto fosse construindo a si mesmo, livre de um constrangimento de um plano. E a coisa saiu como um carnegão sai. Parida, literalmente parida. Veja você Flávio, que coisa lamentável somos nós, que joguetes de mistérios” a lembrança da colcha estava já de anos dentro dela, sem função nenhuma achou de boiar em vagos momentos de rêverie emotiva. A tragédia da besta foçou-a a fazer-se de carnegão e a explodir sob forma literária de um conto.**

Todos os contos dele saíram assim, por injunção interna. Em regra como derivativos de uma indignação. Puras vinganças estéticas. Os inimigos muitas vezes nunca suspeitaram de nada – mas o autor se aliviava. [...] Tudo isso, Flávio, estou contando para o benefício do teu romance. Se ele não está saindo fluente, é que tua gravidez não chegou ainda a termo. Com o feto a termo, a coisa sai de escorregão. Do contrário com a gestação incompleta, de cinco, seis, sete meses, não há parto natural – há partejamento de fórceps, com cesariana, muito sangue derramado, muita dor inútil e em regra sacrifício da criança. Estude o teu caso como um bom médico e veja se convém operar ou esperar que o útero o expila naturalmente.³⁸

Como se pode ver, há algo de especial nesta forma de escrever, induzindo o leitor a acreditar que nada em sua obra é por mero acaso do destino, tendo a escrita influenciada por injustiças e por grandes gestações. O tal “aperfeiçoamento humano”, ou a “conscientização do inconsciente” viriam através da Literatura, pois: *Literatura é cachaça. Vicia!* Logo, através da literatura, o homem passa a questionar seu mundo e Lobato conhecia como ninguém o poder da palavra:

*Eu matuto naquela lei da “conscientização do inconsciente”. Em suma [...] tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um cálice e acaba pau d’água de cadeia.*³⁹

³⁸ Nunes, 1985, p. 50, 53,54 (grifos nossos).

³⁹ Lobato, 1957, p 62.

E, assim, passa a criar tipos que marcaram gerações e, diga-se de passagem, que, seguindo seu desejo de aperfeiçoamento ou conscientização do homem, suas construções primavam pela familiaridade do cotidiano e traziam sempre uma pitada de humor e crítica severa ao funcionamento social de sua época. Ousamos, aqui, até afirmar que falar de Lobato é resgatar a memória viva de tentativas de progresso social, pois ele era incansável nas lutas que travava. Homem não só de sonhos, mas de grandes atitudes! Como a iniciativa de destinar cartas a todos os comerciantes de sua época com o propósito de vender livros.

E falando em livros... Abrimos neste momento, um parêntese para comentar dois fatos curiosos e importantes que marcaram a vida do escritor e empresário Monteiro Lobato: O primeiro é a sua iniciativa em não só escrever, como também produzir o livro, iniciando um marco histórico em nossas terras; o segundo é a sua perspicácia para a comercialização e popularização deste novo artigo, genuinamente brasileiro.

Já que Lobato passou a produzir livros e no Brasil de sua época só existiam 40 livrarias, ele passa a usar seu poder de persuasão para contornar o problema, resolvendo fazer uma experiência inédita no país. Pesquisou e obteve uma lista de todos os estabelecimentos comerciais confiáveis (ao todo, 1200 casas comerciais) e lhes mandou um convite que passou a ser a pedra fundamental da indústria editorial brasileira:

*Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada "livro"? V. S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais "livros", terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa?*⁴⁰

Com tal carta, Lobato marca sua trajetória como empresário, editor, comerciante, empreendedor e escritor. Tendo como resultado a aceitação da proposta por todos os comerciantes consultados, a indústria do livro passa a ser reconhecida e valorizada em terras brasileiras. As edições, que eram de 400 ou 500 exemplares em média, pularam para três mil, entusiasmando escritores, que passaram a publicar na

⁴⁰ Lobato, *Prefácios e entrevistas*, p. 190.

editora de Lobato. Chegou a haver uma edição de 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado*, o primeiro livro da série do *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Muitos estudiosos da época consideraram sua atitude um marco, e também uma loucura. Contudo, para nós, a atitude se consolida como marca registrada da ousadia e persistência de um homem que abraçou seus sonhos, traçou metas e lutou por um ideal. Em uma carta destinada ao amigo Godofredo Rangel, Lobato comenta com bom humor sua atitude:

*O meu Narizinho, do qual tirei 50.500 exemplares – a maior edição do mundo! – tem que ser que ser metido bucho a dentro do público, tal fazem as mães com o óleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiam a droga e a pobre criança ou engole ou morre asfixiada. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. Faz de conta que é o Gelol. “Doi? Gelol.” E preparo outros: O Saci e Fábulas, este com silhuetas em negro do Voltolino. Nunca imaginei que 50.500 fossem tanta coisa! Encheu-me os vazios de nossa sala da rua Boa Vista. Tve de alugar um vizinha, que também se encheu até o forro. E ainda acomodei milhares no porão lá de casa. **Quando Purezinha viu aquilo, pôs a mão na cabeça. “Você está louco?”** O problema agora é vender, fazer com que o público absorva a torrente de narizes. Experiência, meu caro. Fora do trial and error, como adquirir conhecimentos positivos? ⁴¹*

Enquanto muitos se perguntavam quem iria comprar tantos livros, Lobato continuou com sua atitude ousada e doou 500 exemplares de seu primeiro livro infantil às escolas de São Paulo e, por coincidência ou acaso do destino, certa vez, o presidente do Estado de São Paulo, Washington Luís, saiu a visitar algumas escolas, em companhia de seu secretário do Interior, Alarico Silveira, e surpreendeu crianças manuseando um livro que eles, governantes, desconheciam. Tamanha foi a surpresa dos representantes governamentais, ao encontrarem em todas as escolas visitadas um exemplar desse livro infantil, amarrotado e surrado pelo manuseio das crianças, que o devoravam como um faminto devora sua única refeição do dia. Era justamente um exemplar de *Narizinho Arrebitado*, nunca antes visto por esses representantes: o fato curioso chamou a atenção do presidente, que recomendou ao secretário de educação localizar o escritor para que o governo pudesse adquirir a obra infantil e disponibilizá-la como apoio pedagógico no ensino público. Segundo Edgard Cavalheiro (1956), o presidente do Estado de São Paulo, Washington Luís, ao conversar com o Secretário de Educação, havia feito o seguinte comentário: “*Se este livro anda assim tão escangalhado em tantos grupos é sinal de que as crianças gostam dele*”. Consta, no relato de Edgard Cavalheiro, que não

⁴¹ Lobato, 1957, p. 230 (Grifos nossos).

demorou muito para Lobato fazer a entrega, o que aconteceu dois dias depois do pedido, para surpresa e espanto do representante do governo, que viu seu almoxarifado abarrotado com exemplares de *Narizinho*. Assim, só o governo de São Paulo comprou 30 mil exemplares e a edição esgotou-se em nove meses. Trata-se de uma marca impressionante de vendas para um país onde antes não existia literatura como atividade comercial.

Este pequeno relato vem contribuir para a valorização da imagem de grande idealizador e pioneiro adquirida por Monteiro Lobato, que foi considerado como o homem das revoluções. Seu sucesso na indústria livreira nacional só vem reafirmar sua importância na história social e literária brasileira. Este homem fez de um sonho a mola propulsora de todas as suas atitudes sociais e literárias, indo do abstrato desejo de viver em uma sociedade melhor ao concreto e absoluto emprego de todas as suas forças em atitudes sociais que trouxeram para o país novas perspectivas de vida, inclusive no campo intelectual, através de suas contribuições à indústria livreira. Vamos ilustrar seu pensamento a respeito do ato de leitura e do consumo de livros através de duas transcrições:

*1) Não há cultura possível sem livro e livro barato, livro que penetre nas massas populares e lhes erga o nível mental. Que nos vale ter picos como Rui Barbosa, se a planície se apresenta um dos mais baixos níveis culturais do mundo? (...) O livro barato, acessível ao povo, tem sido a nossa obsessão de editores falidos e ressurgidos.*⁴²

*2) Dizem que o Brasil não lê! Uma ova! A questão é saber levar a edição até o nariz do leitor, aqui ou em Mato Grosso, no Rio Grande do Sul, no Acre, na Paraíba, onde quer que ele esteja, sequioso por leituras... Livro cheirado é livro comprado, e quem compra, lê. Se o Brasil não lia é porque os velhos editores, na maior parte da santa terrinha, limitavam-se a inumar os volumes nas poeirentas prateleiras das suas próprias livrarias, e quem quiser que tome o trem, ou o navio, e vá ao Rio comprá-los. Umas bestas! O Brasil está é louco por leituras. Só os editores é que não sabiam disso!*⁴³

Como se pode perceber através das palavras de Lobato, o que pesa no ato da leitura é o incentivo e a determinação. Ele, como ninguém, lutou pela popularização do livro, produzindo-o e disponibilizando-o ao público brasileiro, com o intuito de alimentar a fome intelectual do nosso povo. Assim, um sonho ganha força e passa a ser incorporado num projeto pedagógico do escritor, que não conhecia a palavra *derrota*.

⁴² *Cartas escolhidas I*, p. 199. Apud Azevedo, 1998, p. 192).

⁴³ Mattos, Ilmar Rohloff de. "No sítio de José Bento". *Relatório do Projeto Integrado de Pesquisa Modernos Descobrimientos do Brasil*. CNPq, 1997, p. 17.)

Em uma de suas cartas, destinada ao amigo Vicente Guimarães, podemos encontrar o seguinte pensamento:

Recebi sua carta de 27 de dezembro, com vários números da Caretinha, “primeira tentativa de revista infantil em Minas”. Muito bem. É tentando que o homem chega a todas as realizações. Se sua tentativa falhar, tente de novo, por outro caminho. Lembre-se do que diz Henry Ford: “Um fracasso significa apenas uma oportunidade para começar de novo com mais inteligência.” [...] O lançamento da Caretinha enche-me de prazer porque vejo que em Minas já se começa a dar às crianças o carinho mental devido. [...]

Sua revista começou muito bem. Insista. Não desanime com os naturais contratemos; aperfeiçoe-a de número em número; faça-a tão útil e tão querida da criança mineira como é a chupeta em certa idade. Vença, consolide comercialmente a tentativa. Maior recompensa a um esforço homem nenhum poderá esperar.⁴⁴

É justamente abraçando essa idéia de não desistir nunca, que Lobato concretiza, através da literatura, o sonho de incentivar os pequenos leitores a desenvolverem um raciocínio próprio e a terem uma consciência crítica em relação ao mundo em que vivem. Para um homem de atitude e paixão pelas crianças, o que alimentava sua determinação era a esperança de ver um dia o reconhecimento de novas idéias, acreditando poder ver algo simples como uma biblioteca se tornar o símbolo de nossa gente. Neste sonho, todas as cidades brasileiras seriam contempladas com uma biblioteca infantil, que pudesse alimentar a alma dos pequenos, para, enfim, sanar as mazelas sociais. Para Lobato, só o conhecimento vence a ignorância dos governantes:

... só através da educação o Brasil estará salvo de todos os males, porque todos os males do Brasil têm uma causa única causa: a ignorância dos adultos, justamente porque não lhes foi despertado o amor pela leitura quando eram crianças⁴⁵

Este pensamento alimentou seu desejo de viabilizar o acesso à leitura. De acordo com a mesma carta destinada ao amigo Vicente Guimarães, ele se sentia intrigado com a falta de atenção destinada às crianças e indignado com o descaso dos adultos em relação a elas: “Uma coisa que sempre me horrorizou foi ver o descaso do

⁴⁴ Nunes, 1986. *Carta a Vicente Guimarães*, Campos do Jordão, 12/01/1936. p. 95.

⁴⁵ Lobato, 1936, em entrevista ao *Jornal Voz da Infância*.

brasileiro pelas crianças, isto é, por si mesmo, visto que a criança não passa de nossa projeção para o futuro.”

Em sua visão, chegava a ser uma ofensa subestimar a capacidade das crianças, uma vez que tal atitude comprometeria toda a formação de um ser que, muito em breve, teria que enfrentar os mais diversos conflitos sociais, tão magnificamente demonstrados no livro *A Chave do Tamanho*:

- Novo bombardeio em Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas, quarteirões inteiros destruídos. Incêndios. Mortos a beça.

O rosto de dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria para sentar-se em seu colo para anima-la. – Não fique assim vovó. A coisa foi lá em Londres, muito longe daqui.

- Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro deste corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa em Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se fosse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por mais muito tempo o horror desta guerra. Vem-me a vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio de dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos.

Aquela tristeza de dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau Amarelo, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento. – mas por uma triz não acabou também com a humanidade inteira.

Naquele dia na sua caminha de paina, ela perdeu o sono. Quem entrasse em sua cabeça leria um pensamento assim: “Esta guerra já durou demais, e se eu não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas eu vou tomar uma pitada do superpó que o visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a casa das chaves. Porque há de haver uma casa das chaves, com chaves que regulem todas as coisas deste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor que regulam todas as coisas da casa. [...]

Pensando assim, Emília foi pé ante pé ao laboratório do Visconde remexeu tudo até encontrar numa pequena caixa de fósforo uma substância parecida com cinza. Cheirou-a. Lembrava o cheiro do pó de pirlimpimpim. “Deve ser isto mesmo” – disse ela – e corajosamente tomou uma pitada. .⁴⁶

⁴⁶ Lobato,1970, p. 1106 a 1107

Diante da complexidade do assunto, pode perceber-se que um mundo cruel e tão distante da aura que envolve as crianças tem a potencialidade de significar um atraente motivo de reflexão para o necessário amadurecimento da criança. Deste modo, Lobato faz desfilar diante dos olhos dos pequenos leitores a mais incoseqüente das atitudes humanas e convida-os a tomarem uma atitude em relação ao mundo real. Assim, não só nas mãos de Emília, sua bonequinha de pano, como também nas mãos do leitor está a responsabilidade de entender o mundo da “civilização tamanhuda” para encontrar meios de amenizar ou eliminar as mazelas sociais.

Em outras palavras, poderíamos dizer que Lobato coloca a criança em situação de decisão e a convida a também se posicionar com relação ao que está acontecendo, não só no campo textual, como também no seu mundo real. E, a partir deste convite, o pequeno leitor passa a se projetar na bonequinha de pano, que enfrenta as mais diversas aventuras neste novo mundo.

A emoção toma conta do leitor a cada virada de página do seu livro, pois a criança se depara com o minúsculo mundo dos insetos, onde a nova humanidade deverá aprender a viver. E, neste novo mundo, não faltam aventuras e problemas, que evidenciam tanto a felicidade das coisas simples como a complexidade das soluções para os problemas básicos do dia-a-dia.

Nesta aventura, Emília passa a compreender muitos pensamentos e atitudes dos adultos, pois tem sobre si a responsabilidade de sobreviver e garantir a sobrevivência da humanidade, ou desta nova humanidade, pós-tamanho real, pois viver no mundinho dos insetos é mais fácil do que viver na “civilização tamanhuda”: *muitos problemas estão ligados ao tamanho, pois a civilização tamanhuda gosta de complicar a vida.*⁴⁷

Diante da afirmação da bonequinha do *Sítio*, cabe uma pequena reflexão: a expansão das obras lobatianas representa um ganho significativo para o país, uma vez que seus textos vinculam o progresso do conhecimento e a modernização, proporcionando ao leitor a noção da responsabilidade de contribuir para o crescimento coletivo. Neste contexto, falar de Lobato necessariamente significa trazer para os nossos dias a seguinte pergunta: no Brasil capitalista em que vivemos hoje, será compreensível deixar no esquecimento idéias tão atuais? Não! Não se pode deixar no esquecimento idéias encontradas não só nos textos lobatianos como também em outros milhares de textos que circulam mundo a fora. Cabe, portanto, ao leitor e aos governantes

⁴⁷ Lobato, 1970, p. 1165.

assimilarem as boas idéias e trabalhem em prol do crescimento coletivo, em benefício do próximo e de si mesmo, como fez Monteiro Lobato, pois: *Um país se faz com homens e livros!*

Permita-se-nos a ousadia de lançar o seguinte pensamento: se a LEITURA é tão importante na formação humana e se obras, como as de Monteiro Lobato, fazem o leitor, como é possível crescer psíquica e socialmente em um país que não valoriza a educação, seus intelectuais, suas crianças, enfim, sua gente?

Eram pensamentos deste teor que alimentavam a indignação do escritor e o impulsionavam rumo às mais variadas tentativas de crescimento pessoal e social dos brasileiros. É importante lembrar que, no momento em que Lobato decide iniciar sua produção literária, a infância, neste período histórico, está mergulhada no descaso dos adultos e sufocada pela idéia de conformismo. Assim, a sua obra constitui uma forma de dizer não ao comodismo dos adultos e oferecer uma tábua de salvação para as crianças, ensinando-as a questionar o mundo, através de uma consciência mais crítica. A presente afirmação encontra respaldo nas palavras de Cassiano Nunes:

Nenhum escritor de alto porte, entre nós, falou como ele, pela maioria silenciosa, pelos analfabetos, pelos caboclos, pela baixa classe média, tartamuda e, hoje, alienada pelos meios de comunicação interesseiros e vulgares.

Lobato é, na Literatura Brasileira, um dos fatos mais sensacionais e também um dos casos mais estranhos. Tendo-se aproximado até certo ponto de Machado de Assis. O criador de Dom Casmurro, conhecedor de suas deficiências físicas e sociais, resguardou-se o mais que pôde, preparou-se, como extremo afinco, para desta maneira realizar a sua obra literária, o que conseguiu harmoniosa, perfeitamente, e ficou sendo ele mesmo a figura mais importante que possuímos na arte literária. Menos profundo e refinado que Machado, mas porventura mais espontâneo e amplo, em certo momento de sua vida, Lobato, ao abandonar a vida de fazendeiro, rápido conquista a glória e popularidade, em vez de consolidar e aperfeiçoar sua obra, parte para outras conquistas no mundo. Evidentemente todos os seus alvos eram justificáveis e demonstravam até sua louvável capacidade de sentir o problema do outro, mas em geral o beletrista não tinha condições pessoais, profissionais, técnicas, de realizar os difíceis empreendimentos a que se propunha.⁴⁸

Nunes, estudioso da obra lobatiana, oferece-nos uma visão ousada de sua obra, aberta ao sonho de viver em uma sociedade mais justa, afirmando essa grandeza de alma do escritor:

⁴⁸ Nunes, 1986, p. 15

*Lobato foi amigo do progresso, o promotor das grandezas do futuro, o porta-voz dos carecidos de justiça, o crente na ciência e no pensamento sábio que modificam o ambiente para melhor, em todos os sentidos. Nenhuma outra personalidade das nossas letras poderíamos encontrar tão atual, tão viva. Suas cartas não vêm do além, edulcoradas pela mudança dos planos. Também não se submete ao formalismo acadêmico. Elas são explosões circunstanciais, que ainda hoje não perderam a oportunidade de nos tocar e inspirar.*⁴⁹

As palavras dirigidas por Cassiano Nunes não são únicas. Muitos outros estudiosos reconhecem a grandeza não só das obras como da personalidade de Monteiro Lobato e uma das vozes que se levantam na atualidade é a da especialista em Literatura Infantil, Nely Novaes Coelho, da qual colhemos duas expressões em momentos distintos:

1) A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança o passado emergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas nosso século exigia. [...] Desde adolescente começara a lidar com as letras, escrevendo crônicas e artigos para a imprensa do interior e da capital paulista. Leitor voraz, preocupava-se igualmente com a renovação da Literatura Brasileira, no sentido de seu encontro com o autêntico da realidade brasileira e com a linguagem brasileira, liberta do magistério lusitano. [...] pertenceu, por formação, à estirpe dos humanistas liberais, de raízes aristocráticas (nietschianas), - aquelas que viam no indivíduo de exceção, na inteligência, cultura e esforço das minorias esclarecidas (e não, nos movimentos de massa) a solução para os grandes problemas que afligem a humanidade. Entre nós, na virada do século, dentre os problemas mais urgentes, estava o da consciência nacionalista a ser conquistada ou aprofundada [...]

*Lobato foi um dos que se desempenharam a fundo nesta luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional. A principio na área da Literatura, seja para adulto ou para crianças; mais tarde, no campo econômico e político.*⁵⁰

*2) Foi Monteiro Lobato quem abriu o caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (como o Modernismo) chegassem também a infantil. [...] um dos grandes achados de Lobato, tal como seus antecessores, L. Carroll e Collodi, foi mostrar o maravilhoso como possível de ser vivido por qualquer um. Misturando o imaginário com o cotidiano real, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só poderiam existir no mundo da fantasia. [...] Lobato via o mundo real e o da fantasia perfeitamente separados – cada qual com sua natureza específica. Além disso, pode-se talvez explicar o predomínio do nacionalismo sobre a livre fantasia, nessa primeira versão, pelo fato de o livro ter sido escrito para servir como “leitura escolar”, a qual nesse início do século deveria ser exemplar, oferecendo modelos de comportamentos.*⁵¹

⁴⁹ Nunes, 1986, p 19

⁵⁰ Coelho, 1985, p. 185 e 186. (grifos nossos).

⁵¹ Coelho, 2000, p. 138.

É curioso como COELHO (1985 e 2000) não oferece idéias contraditórias nesses dois momentos, mostrando que o reconhecimento do escritor não é algo passageiro e momentâneo e dando-nos a sensação de consagração do autor como uma personalidade importante das letras brasileiras. Mas nem sempre as atitudes lobatianas foram vistas assim, com tanto bom senso e objetividade. O nosso escritor sofreu severas críticas de seus contemporâneos e foi perseguido por sua forma irreverente de ser e de dizer o que pensava. De tanto lutar com as palavras para convencer os outros da real necessidade de abraçar idéias novas e de pensar no progresso do país, acabou se desiludindo dos homens. Em uma carta destinada ao amigo Godofredo Rangel, em 7/6/1914, Lobato faz um desabafo, como se pode conferir no trecho seguinte:

Uma revolução muda as instituições de um país? Nós perscrutamos a essência recôndita do fato, rebanho não vê e passamos a diante,, como um beija flor evidentemente parado no ar. Sim, eles e as varejeiras sabem ficar paradinhos no ar, por meio das vibrações das asas. Por que não também o homem, o qual já começou a voar? E ou nós nos mantemos na peleja e vamos chefiar o movimento e colher os despojos da vitória ou vamos escrever Os Sertões. Ora roubamos, ora matamos, ora somos Marquês de Sade, ora Cesar Borgia. O que não somos nunca é ovelha - fiel ovelha do Santo Padre, de Sua Majestade o Rei, do Partido, da Convenção Social, dos Códigos da Moral Absoluta, do Batalhão, de tudo que mata a personalidade das criaturas e as transforma em números. [...] você, escolhe um instrumento de afinação própria o livro, e com livros, gritará para o mundo: "Sou assim, vejo assim, imagino assim, quero, sonho, assim" [...] vitória ou derrota virá do bom ou do mau malabarismo que fizeres com as palavras.⁵²

Com essas observações, Lobato deixa claro que o povo brasileiro vivia atolado em idéias conservadoras, como um rebanho que só faz o que o pastor quer, mas que os intelectuais tinham a obrigação de mostrar caminhos diferentes, opções que fizessem o rebanho perceber idéias novas, que seriam trabalhadas pela literatura. E seguindo seus sonhos, fez de sua vida um diferencial para mostrar ao rebanho uma forma inovadora de ver o mundo.

⁵² Lobato, 1970, p. 358 e 359.

2.1. A LITERATURA INFANTIL COMO ALTERNATIVA À DECEPÇÃO DO ESCRITOR

A minha tristeza vem da decepção que a mentalidade nova do país me causa. Essa onda de mentira oficial imposta à força, sem o contraste da antiga e livre discussão. O escravizamento – a servidão em que caímos. Isso me entristece profundamente porque não vejo fim. Para refúgio, meti-me a fazer livros. Acabei um e comecei outro – este bem interessante. Meu pessoalzinho do Sítio vai à Grécia de Péricles... Nem queira saber o que está acontecendo! Isso me permite fugir por umas horas diárias a esta sujeira nacional. É o iodureto que estou tomando. O livro me força a ciscar em muitas obras sobre aquele tempo – uma coisa puxa a outra, e eu vou remando.⁵³

Já que se está falando da obra infantil lobatiana, cabe fazer a seguinte pergunta: o que levou o autor a escrever para as crianças? Em uma carta a Godofredo Rangel, ele afirma que está pensando em construir um fabulário com coisas de nossa terra, porque não encontrou nada que pudesse iniciar suas crianças no mundo da leitura.

*Ando com várias idéias. Uma é vestir de nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa mexendo com as moralidades. **Coisas para crianças.** Veio-me diante da atenção curiosa com o que os meus pequenos ouvem as Fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – **sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão.** Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento, dará coisa preciosa. As Fábulas que conheço em português, em geral são pequenas moitas de amora do mato - espinhentas e impenetráveis. **Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da Literatura que nos falta.** Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. **É da tal pobreza e tão besta a nossa Literatura Infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.**⁵⁴*

Segundo as palavras de Lobato, o que existia de texto infantil no Brasil era um bestiário, tão bobo e longe da nossa realidade que não havia outra opção para ele senão criar um universo mágico que pudesse conter coisas nossas, folclore de nossa terra, tradições de nossa gente. Porém, não se pode esquecer que ele vinha alimentando o

⁵³ Nunes, 1986, p. 252.

⁵⁴ Carta a Godofredo Rangel, Fazenda, 8/9/1916, Lobato, 1957, p. 104 (grifos nossos).

sonho de transformar a sociedade através da literatura. É importante registrar que os cursos de pedagogia e psiquiatria não faziam parte da formação obtida pelo escritor, em sua vida acadêmica. Contudo, este fato não se caracterizou como uma barreira em seus sonhos, muito pelo contrário: Lobato demonstra, em suas cartas e em boa parte de sua obra, uma sensata veia humana de quem conhece a fundo tanto as necessidades quanto as potencialidades do homem. Cabe, agora, afirmar que suas idéias pedagógicas se encaixam perfeitamente no discurso de Bruno Bettelheim. Um exemplo disto é o trecho seguinte:

... minha tarefa principal foi restaurar um significado na vida delas. Para mim este trabalho deixou claro que se as crianças fossem criadas de um modo que a vida fosse significativa para elas, não necessitariam ajuda especial. Fui confrontado com o problema de deduzir quais experiências na vida infantil são mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar o sentido da vida, dotar a vida em geral, de mais significados. Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação.

Partindo deste fato, tornei-me profundamente insatisfeito com a grande parte da literatura destinada a desenvolver a mente e a personalidade da criança, já que não conseguem estimular nem alimentar os recursos de que ela mais necessita para lidar com seus difíceis problemas interiores. Os livros e cartilhas onde aprendem a ler na escola são destinados ao ensino das habilidades necessárias, independentemente do significado. A maioria da chamada "literatura infantil" tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte destes livros são superficiais em substância que pouco significado pode obter deles. A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida.

Todos tendemos a avaliar os méritos futuros de uma atividade na base do que ela oferece no momento. Mas isto é especialmente verdadeiro no caso da criança, pois muito mais do que o adulto, ela vive do presente e, embora tenha ansiedades sobre seu futuro, tem apenas a noção vaga do que ele pode solicitar ou como poderá ser. A idéia de que, aprendendo a ler, a pessoa, mais tarde, poderá enriquecer sua vida é vivenciada como uma promessa vazia quando as estórias que a criança escuta ou está lendo no momento são ocas. A pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso do significado mais profundo e aquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento.⁵⁵

Esta citação deixa claro que a literatura é um dos meios de fornecer à criança o amadurecimento psíquico, necessário à vida adulta. Bettelheim oferece em seu texto características fundamentais e necessárias a uma obra infantil:

⁵⁵ Bettelheim, 1986, pp. 11 e 12 (grifos nossos).

*Para que uma estória realmente prenda a atenção de uma criança, deve **entretê-la** e despertar sua curiosidade. Mas para **enriquecer** sua vida, deve **estimular-lhe** a imaginação: **ajudá-la** a desenvolver seu intelecto e a **tornar clara suas emoções**; estar harmonizada com as suas ansiedades e aspirações; **reconhecer** plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, **sugerir soluções** para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez **relacionar-se** com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no futuro.⁵⁶*

Com a noção exata do que se deve esperar de uma leitura de qualidade, estabelecemos uma ponte com a definição e as intenções lobatianas. Em algumas cartas destinadas ao amigo e pedagogo Anízio Teixeira, pode-se identificar este sonho. Em 1906, por exemplo, Lobato comenta sobre a importância da leitura de bons livros e, em 1946, em uma carta destinada ao amigo Hernani Ferreira, retoma este tema como se fosse uma receita para o crescimento intelectual de um ser humano. Para que se possa ter uma visão mais próxima do que se está tratando, foram selecionados dois trechos das cartas citadas:

1º) E lembra-te menino que a arte é longa e a vida é breve. Como perder tempo com bobagens? Lê é coisa penosa; temos de mastigar, ensalivar e engolir – e que tolíce comer palha! Alimentamo-nos dos sumos.⁵⁷

*2º) Quanto aos livros a recomendar... Que coisa mais difícil! Para cada temperamento, para cada personalidade que somos, tais livros. Eu já disse, não sei onde, que temos de ser imãs; e **passar de galopadas pelos livros, com casco de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério que somos. Ler não para amontoar coisas, mas para atrair coisas. Não coisas escolhidas conscientemente, mais coisas afins, que nos aumentam sem o percebermos etc. [...]** Mas acho que deve ler a Coleção Espírito Moderno, da Editora Nacional. São obras bem escolhidas, em que há muita coisa que os nossos cascos imantados atrairão.*

Talvez o que V. Goste em mim seja isso – essa coleta que em inumeráveis leituras, desde mocinho, meus cascos fizeram instintivamente ou inconscientemente. E como método deu resultado para mim, bem possível que também dê para você, que tem muita afinidade comigo. [...]

*Em suma: é preciso que você **passeie pelo pensamento crítico dos grandes homens, das grandes inteligências, não para cumular como museu o que eles dizem, mas para assimilar umas essências afins e construtoras do teu ego mental.***

*Assim procedendo, você **aperfeiçoará seu modo pessoal, íntimo, único de pensar. Aprender a pensar!** Quando esse violino fica no ponto de afinação, é uma beleza, porque você tocará as músicas. É preciso que fiques*

⁵⁶ Bettelheim, 1986, p. 13 (grifos nossos).

⁵⁷ Taubaté, 15, 03, 1906 (Lobato, 1º Tombo, 1957).

*tão afinado e sutil e firme que possas diante de qualquer coisa apanhadas nos aspectos eternos... Mas isto [...] Resumirei dizendo: crie um instrumento de expressão; estilo; e aprenda a pensar por si. O resto vem por si.*⁵⁸

Para Lobato, acreditar na força transformadora de uma boa leitura é algo vital. Na primeira citação, ele afirma que deve haver uma seleção de textos e que se deve consumir apenas os mais significantes. Já na segunda citação, presta-se ao papel de conselheiro, informando ao amigo os benefícios da leitura, advertindo, todavia, que não se deve guardar tudo o que os livros dizem (como um museu), pois de nada lhe serviria. Cada pessoa deve selecionar o que leu e transformar a leitura em algo pessoal e, assim, originar grandes pensamentos, grandes idéias, que possam aperfeiçoar o ser. Em seguida, ele compara este leitor com um instrumento que deve ser afinado, através da leitura, para depois poder tocar todas as músicas que desejar. É interessante o resgate destes dois textos, visto que, por meio da correspondência pessoal, podemos evidenciar e até confirmar, a preocupação do escritor em transformar a sociedade brasileira através da literatura.

O desejo de encontrar uma alternativa de mudança social levou o autor a descobrir falhas na formação de seus contemporâneos. Assim, cansado de tentar mudar as mentes adultas calejadas por tantos anos de equívocos sociais, passa a ver na criança uma potencialidade que lhe parecia óbvia, já que os adultos estavam contaminados por idéias conservadoras e ofereciam resistência às novidades, em contraste com as crianças. Assim, o universo infantil passou a encantar o autor que a cada dia vislumbrava promover uma educação de qualidade em nosso país. Segundo as suas idéias, mudar o que já está enraizado nas mentes adultas seria uma tarefa penosa, mas oferecer idéias novas e uma educação de qualidade para as crianças, significaria exatamente plantar a semente certa, que criaria raízes tão fortes como as que encontrara nas mentes adultas. As mentes pequeninas, que em pouco tempo estariam tomando conta do país, seriam a tão sonhada terra fértil, propícia ao plantio de novas idéias que levariam o povo brasileiro a uma sociedade mais justa.

Monteiro Lobato não só produziu livros, como também passou a trocar idéias de reformas educacionais com os amigos Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, visando criar uma escola. Sua empolgação com as crianças era tanta que planejou um centro educacional modelo, para oferecer aos brasileiros a oportunidade de terem uma

⁵⁸ Nunes, 1986. p. 69.

formação digna, que realmente preparasse a criança para enfrentar as constantes dificuldades e desafios do mundo dos adultos.

É curioso como Monteiro Lobato traz para a vida adulta as experiências de sua época de infância, quando descobriu na biblioteca de seu avô materno (o Visconde de Tremembé) livros que o encantaram, levando para o seu mundinho o prazer da leitura. Esse prazer vai direcionar toda a sua vida e influenciar sua escrita, que mais tarde se voltará para essa época pueril. Cansado de lutar com palavras para convencer seus contemporâneos e percebendo a grande potencialidade infantil, passa a verificar que a sociedade brasileira não valorizava as crianças e sempre as colocava em situação de descaso, ignorando suas potencialidades. Certa vez, o escritor desabafou com um amigo, afirmando que o descuido com a educação dos pequenos é algo espantoso.

Assim, mostrando que essa atitude o incomodava, passa a desenvolver um projeto pedagógico, totalmente inspirado em sua infância e mergulhado em idéias saudosistas que colocavam em evidência a experiência de pequeno leitor. Deste modo, constrói o mundo mágico do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, fruto de preocupação com o descaso dos adultos para com as mentes pequeninas. Não aceitando a fatalidade das políticas educacionais adotadas em terras brasileiras, considerava que a escola tradicional em nada ou muito pouco contribuía para a formação das crianças. Ele sonhava com uma educação diferente, calcada no prazer da leitura e na liberdade de expressão, pois só assim a criança poderia criar um senso crítico propício às lutas que deveria travar para construir uma perspectiva de vida melhor.

Lutando por um ideal, Lobato fez de sua escrita um diferencial que objetivava uma boa safra de adultos no amanhã. Assim, trabalhou com afinco a sua literatura, em especial a infantil, imaginando-a uma saca de sementes selecionadas e, visando encontrar uma terra propícia ao plantio, fez da esperança uma aliada que o guiou até as mentes pequeninas, vistas como terra fértil, na qual uma plantação tem noventa e nove vírgula nove por cento de sucesso. Assim, lançou a semente da metamorfose social, introduzindo, de forma simples, os pequenos leitores na complexidade das organizações sociais, estabelecidas pelos adultos.

Este desejo de promover a conscientização da criança e depositar na formação infantil a esperança de um futuro melhor está registrado em relatos de conversa informal, em entrevistas ou em cartas a amigos, nas quais o escritor se mostrava um crente na capacidade infantil, chegando até a recriminar as práticas de ensino de sua época:

*O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices. Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim, a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considerar a leitura como um instrumento de suplício.*⁵⁹

O que Lobato identificou como tortura passa a incomodar de tal jeito que ele não só cria um livro infantil em versão escolar como faz doação significativa de exemplares de sua primeira obra infantil para que as crianças pudessem ter uma alternativa de leitura na escola. Em prefácios, entrevistas, notas de jornais, cartas e obras, Lobato surge comprometido com a formação da criança brasileira e, em muitos casos, relata momentos pessoais para justificar seus motivos, como se pode observar no livro *Mundo da Lua*, publicado em 1923, que reúne fragmentos de um diário, no qual consta um comentário que revela o grau de insatisfação com a educação brasileira:

*Recordando minha vida colegial vejo quão pouco os mestres contribuíram para a formação do meu espírito. No entanto, a Julio Verne todo um mundo de coisas eu devo! E a Robinson? [Robinson Crusoe, C. B.] Falaram-me à imaginação, despertaram-me a curiosidade – e o resto se fez por si. (...) A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Julio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, mares, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É, no entanto, o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui?*⁶⁰

Assim, para Lobato, os professores deveriam exatamente estimular a imaginação da criança, trazendo para sala de aula textos vivos da literatura, propondo uma irresistível aproximação entre uma empolgante viagem ao mundo encantado da leitura e a aquisição de conhecimentos. Numa das cartas destinadas ao amigo Godofredo Rangel, datada de 07/05/1926, resgata a viagem mágica da sua infância ao mundo maravilhoso dos seus autores preferidos:

⁵⁹ Lobato, 1969, p. 84.

⁶⁰ Lobato, 1923.

Verde, verde, o ano inteiro! Tudo verde, como o menino verde, um álbum colorido com que me meti em criança, companheiro do João Felpudo: Lembra-te disso? Pobres crianças daquele tempo! Nada tinham para ler.

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para adultos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro de Robinson Crusoe do Lemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Grant.⁶¹

Sua visão desta fase pueril o faz rejeitar métodos tradicionalistas e textos sem muita criatividade, revelando que na infância a leitura tem que falar à imaginação, mexer com a criatividade da criança para, enfim, envolvê-la num delicioso mundo de magia e aprendizado. É oportuno afirmar que a primeira metamorfose proposta pelo escritor é justamente relacionada com a criação e uso de textos na formação da criança.

Muitos estudiosos da obra lobatiana relatam sua insistente luta contra o tradicionalismo, tais como: Lígia Cadermatori (1982), Regina Zilberman (1982), Marisa Lajolo (1983) e Ana Maria Filipouski (1983). Todos identificam ou classificam Monteiro Lobato como uma figura ímpar no cenário da Literatura Infantil Brasileira, especialmente devido à sua característica de escritor reformador, que apresenta tanto em sua obra como nos escritos pessoais, idéias metamórficas latentes, que parecem guiar suas manifestações sócio-literárias.

Lobato acreditava que no âmago do Homem habita o desejo de mudança, mas a sociedade e seus vícios sufocam a coragem de ir em frente. Assim, em poucas pessoas lateja a doce loucura de alimentar o sonho infantil de mudar o mundo... E partindo desse pensamento, ele lembra a todos nós que: *“Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira - mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.”*⁶²

Assim, deixando um grande conselho para os leitores, afirma que devemos alimentar a doce loucura (de mudar o mundo) que há dentro de cada um, estimulando-nos a alimentar os sonhos, mesmo que sejam considerados absurdos, pois não se deve pactuar com os obstáculos.

⁶¹ Lobato, 1957, p. 292 e 293.

⁶² Lobato, Mundo da Lua, 1923.

Acreditamos que em um líder visionário, desperta e explode, como uma bola de fogo, uma energia universal irradiante, excitável e entusiástica que dá colorido ao mundo dos sonhos e dos homens, alimentando suas forças e impulsionando-os a uma ação. Lobato representa esse líder visionário ligando dois mundos - o mundo real e o não-verbal e atemporal da imaginação. Nos dois, ele encontrou uma forma ímpar de falar aos seus contemporâneos, propondo um redimensionamento do cotidiano e dando ao próximo a possibilidade de abrir horizontes e criar novas perspectivas de vida.

Assim se consolida o projeto pedagógico de Monteiro Lobato, via literatura infantil, proporcionando às crianças do seu presente (histórico) o mesmo prazer de descobrir o mundo através da leitura. Para o criador do *Sítio*, cultivar a leitura na infância é algo valioso. Portanto, sua literatura infantil não pode ser considerada como um acaso em sua caminhada, mas, sim, uma estratégia de metamorfose social, através do crescimento psíquico.

2.2. MOMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA LOBATIANA

*A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre o leitor; e só vive na medida em que estas a vivem. Decifrando-a, aceitando-a, defrontando-a. [...] Ela se manifesta de maneira diversa conforme o momento histórico (exprimindo-se, por exemplo, como uma vocação, consciência artesanal, senso de missão, inspiração, dever social, etc.) permitindo-lhes definir um papel específico, diferente dos demais, e servindo-lhes de identificação enquanto membros de um agrupamento delimitado.*⁶³

Em determinados momentos deste trabalho surge o desejo de verificar a intencionalidade do autor em sua escrita, ocasionando uma preocupação natural de tentar comprovar a viabilidade do tema escolhido, através da sua aplicabilidade no campo das pesquisas literárias. Assim, muitas inquietações a respeito da escrita de Monteiro Lobato acabam direcionando a pesquisa para a busca da recorrência do tema escolhido, não só em sua obra infantil, como também em suas cartas⁶⁴, nas quais o autor trocava idéias, sonhos, desejos, frustrações, sucessos e desilusões com alguns amigos.

Desta forma, busca-se a real comprovação da necessidade de se lançar um olhar sobre os escritos lobatianos, tendo como *leitmotiv* um fundo histórico que inegavelmente marca a trajetória de Monteiro Lobato como leitor, escritor, editor, empresário, adido comercial e, acima de tudo, como cidadão brasileiro. Ao ressaltar os papéis sociais exercidos por Lobato, podemos, sem sombra de dúvida, afirmar que prevalece o cidadão brasileiro. Por isso, falar em Monteiro Lobato, necessariamente, significa resgatar um pouco da história brasileira, uma vez que suas atitudes sociais culminaram na redescoberta do livro. Com efeito, o lançamento da primeira obra infantil brasileira⁶⁵ só foi possível devido à introdução de máquinas, propiciando não só a sua confecção, como a comercialização do livro como produto acessível a todos.

Suas iniciativas como escritor e fazendeiro levaram a sociedade a perceber práticas inadequadas da agricultura (as queimadas), que causavam o empobrecimento do solo e, por conseqüência do agricultor. Mas não foram só os males da sociedade brasileira que Lobato revelou: ele também tinha uma grande visão futurística e, na

⁶³ Candido, 2006, p.84 e 85.

⁶⁴ Publicadas nos livros *A barca de Gleyre* e *Lobato Vivo* (documentários).

⁶⁵ *A Menina do Raizinho Arrebitado*, criada por Lobato, inspirado na tradição da literatura infantil mundial e que deu origem à série de narrativas *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

condição de empresário, tentou abrir os olhos dos governantes para a possibilidade de se encontrar riquezas no subsolo brasileiro (petróleo e ferro).

O criador do *Sítio* tem inspirado os mais diversos estudos no campo literário. Seus textos e suas atitudes sociais têm levado alguns estudiosos, como Marisa Lajolo, a não só publicar inúmeros artigos e livros, como também a fundar um grupo de pesquisa voltado para a o regate da memória do escritor, tamanha é a sua importância para a nossa história social e literária.

Em busca de desvelar o autor, passaram a tentar identificar traços de sua personalidade que o tornassem comum, aproximando o leitor de uma figura mais humana e menos idealizada. Estudiosos da obra lobatiana passaram a perguntar qual a explicação ou o conceito de vida do autor, tentando encontrar um norte para justificar esse comportamento peculiar; há, também, uma nítida intenção de se encontrar uma direção lógica para os “sonhos” ou “delírios” do escritor. O que se tem como resposta a todas estas inquietações é justamente o patriotismo de Lobato. Este fato soa como um eco em muitos estudos publicados e, mediante tal constatação, pretendemos comprovar que as crianças fazem parte de um projeto pedagógico patriótico.

Em uma sociedade na qual se torna cada vez mais comum a vivência de impasses, troca de valores, reorientações, progressos e retrocessos, a literatura, de certa forma, tem oferecido contribuições significativas. Basta lembrar que faz parte de seu percurso natural dialogar com a sociedade. E, neste momento, abre-se um espaço para uma rápida reflexão: a literatura, desde sua origem, tem exercido um importante papel de mediadora entre a realidade e a idealização de uma sociedade perfeita. É inegável o fato de a literatura possuir a potencialidade de promover uma crítica social através dos tempos, pois o ser humano tem a necessidade de manifestar suas idéias e a obra literária tem, de certa forma, abrigado impulsos críticos de alguns autores que, movidos pela racionalidade, fazem da sua existência um marco, perpetuando, através da escrita, seus pensamentos e posicionamentos. Assim, a literatura tem acomodado todos os tipos de ideologias. É através do ato da escrita que o escritor as compartilha com seus leitores, induzindo-os à reflexão.

Por ser dotado de racionalidade, o homem tem o dom de questionar o mundo e, ao longo dos tempos, fez da escrita um refúgio, que ganha força e expressividade. Logo, a obra literária tem sido vista, por diversas áreas do conhecimento, como uma fonte de dados, não sendo, porém, exigida dela uma utilidade especificamente historiográfica. Lançando um olhar sobre algumas obras tidas como clássicas (como:

Vidas Secas de Graciliano Ramos, *Senhora* de José de Alencar, etc.), percebemos, rapidamente, que em sua grande maioria, retratam de forma subjetiva tipos e comportamentos sociais, por vezes, caricaturas de pessoas reais, com o intuito de promover uma crítica à organização social daquele momento histórico. Assim, as obras revelam naturalmente ideologias de diferentes povos e autores. Neste contexto, a literatura passa a ser tida como uma forma de “registros literários”⁶⁶ que a tornam atual a cada nova pesquisa, visando criar uma consciência crítica e induzindo o leitor a questionar os males sociais. É justamente neste sentido que nos propomos promover uma releitura da obra infantil de Monteiro Lobato.

A este propósito, é pertinente apresentar um pensamento desenvolvido por Antonio Candido, na obra *Literatura e sociedade*:

Neste ponto surge a pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a arte? Digamos que ela deve imediatamente ser completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar a uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predomina. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria seu público e suas vias de penetração, agindo em sentido inverso das influências externas. Esta preocupação é visível na obra estética de Martraux e notória em trabalhos recentes de Étienne Souriau e Mikel Durene. [...]

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje um verdadeiro truísmo; mas houve um tempo em que foi novidade e representou algo historicamente notável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVII, quando filósofos como Vico sentiram sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos...⁶⁷

Deste modo, o texto literário traz consigo a possibilidade de representação da vida, não como um reflexo mecânico da sociedade (como uma imagem refletida de uma ordem social), já que a literatura não deve ser vista como um espelho, mas ela, em sua essência, capta certa complexidade e singularidade do ambiente social ou cultural em que foi discursivamente configurada, apresentando ao leitor uma nova perspectiva de compreensão de seu mundo através da ficcionalidade.

⁶⁶ Não se está afirmando neste momento que a literatura seja algo meramente documental, mas que ela tem sido apontada como uma fonte de manifestação social, que tem dialogado com as mais diversas áreas do conhecimento, inspirando pesquisas variadas.

⁶⁷ Candido 2006, p. 28 e 29.

Perceber que a literatura tem esta potencialidade foi uma das armas encontradas por Lobato, uma vez que a escrita literária promovia um casamento perfeito entre suas atitudes sociais e intelectuais. Assim sendo, há relações que podem ser feitas em uma análise interpretativa, embora se deva estar atento aos riscos de mecanicismos, como alertou Antonio Candido.

Assim, o estudo de obras literárias por disciplinas como a Sociologia, a Filosofia, as Ciências da Saúde (em geral), entre outras áreas do conhecimento, vem validar os estudos críticos e reafirmar que a escrita literária tem se consagrado como um elemento facilitador da perpetuação de idéias, unindo povos e gerações, pois independentemente da época em que foi produzida, por tratar do humano, guarda uma aura que a atualiza a cada nova década, perante a necessidade de manifestar sua visão de mundo.

Desta forma, os autores vão deixando para as gerações futuras muito do que se passa na alma humana, trabalhando com idéias e sentimentos diversos e, neste contexto, Lobato, movido pelo patriotismo, perpetua, através da escrita, todo um projeto pedagógico que ousou mudar a realidade brasileira. Ele, como muitos anônimos, acalentou o sonho de viver em um país mais justo, lutando como ninguém por aquilo em que acreditava. Questionar o mundo através da arte literária é um dom particular, concedido a poucos que ousam se expor para defenderem seus sonhos.

Acreditamos que, do ponto de vista artístico-social, não se pode negar a importância da arte literária na trajetória da humanidade. Basta lembrar que muitos autores foram perseguidos e suas obras queimadas em praça pública, por causa de indícios textuais que dialogavam com a realidade histórica de determinadas épocas. No Brasil, por exemplo, Gregório de Matos, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato sofreram na pele as marcas de sua escrita e de suas iniciativas sociais. Tais perseguições, na realidade, reafirmam o valor de uma obra e revelam que, ao fazer literatura, cada autor também está assumindo um papel social.

Se, no passado, muitos autores assumiram posicionamentos peculiares e exerceram papéis importantíssimos diante da composição social, cabe ao estudioso de uma obra evidenciar que o autor, quando está questionando o egoísmo, a ganância, a discriminação, entre outros temas que caracterizavam uma chaga social, está promovendo uma proposta de metamorfose, tema que se faz presente em muitas obras, sobretudo na obra infantil de Monteiro Lobato.

O papel que a literatura vem assumindo vai além de uma simples caracterização de classe, corrente ou movimento literário, ultrapassando os limites da estética e assumindo um caráter crítico, ou analítico, da composição social. Em uma análise literária, todavia, não se pode ignorar a intenção do autor, pois o mesmo trabalha a “obra” com marcas pessoais, posicionamentos particulares que explicitam a sua intencionalidade.

No campo da análise literária, pode-se recorrer à decodificação de metáforas e construções simbólicas que guiam ou direcionam o olhar crítico. É importante, porém, lembrar que a rotulação ou classificação de uma obra pode ajudar ou prejudicar a análise proposta. Não cabe nesse olhar crítico a imposição de barreiras, como a vinculação de uma obra a uma determinada corrente literária, embora tal preocupação tenha toda a legitimidade e importância científica. É o caso de rótulos atribuídos à obra de Lobato, como simbolista, realista, ou pré-modernista. É óbvio que temos a preocupação de valorizar o contexto histórico do autor. Todavia, a nossa preocupação mais relevante é justamente valorizar a sua mensagem e ideologia, independentemente das correntes ou escolas literárias a que se terá vinculado. A este propósito, convém lembrar que o autor em causa não manifesta, em suas cartas, qualquer indicação de afinidade ou afeição por uma determinada corrente literária, mas tão-somente uma preocupação com a originalidade e individualidade da sua escrita:

Em que estado voltaremos, Rangel, dessa nossa aventura de arte pelos mares da vida a fora? Como o velho Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

*Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para seguir borboletas de asas de fogo – se a não pegamos, somos infelizes; e se pegamos, lá se nos queimam as mãos. [...] estamos moços dentro da barca. Vamos partir. **Que é a nossa lira? Um instrumento que temos que apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia do nosso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard de edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Esquilo. Ser o Eça II ou um Esquilo III, ou ser o sub-Eça, ou um sub-Esquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, na calda. Puxar fila, não seguir. [...]***

*Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desânimos. **Trabalho as ocultas lá no subconsciente. Em que? Na afinação da lira e na afinação com as palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é – o sonho supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estético a um sexto sentido. E, então pegar a borboleta!***

*Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma e para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e um vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos. Há no mundo um ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece grande coisa. Se tomarmos como um programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo – e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho Gleyre.*⁶⁸

Na seqüência transcrita, encontra-se a máxima do pensamento lobatiano, a originalidade do eu, que tenta se aprimorar a cada dia. Dentro desta visão, cria uma motivação para seguir sem desânimo com seus projetos pessoais e sociais. Muitas vezes, pede um segundo olhar, a opinião de amigos e leitores, para não se distanciar dos propósitos traçados e também para verificar a eficácia de suas iniciativas. Segundo ele, o leitor não tinha a capacidade de produzir, imediatamente, uma resposta ao seu propósito. Contudo, acreditava que as mensagens textuais ficavam no subconsciente da criança, em uma fase de incubação e amadurecimento, para aflorar oportunamente em um futuro próximo.

Para ressaltar a importância e a validade da literatura no processo de formação, Lobato, movido por uma visão pedagógica, passa a acreditar nas crianças como a possibilidade de um país melhor. Tal pensamento, impregnado pelo sonho e pela utopia, está fielmente registrado em suas cartas, destinadas ao amigo pedagogo Anísio Teixeira, como observa o pesquisador Cassiano Nunes:

*Numa carta dirigida a Anísio Teixeira, ele fez menção ao pretensioso centro de educação moderna, que tencionava fundar, caso ficasse rico... Esta instituição ficaria sob a direção indiscutida do respeitado educador baiano. Isenta de quaisquer peias, ela, majestosa, difundiria generosamente educação de alto nível para a mocidade brasileira. Sonhar, para Lobato, era necessário como respirar. Apenas sonhando parecia ajustar-se à vida, suportá-la. Ninguém menos acomodado ou conformista no que diz respeito aos assuntos nacionais, pois pessoalmente era de grande simplicidade, quase um asceta*⁶⁹.

Segundo o estudo promovido por Nunes (1989), Lobato tinha um projeto pedagógico e as crianças faziam parte dele, assunto que será abordado nos capítulos que

⁶⁸ Lobato, 1957, p. 81 a 83. Grifos nossos.

⁶⁹ Nunes, 1986, p 14

seguem. Para já, pensamos ser suficiente afirmar que os fatos históricos nos fornecem grande ajuda na compreensão das condições textuais, justificando a elaboração da obra infantil lobatiana como parte de um projeto pessoal do escritor. No tópico seguinte, apresentaremos de forma, sucinta, recursos interpretativos que tratam do simbólico e do imaginário como estratégia de construção textual.

2.3. APRECIÇÃO TEÓRICA: O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO NO TEXTO INFANTIL

*O imaginário rompe com as fronteiras do tempo e do espaço e, com sua lógica própria, as divindades são construídas a partir da revelação das qualidades que simbolizam.*⁷⁰

Ao falar de texto infantil nos vem à mente idéias relacionadas à imaginação e a fantasia, fatores importantes na infância, e com base neste raciocínio acreditamos ser coerente abrir um parêntese para lembrar que os termos *imagem* e *imaginação* derivam do latim *imago* e *imaginationis*, cujos correspondentes gregos, foram empregados pelas diversas escolas helênicas e identificados como *phantasma* e *phantasia*. Nesse contexto, a imaginação é comumente definida como a faculdade que a mente possui de produzir imagens, entendendo-se por imagem a representação mental de um objeto ausente ou a reprodução de uma sensação na ausência da causa que a produziu. Pode a imaginação consistir tanto na evocação de imagens mnemônicas, quanto na construção de imagens criadas livremente pela fantasia.

Já que se faz necessário um embasamento teórico, para viabilizar nossa pesquisa, optamos por fazer uma pequena apresentação, intercalando, quando for oportuno, informações adicionais.

Inicialmente, acreditamos ser necessário resgatar uma das idéias primitivas de símbolo, trabalhada pela Semiótica e, para tanto, faremos uma breve viagem à sua origem. Se imaginarmos que Semiótica é a doutrina formal dos signos, que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis e a construção de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido, então poderemos compreender o seu papel dentro dos Estudos Literários, visto que a literatura tem como base a linguagem. Assim, adentramos na literatura infantil de Monteiro Lobato, tendo como suporte de análise elementos da teoria semiótica. Mas, não direcionaremos o trabalho com teorias abrangentes e divergentes desta ciência; antes, delimitaremos as observações ao nosso campo de estudo, pelas idéias específicas traçadas nas obras que nos servem de suporte teórico.

⁷⁰ Laplantine, 1997, p. 41

No livro *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce* (1995), constatamos que a Semiótica é uma ciência relativamente nova, que tem como expoentes pensadores variados, desde o americano Charles S. Peirce, passando pelo francês Roland Barthes, o italiano Umberto Eco e o suíço Ferdinand de Saussure, entre outros. Na citada obra, há uma nítida preocupação em traçar o quadro evolutivo desta ciência e criar no leitor o conceito de símbolo, tendo como base idéias trabalhadas por Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da ciência dos signos. Estes estudiosos limitaram-se a campos específicos, como a Semiologia, que se refere à tradição lingüística, podendo ser identificada como a ciência da linguagem verbal, sendo também conhecida como a Lingüística saussuriana; e a Semiótica, cujo termo fora usado por Peirce, para se referir à tradição filosófica da teoria dos signos, sendo identificada como a ciência de toda e qualquer linguagem. Para compreendermos a visão peirciana, citamos o seguinte raciocínio do autor:

Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura [...]. A Semiótica, como teoria geral dos signos, tem a sua etimologia do "grego semeion, que significa 'signo', e sêma, que pode ser traduzido por 'sinal' ou 'signo'.⁷¹

De acordo com esta definição, podemos entender Semiótica como ciência dos processos significativos, que ultrapassa a inspiração da fala humana, para abranger, como ciência geral dos signos, estudos da natureza não humana. A Semiótica nunca foi considerada parte da Lingüística, muito embora a língua seja considerada o caso paradigmático de um sistema de signos. Para Peirce, o universo é semiótico e o homem interage com os sinais, lendo os que o antecedem e formulando novos sinais, em suprimento das necessidades emergentes. Assim, suas idéias projetam uma dimensão muito mais ampla da noção de signo, estabelecendo uma relação entre o objeto e seu interprete, apresentando-nos uma complexidade de classificações que envolvem o objeto de estudo (o signo).

A relação de um signo com o seu objeto dinâmico pode ser classificada ou identificada como ícone (qualidade de ser da coisa), índice (relação de contigüidade do

⁷¹ Nöth, 1995, pp. 17. 24

signo, possibilidade de associação, o vir a ser) e símbolo (que é o signo no terceiro nível de interpretação, que se estabelece mediante uma convenção). O fato é que Peirce coloca sempre em jogo o desenvolvimento criativo e original dos problemas básicos da Filosofia e, desde o início, identificou a lógica como algo inteiramente ligado ao âmbito da teoria geral dos signos. Assim, podemos pressupor que Símbolo é um signo que representa um determinado objeto.

Para o professor Nöth, organizador do estudo apresentado na obra *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce, "símbolos e imagem são as noções centrais da semiótica"*⁷². Tomando como base o **ato comunicativo** e uma vez que "comunicar" significa, etimologicamente, "pôr em comum", poderemos compreender que, no processo de comunicação, surgem automaticamente símbolos e imagens (construídos por signos) que desempenham um papel fundamental no ato comunicativo. Portanto, sem signos, não há mensagem, porque sem eles nada podemos pôr em comum. No campo literário, esta realidade se faz evidente através do processo metafórico que norteia a composição poética, aproximando, assim, a teoria da prática textual.

Para refinar o foco de nossa análise, aduziremos o contributo de outros teóricos, que trabalham com a questão simbólica. Um deles é Gaston Bachelard, que apresenta a formulação do imaginário, a partir da materialidade dos elementos da natureza (terra, água, fogo e ar). Munindo-nos com tal teoria, identificaremos, na obra infantil *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, a água como um elemento motor da metamorfose, tanto das personagens textuais como da criança / pequeno leitor, tomando como ponto de partida a aquisição dos diversos saberes empíricos, com o intuito de evidenciar um diagrama do imaginário simbólico contido no Reino das Águas Claras.

Lembramos que entre os mais modernos pensadores franceses está Gaston Bachelard (1884-1962), notável professor de História e de Filosofia das Ciências na Sorbonne nos anos de 1940-1955, autor de uma enorme produção filosófica e um dos gurus da epistemologia e da metodologia filosófica contemporânea. Bachelard não é tido como um "filósofo de rigor" no sentido em que Husserl definira a Filosofia "como ciência de rigor", mas é certamente um filósofo de vocação especial, já que, pelos seus conhecimentos físicos, filosóficos, dialéticos e epistemológicos, conseguiu criar um mundo simbólico, através de uma concepção original, transformando-se em um filósofo da imaginação poética, um alquimista do sonho.

⁷² Nöth, 1995, p. 55.

A Poética do Devaneio (1988) é uma obra de fundamental importância para quem se dedica à escrita literária e à Literatura, pois trabalha com o campo do imaginário dos signos, do sonhador de palavras, daquele que mobiliza a palavra para com ela construir sua navegação literária em tom de ficção ou de fantasia. Tal obra, aliada ao ensaio sobre a imaginação da matéria, *A água e os sonhos* (1989), exerce grande influência em nosso trabalho, uma vez que ambas apresentam contribuições básicas para a “teoria do devaneio” e para a construção simbólica.

Bachelard contempla filosoficamente o mundo das imagens através da materialidade dos quatro elementos, pois “*a imaginação material é realmente o mediador plástico que une as imagens literárias e as substâncias*”. Convida-nos a compreender as categorias contrastantes das forças imaginantes da nossa mente, elegendo como fundamento de toda a construção simbólica a **imaginação formal** e a **imaginação material**.

Neste sentido, torna-se indispensável estabelecer um elo entre imaginação e imagem, pois, segundo Bachelard, a palavra tem o poder de ocasionar imagens no universo literário que se concretizam através da escrita e da leitura, proporcionando o regresso à infância. É neste contexto que surge a busca da imagem, destacando a possibilidade de valorização dos aspectos criativos na construção de uma simbologia, e aflorando dois tipos de imaginação:

1. **A imaginação evocativa**, ou capacidade de evocar, sob a forma de imagens, objetos conhecidos por sensação ou experiência anterior.
2. **A imaginação criadora**, ou capacidade de criar e recriar, ainda que a partir de formas sensíveis e concretas, imagens novas.

No primeiro caso, a imaginação é reproduzida através da capacidade evocativa, que depende essencialmente das sensações e da memória; no segundo caso, a imaginação produzida simboliza novas imagens originais.

Já que as idéias bachelardianas estão intimamente ligadas à materialidade dos elementos naturais, os quais possibilitam uma associação entre o devaneio e o fluxo da memória, acreditamos ser possível evidenciar a proposta metamórfica da obra infantil de Monteiro Lobato, colocando em foco a água como um elemento motor da metamorfose, pois nos permite fazer associações e estabelecer elos que facilitam a compreensão das

construções simbólicas da obra lobatiana. Neste contexto, o imaginário descrito, tanto por Bachelard como por Laplantine, favorece nossa análise:

*1) De repente uma imagem se instala no centro do nosso ser imaginante. Ela nos retém, nos fixa. Infunde-nos o ser. O cogito é conquistado por um objeto do mundo, um objeto que por si só representa o mundo. O detalhe imaginado é uma ponta aguda que penetra o sonhador suscitando nele uma meditação concreta. Seu ser é a um tempo o ser da imagem e o ser da adesão à imagem que provoca admiração. A imagem nos fornece uma ilustração da nossa admiração.*⁷³

*2) A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem jovem. O poeta, na novidade das suas imagens, é sempre origem de linguagem.*⁷⁴

Tomando como ponto de apoio estas transcrições, cogitamos que o principal elo entre as idéias de Bachelard e a teoria semiótica é a valorização da imagem simbólica, criada a partir da materialidade dos elementos da natureza. Tal elo possibilita a apreciação do processo de criação literária que, segundo o autor, situa-se no campo do imaginário poético, entrelaçando fundamentos teóricos e filosóficos e dando vida à simbologia de diversos textos literários.

Em sua obra *A Água e os Sonhos*, Bachelard nos apresenta a água como um elemento constante que simboliza as forças humanas mais escondidas, colocando-a na condição de linguagem fluida, como elemento transitório, como uma metamorfose ontológica e essencial entre o fogo e a terra. A imagem da água é um elemento constante nas lembranças do filósofo, vista como uma matriz arquetípica de vidas que ganham novas formas e perspectivas de experiências, vindo escoar-se por toda a seqüência temporal de nossa "edição de imagens". As águas marcam, por assim dizer, a transição das cenas e dos fluxos das emoções. São facilitadoras da metamorfose e do fluxo de memória, como se pode observar na transcrição:

⁷³ Bachelard, 1988, p.147

⁷⁴ Bachelard, 1988 a: 97

*Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes.*⁷⁵

Diante de tal pensamento, lembramos que Tales de Mileto (Gaader, 1995), filósofo da natureza, considerava a água como a origem de todas as coisas, enquanto, para Heráclito, a morte era a própria água. Bachelard (1998), por sua vez, dedicou-se ao estudo psicológico das variações das águas: águas claras, primaveris, correntes, profundas, suaves, violentas e, especialmente, a água como mestre da linguagem. Assim, o termo água possui múltiplas significações. Sua simbologia varia de acordo com os ambientes e com as culturas.

Neste contexto, identificamos a simbologia da água como uma forte presença que redimensiona o curso dos acontecimentos. O imaginário relativo à água reforça a imaginação material, como uma metáfora total, que une os instantes de criação poética à simbologia metafórica, ou seja, o elemento água se presta a dar existência às metáforas totais, dando sentido às transformações, às transmutações do ser e do universo em que habitam.

Outra visão importante para a nossa pesquisa diz respeito a questões relacionadas como o imaginário infantil. Enquanto Bachelard e Peirce (1995) nos fornecem fundamentações teóricas para trabalhar questões simbólicas, possibilitando a abordagem de elementos apresentados como estratégia textual, sentimos a necessidade de compreender como esses elementos podem interagir com a realidade infantil, possibilitando o amadurecimento da criança. Nessa busca, identificamos o imaginário como facilitador do aprendizado e do crescimento cognitivo da criança que, ao entrar em contato com uma realidade textual, passa a estabelecer uma ponte entre o ficcional e o real, dando origem a uma nova forma de interpretar o mundo.

Lembramos que o imaginário tem inspirado diversas pesquisas relacionadas com a psicologia infantil, entre as quais a de Laplantine (1997) que aponta o imaginário como uma característica fundamental do universo infantil. Ao usar o imaginário, a criança estabelece um jogo simbólico no qual predomina o desejo de compreender o mundo, passando a realidade a ser decodificada, através da expressão textual. Assim, o

⁷⁵ Bachelard, 1989 b: 08-09.

seu inconsciente traça uma linha de pensamento coerente entre a ficcionalidade e a realidade, possibilitando o seu amadurecimento:

*O imaginário não é a negação total do real, mas apóia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real. A negação do real, na qual está contida a concepção de loucura e ilusão não tem nada a ver com o conceito de imaginário, pois se encontram no imaginário, mesmo através da transfiguração do real, componentes que possibilitam aos homens a identificação e a percepção do universo real.*⁷⁶

A importância da literatura na formação do pequeno leitor está patente neste processo de transfiguração e interpretação do real, uma vez que:

*O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo. O real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza.*⁷⁷

Podemos dizer que o texto infantil, através do imaginário, ajuda a criança a compreender melhor o mundo dos adultos. O ganho psíquico obtido com a leitura não é uma descoberta inédita, pois a psicologia já há muito tem dado conta deste fato. Assim, a psicologia vê no jogo simbólico uma expressão do pensamento autístico da criança, que progressivamente vai construindo o conhecimento, através de um jogo associativo e racional.

Com relação à Literatura Infantil, ela poderia suprir algumas necessidades características da infância, uma vez que, impossibilitada de compreender o mundo real, a criança encontra no texto literário elementos simbólicos que lhe permitem uma associação direta entre a realidade textual e a extra-textual, através do imaginário. Para melhor compreensão da importância da simbologia e do imaginário na infância, basta perguntarmos a diferença entre um jogo infantil e o de um adulto. Se observarmos que ambos são movidos por regras, então teremos como resposta uma negativa. Basicamente, não há diferença alguma entre eles. É que, ao avaliar um jogo, não levamos em consideração a complexidade que o envolve, mas o estabelecimento de regras que o motivam. Logo, ambos (os jogos infantis e os dos adultos) são iguais,

⁷⁶ Laplantine e Trindade, 1997, p. 28.

⁷⁷ Laplantine & Trindade, 1997 p.79.

movidos por regras que simbolicamente regem as atitudes dos jogadores. Eles promovem uma transposição imaginária do real, através do estabelecimento de regras, que é comum em todas as etapas do desenvolvimento humano. É na infância que se acentua de forma mais constante o uso do imaginário e, já que a sua imaturidade não lhe permite ver claramente as coisas, a criança necessita de um recurso comparativo (imaginário) que possibilite, através da associação, compreender o funcionamento do real. É justamente neste contexto que age a Literatura Infantil: ela favorece a compreensão do mundo, através da decodificação de um jogo simbólico que, por sua vez, se ampara no imaginário. Logo, as narrativas literárias exprimem uma experiência psíquico-emocional, aguçando uma capacidade restritamente humana, que é a racionalidade.

No texto lobatiano, a todo o momento, o leitor se vê diante de fatos ficcionais que instigam a curiosidade e facilitam a reflexão e o exercício da democracia: todos têm o direito de opinar e de questionar os acontecimentos, na busca de uma eterna adaptação do homem a novas situações. Lembramos que essa iniciativa significa uma proposta metamórfica, uma vez que, agindo assim, Lobato quebra com o tradicionalismo de uma lição de moral dos textos infantis e passa a motivar a descoberta de uma lição mais importante: a liberdade de pensar por si próprio, possibilitando que a criança tenha uma participação na construção desta “moral”, pois, através dos fatos textuais, ela consegue desenvolver um raciocínio lógico que contribuirá para o seu amadurecimento psicológico.

O capítulo seguinte procurará questionar a viabilidade da nossa pesquisa voltada para as questões metamórficas e as pistas textuais que a justifiquem.

Capítulo III

A METAMORFOSE REALMENTE EXISTE NO TEXTO LOBATIANO OU É SÓ UMA VIAGEM INTERPRETATIVA?



*Tudo flui e nada permanece; tudo se afasta e nada fica parado... Você não consegue se banhar duas vezes no mesmo rio, pois outras águas e ainda outras sempre vão fluindo.... É na mudança que as coisas acham repouso...*⁷⁸

⁷⁸ Heráclito, fragmentos. Fonte: *Heráclito, o Pensador do Logos* – Orsely Guimarães – Cadernos do ICHF – Julho de 1989.

3. A METAMORFOSE REALMENTE EXISTE NO TEXTO LOBATIANO OU É SÓ UMA VIAGEM INTERPRETATIVA?

O texto lobatiano apresenta uma proposta metamórfica que pode ser evidenciada através do depoimento de uma personagem muito importante para a nossa análise, pois em suas palavras reside grande parte de nossas pistas textuais. No livro *A Reforma da Natureza*, Lobato, através de Emília, nos revela que realmente existe uma proposta pedagógica de metamorfose social em sua iniciativa literária:

O Américo pisca-pisca era um bobo alegre. Reformou a natureza como o nariz dele, e foi pena que a abóbora do sonho não lhe esmagasse a cabeça de verdade. Seria um bobo a menos no mundo. Nós faremos uma reforma muito melhor. Primeiro reformaremos as coisa aqui no Sítio. Se tudo der certo, o mundo inteiro adotará nossas reformas. Sua mãe não há de querer que você venha. É “adulta” e os tais adultos são uns Américos pisca-piscas. Mas você vem assim mesmo. Cheira meia pitada desse pó que vai no saquinho de papel – só meia, se não em vez de parar aqui vai parar não sei onde. Eles partiram essa manhã e eu já estou me sentindo muito “tênia...” (depois que Emília soube que “solitária” era sinônimo de “tênia”, passou a empregar a palavra “tênia” em vez de “solitária”. “Não é gramatical” – dizia ela – mais é mais curto).⁷⁹

Lobato, na figura de Emília, está convidando as crianças/leitores, representadas por Cleo (Rã como é chamada pela bonequinha), a tomarem parte nas grandes reformas (metamorfozes) que o *Sítio* provocará na Literatura Infantil e, conseqüentemente, na sociedade brasileira. Vale registrar que Cleo é uma criança que trocava idéias com o autor, inspirando a criação desta personagem que ao lado da bonequinha lobatiana promove verdadeiras metamorfoses nos habitantes do *Sítio*. A este respeito vejamos o que a obra *Lobato: Furação na Botocúndia* revela:

Mergulhado nos contos e fábulas, o exercito de admiradores mirins repartia com o autor as Fantasia vivenciadas nas histórias. É o caso da jovem que escrevia sob pseudônimo de Rã. “Ótima essa idéia da Emília modificar a natureza!”, exclama. “Imagine se a Lambeta-mor resolvesse modificar o homem. Dar-lhe-ia couro de rinoceronte para não haver fuzilamentos; saindo do meio da cabeça, um lindo guarda-chuva vermelho;

⁷⁹ Lobato, 1970, p. 1888 (Grifos nossos).

*duas asas também, para bater o recorde do Santos Dumont; um cestinho pendurado embaixo do nariz para se encher de flores ou de perfume sempre (...) e nas solas dos pés duas formidáveis molas para o indivíduo pular quando quisesse numa altura considerável ou então andar se balançando conforme o gosto.*⁸⁰

Como podemos observar, as crianças embarcavam nas histórias da turminha, sugerindo coisas ao autor e por vezes servindo como personagem, como é o caso de Cleo, que desenvolve um raciocínio lúdico para ajudar na reforma da natureza proposta pela bonequinha Emília. Esse fato é de grande importância, pois demonstra o grau de aceitabilidade dos pequenos leitores e indica a possibilidade de indução da reflexão através do texto infantil.

O livro infantil não deverá trazer a memorização de informações, “*torturando as crianças*” com uma “*uma lavagem cerebral*” (como tradicionalmente é feito nas escolas, segundo a visão lobatiana). Ele deverá falar à imaginação, possibilitando a liberdade de raciocínio, induzindo a criança a ter autonomia de pensamento, originando um ser capaz de interagir com a sociedade.

Com base neste comentário, lembramos de outra passagem do mesmo livro, que trata da importância da leitura na formação infantil e automaticamente a relacionamos com a proposta do nosso trabalho, pois, ao promovermos uma releitura da obra lobatiana, na busca da interpretação ou compreensão das construções simbólicas, podemos realmente comprovar a existência da idéia de metamorfose social, contida em sua composição e um exemplo disto é justamente o redimensionamento da leitura na formação humana. Trata-se da idéia do “*livro comestível*” que, através de Emília, demonstra a realização ficcional de um desejo real do escritor:

— *Pois eu tenho uma idéia muito boa, disse Emília, Fazer o livro comestível.*

— *Que história é essa?*

— *Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos — uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura, está almoçado ou jantado.*

⁸⁰ Azevedo, 1998, p. 316.

A Ranzinha gostou tanto da idéia que até lambeu os beiços.

— Ótimo Emília! Isso é mais que uma idéia-mãe. E cada capítulo será feito de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão da sobremesa – gosto de manjar branco, de pudim de laranja, de doce de batata.

*— E as folhas do índice- disse Emília - terão gosto de café – serão o cafezinho do leitor. **Dizem que o livro é o pão do espírito. Porque não ser também o pão do corpo?** As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.*

— Nem precisaria mais de pão Emília, o velho pão viraria livro. O Livro-Pão ou Pão-Livro! Quem souber ler, lê o livro e depois come, quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima idéia Emília!

— Sim – disse esta muito satisfeita com o entusiasmo de Rã. — Porque, afinal de contas, isso de fazer livros só comestíveis para caruncho é bobagem – podemos fazê-los comestíveis para nós também.

— E quem deu a você essa idéia Emília?

— Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é? Mas depois que lemos e ficamos com toda a história na cabeça, o livro se torna uma inutilidade na casa. Ora, tornando-o comestível, diminuiremos uma inutilidade⁸¹.

A longa transcrição tem uma explicação coerente, pois, quando nos deparamos com a fala de Emília, que afirma ter a intenção de criar um livro-pão, para alimentar a alma, o espírito e o corpo do leitor, então veio à certeza de que é possível identificar neste trecho a proposta metamórfica lobatiana, que apresenta um redimensionamento da idéia utilitária do livro na formação intelectual dos brasileiros. Neste contexto, a boneca questionadora, de construída, passa a construtora de uma nova realidade em que a literatura assume uma função social de transformação, evidenciando o propósito pedagógico de seu criador.

A fala da bonequinha revela que seu autor pretende saciar a fome intelectual das crianças. Assim, Emília apresenta grande semelhança com as idéias do Lobato empresário que não só produziu, comercializou e popularizou o livro em terras brasileiras, como também mostrou que não há diferença entre ele e outras mercadorias, pois a humanidade necessita saciar sua fome intelectual.

Dentro da ficção, com uma pitada de imaginação, Emília não diferencia o livro de outras mercadorias e, diga-se de passagem, que Lobato também o fizera: o livro-pão não seria apenas vendido, mas também devorado⁸² como o pão, tornando-se,

⁸¹ Lobato, 1970, p. 1200 (Grifos nossos).

⁸² A metáfora gastronômica, hoje retórica comum, é rastreada por Alberto Manguel (1997), que postula (p. 196-9) sua longevidade e a localiza já antes do nascimento de Cristo, quando o profeta Ezequiel teve a

segundo as próprias palavras da personagem, um pão “do corpo e do espírito”. Já que esse objeto representa a primeira iniciativa do escritor, que não só o produziu, comercializou e popularizou como também criou uma nova perspectiva para a Literatura Infantil na formação dos pequenos leitores, acreditamos que só esta passagem já viabilizaria ou justificaria nosso trabalho.

Mas, deixando um pouco as polêmicas do texto infantil e a idéia de livro como alimento da alma, e voltando para as motivações da escrita de Lobato em relação às crianças, surge a lembrança de uma carta do escritor ao amigo Godofredo Rangel, na qual se revela mergulhado no saudosismo, buscando em seus tempos de criança a inspiração para os textos infantis. É em tal carta, já referida, que ele lembra os momentos que passou na biblioteca de seu avô Visconde, envolvido com a leitura de exemplares preciosos de clássicos europeus, recordando que viajava pela leitura e afirmando que muitas vezes morou nas páginas dos livros, tamanha era sua concentração e envolvimento com a obra lida naqueles momentos de sua infância.

Esta experiência o fez desejar criar livros nos quais as crianças possam morar, livros tão atraentes e envolventes quanto os que ele leu, quando menino. Mas não bastava, para o escritor, apenas envolver as crianças com aventuras maravilhosas. Ele também queria politizá-las, torná-las aptas a questionar o mundo e, se possível, plantar nelas o desejo de fazer algo para promover uma mudança em seu contexto social. Logo, a ficcionalidade, *o mundo do faz de conta*, deveria interagir com o pequeno leitor, de forma que tivesse o poder de implantar nele o germe da inquietação diante do mundo, tornando-o mais crítico e participativo. Lembramos que, em vários momentos do nosso trabalho, nos referimos às leituras do menino Juca, porque identificamos nelas a real motivação de sua literatura.

Entre as crianças, a literatura deveria criar novas perspectivas de ver o mundo, para que pudessem questionar os valores sociais, através de referências simbólicas. Neste contexto, o livro seria visto como um mundo, no qual as diferenças deveriam ser compreendidas e discutidas e não aceitas cegamente, por imposição da sociedade. Neste universo social, o texto exerceria o papel de mediador entre a realidade e a possibilidade de recriá-la, através da construção de valores e de conhecimento.

A porta para essa revolução estava, então, aberta, através da tripla aliança: leitura, simbologia e imaginação. A pequena criatura, possuidora de um cérebro ainda

visão na qual lhe foi entregue um manuscrito enrolado, dizendo “*Abre a boca e come o que te vou dar*”. Lembra também o exemplo do *Apocalipse*, de São João, segundo o qual o santo recebe visão parecida.

limpo de impressões sociais (das chagas e mazelas que assolam a humanidade), encontrava-se tremendamente receptiva e apta a criar uma nova realidade, livre dos velhos vícios sociais. Para Lobato, era fundamental libertar a criança do comodismo em que se encontrava, tolhida da liberdade de pensar, agir, criticar ou imaginar. Então, a literatura surge de forma objetiva e libertadora. Credo que os adultos não tinham mais conserto, cabia a ele falar para as crianças, salvá-las, se possível, dos grandes males que a sociedade tradicional lhes impôs. A mente das crianças precisava ser semeada, para que pudesse germinar a plantinha da lucidez, que ocasionaria grandes mudanças em nossa forma de organização social.

A esperança de Lobato estava nessas pequenas vidas. Com suas idéias novas, carregadas de ética, de moral e de uma postura politicamente correta, ele acreditava estar beneficiando não só a criança, mas também a coletividade, a nação. E, nessa luta em prol de nossa gente, o simbólico e o imaginário eram elementos de extrema importância para a compreensão da mensagem literária. Como reforço as idéias trabalhadas neste parágrafo transcrevemos uma oportuna declaração da escritora infantil Ruth Rocha, em uma entrevista à revista *Educação*:

*No campo do imaginário infantil não nos é permitido perguntar a lógica das coisas, pois o que importa mesmo é viajar nas histórias, construídas com narrativas ricas em conceitos e significados. [...] A valorização social do livro não é uma coisa clara. Quanto à boa safra de autores, devemos a Monteiro Lobato. Ele estabeleceu um padrão de qualidade em nossa literatura e todos os autores partiram desse patamar. Qualquer livro de história da literatura menciona a importância de Monteiro Lobato, até em obras estrangeiras. Autores de hoje foram crianças que leram Monteiro Lobato. [...] E, assim mesmo, eu li muito. Porque em casa havia muitos livros. Monteiro Lobato foi um dos autores que fez parte de minha infância. Os livros eram arrebatadores, e o que mais me fascinava era a liberdade dos personagens, prontos para sair pelo mundo.*⁸³

Em outro depoimento, a escritora revela como a literatura lobatiana entrou em sua vida:

"Acho que "Reinações de Narizinho" foi um dos primeiros livros que eu li e, certamente, um dos primeiros que eu ouvi. Sempre adorei Monteiro Lobato. Li com meus irmãos, li para minhas sobrinhas, para minhas filhas. Lobato influenciou toda essa nova geração da literatura infanto-juvenil

⁸³ Revista *Educação*, edição: 252, em Abril de 2002. <http://www.editorasegmento.com.br/>

*brasileira, que é uma das melhores do mundo. Esse humor, essa ironia e esse engajamento político, que vêm muito de Lobato, não se encontra em praticamente em nenhuma outra literatura. Definitivamente Reinações de Narizinho é o meu clássico*⁸⁴.

É importante contar com palavras de leitores ilustres da obra lobatiana, pois acreditamos que tais posicionamentos nos ajudam a exemplificar o quanto o autor marcou a literatura infantil. Seguindo esta linha, lembramos as palavras do escritor Pedro Bandeira que, ao avaliar o grande sucesso da série *Harry Potter*, na atualidade, faz questão de estabelecer uma relação comparatista entre a escritora J.K. Rowling e o nosso Monteiro Lobato, valorizando a genialidade de ambos:

*Ler livros na infância, se eles forem divertidos, sempre é uma 'entrada' para a leitura. No meu caso, livros infantis, gibis e logo o Monteiro Lobato foram meu ingresso no hábito de consumir livros apenas por lazer. Os livros com o Harry Potter fazem imenso sucesso sabe por quê? Pensa que eu vou dizer que é por causa de boas estratégias de marketing? Nada disso. Quando um livro é ruim, não há marketing que o transforme em sucesso. O caso da J.K. Rowling é simples: os livros são ótimos! Na minha opinião, esta escocesa é a única lobatiana de verdade no mundo depois de Lobato. Harry Potter é uma espécie de Cinderela, que vive sofrendo na mão de tutores malvados e faz uma viagem mágica onde tudo é possível. Bingo! Lobato puro! E tudo sem moralismos, sem pretender ensinar nada, somente divertir e fazer sonhar. É por isso que crianças mergulham prazerosamente em livros de mil páginas, devorando-os e lamentando quando eles chegam ao fim. Queria eu ter de novo nove anos para me divertir com as aventuras do fabuloso bruxinho, como um dia o fiz com a obra de Lobato!*⁸⁵

A transcrição coloca, oportunamente, J.K. Rowling no patamar de agente transformador, influenciando o hábito de leitura na infância, tal qual Monteiro Lobato. Mas o que chamou nossa atenção no comentário do escritor brasileiro foi o fato de revelar que: “*Queria ter de novo nove anos para me divertir com as aventuras do fabuloso bruxinho, como um dia o fiz com a obra de Lobato*”. Tal revelação nos leva a perceber que a obra lobatiana marcou sua infância. Curioso como a metamorfose está intimamente ligada à obra de escritores, como Lobato, que promovem uma real mudança sócio-cultural, através do ato da leitura. Para confirmar a tese da metamorfose no texto lobatiano, transcrevemos o pensamento encontrado no livro *Lobato: Furacão na Botocúndia*:

⁸⁴ "Prosa & verso" - *O Globo*, 13.02.99.

⁸⁵ Pedro Bandeira, "Prosa & verso" - *O Globo*. (Grifos nossos).

Fazendo de Lobato um companheiro de viagem pelos domínios da fantasia, os pequenos, de tal modo identificados com o autor, acabam se sentindo parte integrante de seu reino imaginário. Era como se também morassem no Sítio do Picapau Amarelo, onde os protagonistas nutriam idéias muito sérias a respeito do Brasil, conforme relata seu criador em entrevista. 'Querem que o país todo se torne um sítio de Dona Benta, o abençoado refúgio onde não há opressão nem cárceres – lá não se prende nem passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda e estão realizando a República de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher',⁸⁶.

Era assim que Lobato imaginava o nosso país: como uma verdadeira República, onde deveria imperar a liberdade de expressão e o desejo de progresso. Necessitava passar essa mensagem para as crianças e fazê-las sonhar junto com o ele. E, assim, usando o lúdico e fugindo do ar doutrinário, adota uma abordagem mais camarada, usando da simplicidade da linguagem, para tratar dos mais diversos e complexos assuntos da realidade social brasileira, encantando seus leitores e trazendo para o universo infantil uma proposta metamórfica que contemplava, inicialmente, o seu incentivo à leitura e à mudança de seu comportamento, criando um jogo mágico de entretenimento e conscientização. E, neste jogo com as palavras, ele faz do mais simples ato de brincar um aprendizado, induzindo os leitores a refletirem sobre os acontecimentos, de acordo com um juízo pessoal de valores, e a tomarem determinadas atitudes, como por exemplo, questionar ensino tradicional, claramente constatado nas páginas dos Livros *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *Serões de Dona Benta*, etc. Suas narrativas criam uma realidade extra-textual que entra em diálogo com a realidade imediata da criança. É como se o imaginário infantil possibilitasse a existência de um entre-lugar situado entre o texto e o real, servindo de ponte para a compreensão do pequeno leitor, como se pode observar na transcrição seguinte:

O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado Mundo de Mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como

⁸⁶ *Prefácios e entrevistas*, p.308. *Apud* Azevedo, 1998, p. 311 e 312 (*Grifos nossos*).

*as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.*⁸⁷

Como se pode observar, o universo lobatiano induzia à criação de reflexões coerentes, que se tornavam tão reais quanto às próprias páginas de seus livros. Deste modo, os relatos das aventuras da turminha do *Sítio*, além de divertirem, conseguem conciliar a ficcionalidade com a realidade, originando uma nova visão do mundo, através das condições mais adversas, em um delicioso jogo, que envolve ficção e realidade.

Mas como isto é possível? Obviamente, com a ajuda do simbólico e do imaginário, tudo parece transmutar em uma projeção imaginária, que passa a ser uma realidade alternativa, um entre-lugar, situado entre o textual e o extra-textual. Oportunamente esta idéia será explorada de forma mais detalhada. No momento, buscaremos exemplificar como o texto lobatiano conseguiu o sucesso alcançado, objetivando comprovar se a metamorfose realmente existe nesse texto ou se ela é só uma viagem interpretativa.

Inicialmente, lembramos que a literatura infantil de Monteiro Lobato não conquistou só elogios. Alguns estudiosos, como Nelly Novaes Coelho e Cecília Meireles, fizeram críticas ferrenhas ao seu texto infantil. Tal fato merece uma abordagem que contemple reflexões coerentes. Remetemo-la, porém, para o capítulo que trata especificamente da metamorfose lobatiana, pois as idéias que deverão nortear as explicações estão intimamente ligadas às desenvolvidas no capítulo em questão.

Se, por um lado, o texto causou um impacto que gerou repúdio, por outro, ele favoreceu a consagração do autor e inspirou toda uma geração de críticos da década de 80, que reconhecem a sua inovação e a genialidade. Para mostrar a veracidade do que fora afirmado, nosso estudo faz referência a alguns críticos atuais, como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Massaud Moisés que, em ocasiões distintas, apresentaram posicionamentos importantes a respeito da escrita infantil de Lobato. Além desses consagrados nomes da crítica literária brasileira, lembramos que existe uma gama de textos críticos⁸⁸, nos quais seus autores se propuseram comentar a obra infantil

⁸⁷ *O Pícapau amarelo*. Apud Mattos, Ilmar Rohloff de, "No sítio de José Bento". *Relatório do Projeto Integrado de Pesquisa Modernos Descobrimientos do Brasil*. CNPq, 1997, p.21.

⁸⁸ Lembramos que atualmente surgiram importantes obras sobre Monteiro Lobato: *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis Arainhas no Sítio do Pícapau Amarelo* de Horácio Didimo; *Minhas Memórias de Lobato: contadas por Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa*, de Luciana Sandroni; *Monteiro Lobato, o Furacão da Botocúndia*, de Vladimir Zaccheta, Cármen Lúcia de Azevedo e Márcia

lobatiana, mas que não serão utilizados diretamente em nosso trabalho, porque as suas considerações não estão em harmonia com os objetivos traçados em nosso estudo. Esses textos, no entanto, contemplam a obra infantil em questão e alguns deles falam sobre as iniciativas sócio-literárias do escritor, ressaltando sua importância no panorama da literatura brasileira.

Alfredo Bosi⁸⁹ afirmou que, enquanto o Lobato, escritor para adultos, pode ser considerado um realista determinista, o escritor de obras infantis cria um outro mundo, no qual, segundo ele “*é abolida a determinação e começa a liberdade*”. Também Marisa Lajolo afirma que, na obra infantil lobatiana, se encontra “o melhor Lobato”⁹⁰.

Tais depoimentos são de suma importância para o nosso trabalho, pois é justamente apoiados na crítica literária, e em especial a da década de 80 e a da atualidade, que comprovamos a unanimidade da valorização da obra Infantil lobatiana, através de uma proposta de metamorfose. Com este propósito fazemos uso das palavras de Laura Sandroni, que afirmou que Lobato, com seu primeiro livro infantil, inaugura “*o que se convencionou chamar de fase literária da literatura infantil para crianças e jovens*”⁹¹, devido à sua criatividade e intencionalidade. Não podemos esquecer que, para Glória Maria F. Pondé, “*a obra lobatiana para a infância enquadra-se na ‘grande arte’.*”⁹². Sendo assim, começaremos a desvelar na literatura lobatiana fatores que justificam tais posicionamentos.

Ainda com estas observações, promovemos, neste instante, uma pequena quebra no raciocínio do texto para adentrar em um rápido mergulho histórico, resgatando o trajeto da conquista dos direitos da criança e seu reconhecimento dentro da sociedade para, através dele, alcançar a compreensão da importância simbólica da Literatura Infantil e sua formação, uma vez que inúmeras correspondências de Monteiro Lobato questionam a didática adotada em sua época e revelam a necessidade de inovação, através da obra literária. Tal informação tem importância neste trabalho, sabendo que Lobato passa a cultivar a esperança de construir um mundo melhor, através

Camargos; *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*, de Enio Passiani; *O Universo Ideológico da obra Infantil de Monteiro Lobato*, de Zinda Maria Carvalho de Vasconcelos, e também *Os filhos de Lobato*, de J. R. W. Penteado, entre outros.

⁸⁹ Bosi, A. “Lobato e a criação literária” In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, n.º 43. 1982.

⁹⁰ Lajolo, M. “A modernidade em Monteiro Lobato”, In Zilberman, Regina. *Atualidade de Monteiro Lobato*, 1982.

⁹¹ Sandroni, L. *De Lobato a Bojunga*. p. 47.

⁹² Pondé, G. M. F. “A herança de Lobato”. In ZILBERMAN, R. *Atualidade de Monteiro Lobato*, p. 113.

das crianças, e mergulha de cabeça neste universo da Literatura Infantil, com o propósito de atingir um público-alvo, que terá o compromisso de valorizar não só a literatura, como também a conquista de valores que possibilitam o progresso.

Sabe-se que os livros fizeram parte da formação intelectual de muitas crianças e que sua história também está vinculada à trajetória do reconhecimento da infância como uma fase de formação. É justamente neste contexto que se encontra boa parte argumentativa da construção do projeto pedagógico lobatiano.

Na sociedade medieval, o respeito pela infância não existia, pois não havia a consciência da particularidade infantil, isto é, a distinção entre criança e adulto. Deste modo, a idéia de infância estava ligada à idéia de dependência dos pais e a sua saída desta condição para o ingresso pleno no mundo dos adultos ocorria quando a criança tinha condições de viver sem a dependência constante de sua mãe, ou de uma ama. No momento de “independência”, ela ingressava na sociedade dos adultos, fazendo parte da vida produtiva, sem distinção de idade. A indeterminação da idade estendia-se a todas as crianças envolvidas nas mais diversas atividades sociais, visto que os pequeninos participavam de tudo: desde jogos e brincadeiras, às profissões e às armas. Com o estabelecimento de uma nova organização social, a criança foi ganhando notoriedade e atenção na sociedade, mas ainda faltava muito para chegar à educação idealizada pelo pedagogo Anísio Teixeira e por Lobato. A evidência da necessidade de mudanças ainda incomodava esses idealizadores de metamorfoses sociais, através da criança. Mas, antes de começar uma exposição dos valores idealizados e das transformações previstas por eles, pretendemos fazer uma pequena viagem rumo à descoberta do termo *metamorfose* e sua aplicabilidade na obra literária e projeto pedagógico de Lobato.

Mas, antes de começar uma exposição dos valores idealizados e das transformações previstas por eles, pretendemos fazer uma pequena viagem rumo à descoberta do termo *metamorfose* e a sua aplicabilidade na obra literária e no projeto pedagógico de Lobato.

3.1. O PODER DA METAMORFOSE E SUAS ORIGENS

Etimologicamente, o termo *metamorfose*, vem do verbo grego μεταμορφῶω, "eu transformo", que deu origem ao substantivo metamórfosij, "mudança de forma". Está vinculado às divindades da cultura grega e latina, sendo marca do sobrenatural, do maravilhoso e do fantástico, como um dos temas-chave da mitologia grega. Só os deuses podiam metamorfosear-se a si próprios e aos outros, fazendo-o para atingir seus desígnios (Zeus⁹³ por razões amorosas), ou por piedade (Níobe⁹⁴), ou punição (os piratas de Dioniso⁹⁵) ou, ainda, como um sinal para os homens. O papel das transformações tem sido estudado desde a Antigüidade. Mas, no século XIX, devido ao Positivismo, esse fenômeno foi considerado como evidência de um primitivo estágio da religião grega. O fato é que ele ganhou uma dimensão essencial na interação da cultura

⁹³ **Zeus (Júpiter)** - Descende dos reinos de Úrano e de Crono. É o organizador do mundo interior e exterior. É dele que depende a regularidade das leis físicas, sociais e morais. Suas aventuras amorosas são inumeráveis. Para conquistar aquelas que o encantavam, deusas ou mortais, utilizou, muitas vezes, a astúcia e os seus dons de metamorfose, devido às perseguições ciumentas de sua esposa Hera. Hércules foi uma de suas vítimas prediletas. Foi ela a responsável pela imposição ao herói dos célebres *Doze Trabalhos*. Perseguiu-o, sem tréguas, até à apoteose final do filho de Alcmena. Para escapar da vigilância atenta de Hera, Zeus não só se transformava de todas as maneiras (em cisne, em touro, em chuva de ouro, no marido da mulher amada), mas ainda disfarçava a quem desejava poupar da ira da mulher: Io o foi em vaca; Dioniso, em touro ou bode... Como exemplo de metamorfose com objetivo amoroso, podemos lembrar que Zeus rapta Europa, na forma de touro; seduz Dânae, na forma de chuva de ouro; seduz Leda, em forma de cisne. (Cf. Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, trad. port. Lisboa, Difel, 2ª ed., 1992, pp. 468-471).

⁹⁴ **Níobe**, rainha frígia, filha de Tântalo, irmã de Pélops, era a esposa do rei Anfíon (Amphion), de Tebas. Foi mãe de sete filhos e sete filhas. No relato de Ovídio, **Níobe**, orgulhosa de sua fecundidade, zombou de Latona, desdenhando do povo que adorava a deusa que só teve um casal de gêmeos: Apolo e Diana. Estes, para vingarem sua mãe, mataram, com flechadas, todos os filhos de Níobe. A infeliz mãe, desesperada de dor e fechada em profundo mutismo, pediu a Zeus que a mudasse em rochedo e, em seguida, encaminhou-se para a montanha Sípile, onde as rochas cresceram ao redor do seu corpo, envolvendo-a em uma banha de pedra. Neste estado, um turbilhão arrebatou-a para a Lídia e a depôs sobre o cimo de uma montanha, onde ela derrama lágrimas que, perpetuamente, correm de um bloco de mármore. (Cf. Pierre Grimal, *op. cit.*, pp. 331-332).

⁹⁵ **Dioniso**, também chamado Baco, é o deus da vinha, do vinho e do delírio místico. Filho de Zeus e de Sémele, a filha de Cadmo e de Harmonia, pertence à segunda geração dos deuses olímpicos. Para evitar a perseguição ciumenta de Hera, Zeus levou o filho para Nisa, longe da Grécia, e transformou-o em cabrito. Entre os vários prodígios operados por Dioniso, conta-se o da transformação em serpentes dos remos do navio dos piratas tirrenos, pela sua traição, já que visavam vender o deus, seu passageiro, como escravo na Ásia, em vez de o transportarem, segundo o contrato, até à ilha grega de Naxos. Os piratas, enlouquecidos por flautas invisíveis, lançaram-se ao mar, tornando-se em golfinhos arrependidos. Por isso, se diz que estes animais são amigos dos homens e os salvam dos naufrágios. (Cf. Pierre Grimal, *op. cit.*, pp. 121-122).

grega com as outras civilizações, influenciando o uso do termo em várias áreas do conhecimento.

Se na antiguidade o termo *metamorfose* estava especificamente vinculado às divindades, na atualidade, podemos perceber uma popularização do termo, atingindo o mais alto grau de significação, para se distanciar das restrições apresentadas no passado.

Estudos recentes, como os de Coelho (1985 e 2000), têm identificado na Literatura, em especial a Infantil, a idéia de aliança entre a metamorfose e a conquista do público-alvo, uma vez que a magia de transformação é um atrativo que arrebatou o leitor, por ser “*resultante da fusão do mundo real e trans-real ou espiritual, representados na narrativa por uma realidade mágica*”. Assim, Nelly Novaes Coelho considera a metamorfose como um importante elemento narrativo que, além de ilustrar as mudanças de categoria exigidas pela história, evoca respostas imaginativas e emocionais, tornando-a excitante, tocante ou divertida e fazendo com que o leitor venha a interagir com o texto. Deste modo, o termo é empregado na literatura contemporânea de forma abrangente, como, por exemplo, para designar transformações de seres em animais, mudando a realidade de uma personagem de vida sofrida para a completa felicidade.

Mas o que, realmente, a Metamorfose significa na atualidade? A idéia original de transformação, mudança de forma, de estrutura física ou moral, mantém-se como um sinal de mudança, criação, recriação, inovação, porém com alterações mais condizentes com a proposta da literatura contemporânea.

3.2. POR QUE TRATAR DE METAMORFOSE NUM TEXTO LOBATIANO?

*- Como estes bichos sabem arrumar-se direitinho num mundo tão grande! – murmurou Emília – cada qual descobre um jeito. Por isso tenho tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade daqui por diante – a humanidade pequenina. Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que os insetos.*⁹⁶

A decisão de abordar a metamorfose no texto lobatiano resultou da constatação da existência de alguns pontos comuns entre a obra infantil do escritor e suas atitudes sociais, identificada na presente pesquisa, como uma estratégia pedagógica. Com efeito, a natureza criativa do homem se constrói no convívio sócio-cultural. Ora, a literatura, como parte integrante deste convívio, pode agir como um meio de desenvolvimento psíquico do leitor.

Assim, Monteiro Lobato apresenta às mentes pequeninas uma motivação para criar ou moldar seus próprios valores. Focando as metamorfoses, faz com que seu leitor perceba que é necessário se envolver, como uma lagarta, num casulo de idéias, deixando que as mudanças necessárias ocorram, para, enfim, surgir o momento tão esperado: o estado perfeito de evolução, no qual o novo ser, dotado de asas, pode lançar vôo e atingir os sonhos mais impossíveis. Logo, o pequeno leitor, neste novo estágio, se contempla como um ser metamorfoseado, sendo capaz de lançar vôo, através do pensamento, e, enfim, atingir o estado adulto, tendo todas as condições mentais possíveis para manifestar suas idéias e realizar as transformações sociais necessárias.

Ao escrever histórias infantis, Lobato sugere um pacto entre a **leitura** e o **desenvolvimento** da criança, cabendo-lhe aceitar embarcar nessa emocionante viagem de aquisição de conhecimento, enquanto se diverte com as aventuras da turminha do Sítio. Tal pacto criativo passa por várias etapas: desde o estado de comodidade e inércia até ao de inquietação e maturação, ou seja, o lugar privilegiado de conscientização, idealizado pelo escritor.

Um exemplo disto é a questão do papel social desempenhado pelas mulheres da época em que o autor criou o mundo encantado do *Sítio do Picapau Amarelo*. Muitas meninas e senhoras eram submetidas às vontades masculinas, tendo sua liberdade de expressão sufocada por regras de uma sociedade essencialmente machista. Assim,

⁹⁶ Lobato, 1970, p. 1130.

percebendo os equívocos cometidos por seus contemporâneos, Lobato lança idéias revolucionárias que visavam a valorização da figura feminina na sociedade.

É curioso como o autor trata com bom humor questões tão espinhentas, que causam desconforto e injustiças sociais, colocando a bonequinha de pano como espevitada e implicante, porém brilhantemente esperta, que tenta ajeitar o mundo de acordo com sua visão particular, ignorando ou, até mesmo, solucionando os aludidos espinhos sociais. Com muita independência, Emília tenta resolver tudo a seu modo, às vezes, trazendo maiores complicações para a narrativa, criando, contudo, saborosos e edificantes momentos de reflexão coletiva.

Neste caso, deve-se observar a postura progressista de um autor que valorizou a figura feminina, pois, além de a colocar como ser pensante, atuante em todo o processo da história, também concede a ela o direito de se movimentar com total liberdade. Narizinho, Emília, Nastácia e Dona Benta, em momentos estratégicos, são responsáveis por atitudes nunca antes evidenciadas e valorizadas na figura feminina: elas são verdadeiras representantes da sociedade moderna. Em um prefácio do livro *No Carinho da Luz*, de Josefina Sarmiento Barbosa (1921), Lobato nos deixa o seguinte recado: *"A mulher não é inferior nem superior ao homem. É diferente. No dia em que compreendemos isso a fundo, muitos mal-entendidos desaparecerão da face da terra"*. Esse modo de ver o mundo entra em choque com as idéias tradicionalistas que vêm na obra lobatiana um ameaça às regras vigentes.

O admirável é que, mesmo ferindo os brios da sociedade e promovendo agulhadas constantes nos valores defendidos por ela, mesmo assim, a obra obteve grande sucesso, o que levou o autor a saborear um reconhecimento até fora das fronteiras do país. Mas não há aqui a intenção de afirmar que os tradicionais membros da sociedade assistiram a tudo pacificamente, muito pelo contrário: fazemos questão de registrar que a Igreja⁹⁷ e algumas famílias se levantaram contra o autor e seus escritos. O que mais incomodou o clero foi a imagem de ruptura dos laços sagrados do matrimônio. Segundo vários sacerdotes, a escrita infantil do autor era uma afronta aos

⁹⁷ A Liga Universitária Católica Feminista se levantou contra os livros infantis de Monteiro Lobato, e segundo Vasconcellos (1982) promoveu verdadeiros “atos de fé”, chegando a queimá-los nos pátios dos colégios e a publicar em folhetins artigos que combatiam a aquisição dos livros nocivos, segundo a visão da Igreja. Atitudes como essas deram origem a muitas outras como a edição de um livro que revelava a periculosidade da obra de Monteiro Lobato: *A Literatura Infantil de Lobato ou Comunismo para Crianças* (Brasil s/d). Uma figura importante nesta luta contra a obra lobatiana é justamente o padre Sales Brasil, autor da obra citada.

valores cristãos, pois Lobato apresentava às crianças uma personagem, Emília, casando-se por interesse e, em seguida, afirmando contundentemente que desejava romper com os laços matrimoniais. Ao fazê-lo, estaria pregando a libertinagem, que corromperia as mentes pueris. Basicamente, muitos trechos da obra engrossaram a lista de acusações e, por este motivo, cabe-nos ilustrar três deles:

1) - *Não coma esse leitão, Pedrinho! É o Rabicó. Aquela diaba feia nos enganou e assou no forno o coitadinho...*

O menino, apesar de duro para chorar, ficou com os olhos cheios d'água, e ergueu-se da mesa furioso com a preta.

Emília, porém pulou de alegria. Estava viúva! Podia finalmente casar-se com o Visconde de Sabugosa ou outro fidalgo qualquer. Chegou a bater palmas e a cantar o “Pirulito que bate-bate”, que era sua música predileta.⁹⁸

2) - *Eu quero tanto bem a Emília – explicou Narizinho - que tenho vontade de desmanchar seu casamento com o marques para casá-la com o gato Félix. Emília não está sendo feliz no primeiro casamento.*

- Porque, se não é indiscrição?

- os gênios não se combinam. Além disso, Emília não se casou por amor, como nós. Só por interesse, por causa do título. Emília não é mulher para Rabicó. Merece muito mais. Merece um senhor sacudido e valente como o gato Félix. É verdade que ele está a serviço da corte?

O príncipe mostrou-se surpresa.

- Gato Félix? – disse franzindo a testa. Não conheço esse freguês...

- como não, se foi ele quem trouxe a notícia da sua visita, príncipe?

*- Não pode ser! Mandei um recado por uma sardinha...*⁹⁹

3) - *O feminino de Rabicó é Emilia, porque ela é a mulher de Rabicó.*

Emília, que já há muito tempo se havia divorciado de Rabicó, ficou danadinha e disse: - Nesse caso o masculino de Narizinho é bacalhau... Todos arregalaram os olhos sem perceber a idéia da boneca.¹⁰⁰

Obviamente, tal independência assustou a Igreja e os conservadores da época do autor, que não se calaram, ao verem que Emília, “*independência ou morte*”, abria margens para o desvio da conduta feminina, uma vez que, ao evidenciar um lado da mulher que a sociedade não aceitava, ela representaria uma ameaça. A bonequinha lobatiana era demasiado emancipada para os padrões vigentes na época, segundo os quais a figura feminina era associada a um ser submisso e dependente dos homens que governavam a sociedade patriarcal.

⁹⁸ Lobato, 1970, p. 54 (grifos nossos)

⁹⁹ Lobato, 1970, p.70. (grifos nossos)

¹⁰⁰ Lobato, 1970, p. 304. (grifos nossos)

O autor, através de suas personagens fortes e independentes, mostrava que o casamento funcionava apenas como muleta para a mulher que não era capaz de andar pelas próprias pernas, necessitando de uma figura masculina que direcionasse sua vida, ou pudesse ampará-la, quando necessário. Tal pensamento pode ser facilmente contemplado na passagem seguinte:

- Errou de porta, minha cara. Isto aqui não é asilo de inválidos. **Se está doente vá para a casa de seu sogro.**

- “Perdão” – disse a triste mendiga. É que não tenho casa nem sogro, e estou morrendo de fome e frio. Se a senhora não me dá uma folhinha para comer e um cantinho para me abrigar, certo que morrerei a míngua.”

- É o melhor que tem a fazer” respondeu a formiga. “Que fazia no bom tempo?”¹⁰¹

Na transcrição, a formiga repercute idéias tradicionais de uma família patriarcal, dizendo que o local da cigarra é ao lado de um homem que a possa acolher, pois, se não possui marido, deveria estar na casa do sogro ou em um asilo. É conveniente lembrar que idéias deste teor são dissolvidas ao longo da narrativa infantil de Lobato. Transcrevemos, a propósito, uma passagem que evidencia a existência de fortes idéias feministas que surgem como uma verdadeira proposta metamórfica:

*- Lá se foram! – exclamou. – Acabaram-se as inquietações, os medos de cobra, formiga ou vento. E também se acabou o desaforo de todo o trabalho de botar e chocar os ovos caber só à fêmea. Os homens sempre abusam das mulheres. Dona Benta diz que nos tempos antigos, e mesmo hoje entre os selvagens, os marmanjos ficam no macio, pitando nas redes, ou só se ocupam dos divertimentos da caça e guerra, enquanto as pobres mulheres fazem toda a trabalhadeira, passam a vida lavando e cozinhando e varrendo e aturando os filhos. E se não andam direitinhas, levam pau no lombo. Os machos sempre abusam das fêmeas, mas agora as coisas vão mudar.*¹⁰²

Com idéias revolucionárias de uma nova organização social, Lobato demonstra que suas personagens estavam além da atual condição de seus contemporâneos. Na passagem transcrita, Emília exterioriza idéias feministas que

¹⁰¹ Lobato, 1970, p. 139. (grifos nossos)

¹⁰² Lobato, 1970, p. 1189. (grifos nossos)

demonstram a exploração masculina e o desejo de metamorfose desta realidade, chegando a afirmar que, a partir daquele momento, as coisas iriam mudar.

Narizinho, no primeiro livro, encanta um príncipe e casa-se, contrariando a postura da avó, que não acha conveniente o matrimônio entre seres tão diferentes. E, falando na doce Dona Benta, ela é retratada como uma mulher de atitude, proprietária do Sítio, que tem em suas mãos os poderes característicos do universo masculino, pois, na condição de viúva, ela logicamente, responde por toda a parte administrativa, social e econômica daquele pequeno mundo, dando assim um exemplo de capacidade e equiparação da figura feminina com a masculina.

Emília é uma figura simbólica que nos dá a grande luz da modernidade, quando decide acabar com a guerra, no livro *A chave do Tamanho*, mostrando que uma mulher seria capaz de pôr ordem no mundo e de conceder à humanidade uma atitude sensata, o que os homens estavam longe de manifestar, já que eles eram os causadores da maior insensatez humana: a guerra.

Em *A Reforma da Natureza*, Lobato coloca duas mulheres como o maior exemplo de democracia, capazes de trazerem a paz e a serenidade para o mundo pós-guerra, com o podemos observar nos dois trechos seguintes:

1) Só conheço – disse ele - duas criaturas em condição de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade.

Mussolini, enciumado, levantou o queixo.

- Quem são essas maravilhas!

- Dona Benta e tia Nastácia – respondeu o Rei Carol – as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do sul. Proponho que a conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensine o segredo de bem governar os povos.

- Muito bem! – aprovou o duque de Windson, que era representante dos ingleses. – A Duquesa me leu a história desse maravilhoso pequeno país, um verdadeiro paraíso na terra, e também estou convencido de que unicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de tia Nastácia o mundo poderá ser consertado. No dia em que nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos a paz eterna como a mais perfeita felicidade.

*Os ditadores e os outros chefes da Europa nada sabiam do sítio. Admiraram-se daquelas palavras e pediram informações.*¹⁰³

2) – Eu conheço as idéias de “vovó” – disse ela. – A primeira coisa que vai fazer na Conferência é transformar o mundo numa Confederação Universal. Todos os países ficarão fazendo parte dessa confederação, como

¹⁰³

Lobato, 1970, p. 1185 e 1186.

os Estados dos Estados Unidos. E vai acabar com os exércitos e as marinhas, com os canhões e as metralhadoras.

A Rã, que entendia um pouco de política, achou que as grandes nações eram muito orgulhosas para se sujeitarem a ser simples Estados dum grande Estados Unidos.

- Pois se não se sujeitarem, pior para elas – declarou Emília. – Dona Benta acha que os homens devem formar no mundo uma coisa assim como as formigas. Elas são de muitas raças, ruivas, pretas, saúvas, sarassarás, quenquéns, etc., mas vivem perfeitamente lado a lado uma das outras, sem se guerrearem, sem se destruírem. Se as formigas conseguem isso, por que os homens não conseguirão o mesmo?

- Mas acha que os grandes de lá – os reis, os ditadores, os homens importantes – vão seguir os conselhos de Dona Benta e tia Nastácia?

- E que remédios? – respondeu Emília. – Enquanto eles se guiaram pelas suas próprias cabeças só saiu piolho: desgraças e mais desgraças, destruições sem fim. Eles devem estar convencidos de que, apesar de toda a importância, não passam duns tremendos pedaços de asnos.¹⁰⁴

Como podemos perceber através das transcrições, Lobato coloca nas mãos femininas a responsabilidade de transformarem a humanidade em uma “*Confederação Universal*”, para que todos possam viver em harmonia e felicidade, coisas que os homens não haviam conseguido durante seus governos. Com esse posicionamento, o autor diz aos milhares de leitores que as mulheres são capazes de realizar coisas socialmente importantes, tidas pela sociedade patriarcal como obrigações ou responsabilidades masculinas. Deste modo, o texto convida as pequenas mentes a refletirem sobre os rótulos sociais, sobre imposições tolas, que impedem as mulheres de demonstrarem suas potencialidades e oprimem uma classe de pessoas pela inflexibilidade de pensamentos arcaicos. Portanto, pensamos, a partir destas e muitas outras passagens existentes em sua obra infantil que, Lobato propõe uma mudança de atitude com relação às mulheres, propondo uma verdadeira metamorfose de valores sociais.

¹⁰⁴ Lobato, 1970, p. 1196.

3.3. ESCRITOS PESSOAIS E TEXTOS INFANTIS: UM MAPA SIMBÓLICO DA METAMORFOSE.

*Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena - e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo.*¹⁰⁵

A figura de Monteiro Lobato foi importantíssima para a história da literatura infantil e social do Brasil, pois sempre apresentou uma forte preocupação com o valor pedagógico e com a conscientização de seus contemporâneos. Na coletânea de correspondência do autor, encontramos inúmeras discussões sobre as condições educacionais de sua época, sempre colocando em evidência a fragilidade de uma formação infantil, baseada no conformismo, sem questionamentos. Através de iniciativa literária, Lobato, se propõe promover uma nova visão pedagógica, colocando sobre os ombros de cada personagem do Sítio dos leitores a responsabilidade de apresentarem questionamentos sobre as verdades tidas como absolutas.

Todos devem ter a oportunidade de opinar e de tentar contribuir para a formação de uma história. Assim, nos momentos de narração de histórias de Dona Benta, Tia Nastácia e Tio Barnabé, sempre há uma interferência da turminha do Sítio, que não só escuta como também opina a respeito de determinadas atitudes contidas nas narrativas. Tudo é feito num clima de descontração e de construção de conhecimento. Algumas vezes, a bonequinha de pano lança algumas idéias que causaram um grande impacto nas demais personagens lobatianas, mas essa é apenas uma das formas de instigar a curiosidade infantil e levar as crianças a refletir um pouco, como podemos observar no trecho do livro *Memórias de Emília*, no qual a boneca se propõe explicar o que é, na realidade, verdade e mentira no mundo dos homens:

*- Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro, só. As últimas palavras têm de ser estas: "E então morri..." com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas memórias. Tudo mais verdade pura, da dura – ali na batata, como diz Pedrinho.
Dona Benta sorriu.
-Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.*

¹⁰⁵ Monteiro Lobato, *Na Antevéspera*, prefácio à 1ª edição de 1933.

- Bem sei, - disse a boneca. - Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memória arruma as coisas de um jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas pra isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que ele era um homem igual aos outros. Logo, **tem que mentir com muita manha para dar a idéia de que está falando a verdade pura.**

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas.

- Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: "Que é verdade?" ele, que era Cristo, achou melhor calar-se, não deu resposta.

- Pois eu sei! - Gritou Emília. - Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.

- Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição, e Emília, no maior assanhamento, correu em busca do Visconde de Sabugosa.¹⁰⁶

Em momentos como este, as crianças passam a analisar as palavras das personagens, associando o que foi dito aos fatos reais e construindo sua própria opinião a respeito do assunto. É natural encontrar as personagens lobatianas filosofando, tentando apresentar explicações mais variadas para as condições e acontecimentos sociais. É bem verdade que cada uma possui sua forma particular de apresentar idéias, como, por exemplo, o Visconde, que sempre procura uma explicação científica para tudo. Dona Benta prima pelo valor histórico, documental, quando apresenta suas idéias. Tia Nastácia busca em mitos, lendas e credices populares, enfim, no folclore, uma explicação coerente para determinados assuntos. Já a bonequinha de pano, como quem sabe tudo, faz questão de apresentar suas respostas, afirmando que o mérito de tal raciocínio é todo seu, pois aprendeu com os homens a tirar suas próprias conclusões e a viver em sociedade. Tal raciocínio pode ser contemplado em duas passagens de *Memórias de Emília*, quando ela tenta explicar a vida e a esperteza:

1) - Cuidado, Marquesa! Mil sábios já tentaram explicar a vida e se estrepam.

- Pois eu não me estreparei. A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos - viver é isso. É um dorme acorda, um dorme acorda até que dorme e não acorda mais. É, portanto, um pisca-pisca.

O Visconde ficou novamente pensativo, de olhos no teto.

Emília riu-se.

- Está vendo como é filosófica a minha idéia? O senhor Visconde já está de olhos parados, erguidos para o forro. Quer dizer que pensa que

¹⁰⁶ Lobato, 1970, p. 239 e 240.

entendeu... A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme reumatismos; e por fim pisca pela última vez e morre.

- *E depois que morre? – Perguntou o Visconde.*
- *Depois que morre vira hipótese. É ou não é?*
- O Visconde teve que concordar.*¹⁰⁷

2) - *Perfeitamente, Visconde! Isto é que é importante. Fazer coisas com as mãos dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: Isto é que é saber fazer as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, não é saber fazer as coisas. Olhe, Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: “Seja esperto, meu filho!”*

- *E como lhe explicar o que é ser esperto? – indagou Visconde.*
- *Muito simplesmente – respondeu a boneca. – Citando o meu exemplo e o seu, Visconde. Quem é que fez a “Aritmética”? Você. Quem ganhou nome e fama? Eu. Quem é que está escrevendo as memórias: Você. Quem vai ganhar nome e fama? Eu!*

O Visconde achou que aquilo estava certo, mas era um grande desaforo.

- *E se eu me recusar a escrever? Se eu deixar as memórias neste ponto, que é que acontece?*

Emília deu uma grande risada.

- *Bobo! Se fizer isso, pensa que me aperto? Corro lá pro Quindim e ele me acaba o livro. Bem sabe que o Quindim me obedece em tudo, cegamente. É inútil, Visconde, lutar contra os espertos. Eles acabam vencendo sempre. Por isso abaixe a crista e continue.*

O Pobre Visconde deu um suspiro. Era assim mesmo...

- *E agora? – indagou. – Que mais quer que conte?*
- *O resto da história do anjinho.*¹⁰⁸

Como podemos ver, a bonequinha sempre apresenta idéias originais que representam uma crítica à sociedade e sua imposição comportamental. Este modo de apresentar as coisas é típico do escritor, pois sempre está disposto a cutucar o leitor, dando-lhe motivos para reflexão. Ao falar de Emília e suas opiniões, lembramos que é a personagem que mais encantou a criançada e o próprio autor, justamente por sua irreverência, como é patente em alguns trechos da carta, datada de 01/02/1943, enviada ao amigo Rangel, na qual demonstra um prazer todo especial, ao falar da assanhada bonequinha de pano:

Dizem-me que você gostou d'A Chave do Tamanho. Isso me deu prazer. A Chave é filosofia que gente burra não entende. É demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas.

¹⁰⁷ Lobato, 1970, p. 242 e 243.

¹⁰⁸ Lobato, 1970, p. 274 e 275.

Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Sou a Independência ou Morte!” E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um “aparelho”, como se diz em linguagem espírita.”

A última da pestinha está me dando dor de cabeça. Imagine que ela encasquetou de conhecer a história da América “auto-contadamente”. A história completa da América, desde o tempo em que isso foi um pedaço de Atlântida até agora. Quer conhecer a formação dos Andes e de todas as plantas e animais que evoluíram no lombo dos Andes e à margem das “crias “dos Andes (ela acha que até o rio Amazonas não passa de um crescimento de uma pequenina cria dos Andes). E quer saber, depois como aparecem os aborígenes (ela sabe o que quer dizer aborígene), e quer ao vivo a história de todos os descobridores da América até Colombof...].

Até aí, muito bem. Qualquer criança quer saber isso e pergunta-o ao pai ou ao professor. Mas Emília, que está agora “estratosférica”, não acredita em pai ou professor, que pertencem ao gênero *Homo sapiens* e ela sorri da sapiência do homem. Quer ouvir a história da América, sabe da boca de quem? Do Aconcagua pode ter a necessária isenção de animo para contar a coisa como realmente foi, sem falseações patrióticas, nacionalistas, raciais ou humanas...

E como é assim, tenho, num próximo livro, de levá-la ao topo do Aconcagua para que o pobre vulcão extinto lhe satisfaça o desejo. [...]

E assim, independente de qualquer calculo, evoluiu essa Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada. É quem realmente manda lá no Sítio. Emília põe e dispõe.

Já o Visconde de Sabugosa é um raté. Tentou varias evoluções e sempre “regrediu” ao que substancialmente é: um sábio. Um sábio é coisa cômoda, espécie de microfone: não tem, não precisa ter personalidade muito bem definida. Todos os esforços que o visconde fez para mudar de personalidade falharam – e hoje resigno-me a vê-lo como começou: um “sabinho” que sabe tudo.

E assim, Rangel, se foi criando, por sucessivas agregações, á moda dos polipeiros, um mundinho no qual milhares de crianças vivem. Vale a pena conhecer as cartas que diariamente recebo!... Mas o curioso é que o Sítio do Picapau Amarelo já passou a remédio de gente adulta. Há dias recebi do Rio Grande, duma senhora mãe de filhos, uma carta em que diz: “No meu desespero diante de tanta coisa que sucede a uma família grande e de poucos recursos, quando não vejo caminho e o desespero chega ao limite, sabe o que faço? Corro ao sítio de dona Benta. Fecho-me lá por uma hora ou duas – e saró! Meus desesperos adormecem. Chego a rir-me das asneirinhas da Emília. A razão desta carta é esta: agradecer ao senhor o verdadeiro colo que seus livros me têm proporcionado. Li-os em menina para me divertir, e agora, depois de velha, uso deles como remédio.”¹⁰⁹

É curioso como Lobato trata sua bonequinha como gente e como atribui a ela vontades e curiosidades específicas do mundo infantil, aproximando-a da criança e

¹⁰⁹ Lobato, 1957, p.341-144 (grifos nossos).

usando tal curiosidade como estratégia de escrita. Ousamos afirmar que essa aproximação não constitui apenas um recurso estilístico denominado prosopopéia, mas faz parte de um propósito pedagógico do autor, que utiliza a personagem como espelho da criança. Neste caso, a palavra espelho é empregada especificamente para a função de identificação de características de Emília que estão no universo infantil.

Transformar tudo o que envolve a curiosidade da criança em “vontades de Emília” faz da bonequinha de pano uma porta-voz da infância. Em algumas cartas, encontramos passagens que revelam como o autor estava preocupado em falar à imaginação da criança e, ao mesmo tempo, oferecer-lhe aquisição de conhecimentos. Assim, através de suas personagens, em especial Emília, encontra um modo perfeito de envolver e encantar o leitor, pela proximidade dos mundos ficcional e real.

Através da análise comparativa dos textos infantis e das cartas pessoais, tomando a bonequinha de pano como exemplo, verificamos que Lobato coloca nela intencionalmente algumas características próprias do universo da criança, como o egocentrismo, a teimosia, a implicância, a curiosidade e o desejo exacerbado de mudar a ordem natural das coisas. Tais características nos chamaram a atenção, pois admitimos ser possível identificar um mapa simbólico da proposta de metamorfose, através desta personagem, visto que as pistas textuais nos levam a comprovar certa intencionalidade voltada para a implantação do projeto lobatiano a partir da ativa participação desta personagem.

Com tal propósito, lembramos a carta ao amigo Godofredo Rangel, na qual afirma que sua bonequinha está desejando conhecer a história da América, de acordo com o que ele julga ser uma curiosidade comum das crianças. Neste contexto, evocando o trecho de uma carta enviada ao amigo Otaviano, percebemos a cristalização desta ideia: *“As crianças argentinas escrevem-me cartas e as professoras também. Ontem recebi carta de uma, pedindo-me para escrever a história da América no tipo da minha História do Mundo para as Crianças – e já botei isso nos meus planos”* Mediante este pequeno comentário, percebemos que ele realmente usa Emília como porta-voz da infância para, a partir dela, realizar as suas propostas metamórficas.

Usando uma linguagem simples, o autor faz desfilar diante dos olhos das crianças/leitoras diversos acontecimentos históricos e sociais, convidando-as a participar nos questionamentos levantados pelas personagens do Sítio. Deste modo, introduz em suas narrativas problemas de gente grande e coloca nas mãos das personagens e das crianças/leitoras a responsabilidade de refletirem e encontrarem uma

solução conveniente para cada problema apresentado. Agindo assim, coloca em evidência a existência de um propósito pedagógico que objetiva o crescimento intelectual da criança, deixando-a em condição de avaliar seu próprio mundo (real), através da simbologia apresentada na Literatura Infantil.

Acreditamos que cabe para o momento recapitular algumas reflexões (sobre o caminho que arte literária percorre no processo de amadurecimento da criança), objetivando aproximar estas reflexões à realidade transcrita nos registros pessoais do autor.

Sabemos que na Literatura Infantil, as construções simbólicas são importantes, pois eles agem como facilitadoras do aprendizado, atribuindo significados que envolvem o leitor de tal forma, que muitas vezes os personagens ultrapassam o limite da ficcionalidade e passam a ser vistos como uma projeção do autor ou do próprio leitor que se vê intimamente ligado a tal personificação.

Para exemplificar o que estamos afirmando, primeiramente, convidamos o nosso leitor a observar que Monteiro Lobato reconhece a existência de uma carga simbólica que envolve sua bonequinha de pano e, em seguida, passaremos a verificar o posicionamento das crianças através de cartinhas, que o próprio autor fez questão de valorizar. Na transcrição abaixo Lobato comenta com o Amigo Godofredo Rangel que poderia recorrer à Emília para ajudá-lo a encontrar um nome que servisse de título à publicação de suas correspondências, indicando assim, a quebra do limite entre ficção e realidade:

“Difícil botar um nome decente numa tijolada dessas. Penso em consultar a Emília, que é a “dadeira de nomes” lá do Picapau Amarelo. [...] Verdadeiras Memórias de um novo Gênero – escritas a intervalo se sem nem por sombras a menor idéia de que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível! Emília pura.”¹¹⁰

Não é só nas correspondências que Lobato reconhece o crescimento da personagem Emília, na escrita de sua obra infantil, em alguns livros o autor deixa evidente a importância da boneca e sua ascensão dentro da obra. Como podemos observar nos trechos selecionados abaixo:

¹¹⁰ Lobato, 1957, p 358, 360

1) *Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar.*
- *Sei como foi a história - disse o Visconde. – Você engoliu um falinha de papagaio.*

- *Está errado! Narizinho teve dó papagaio e não deixou que o matassem para tirar a falinha. Fiquei falante com uma pílula que o célebre doutor Caramujo me deu. Narizinho conta que a pílula era muito forte de modo que fiquei falando demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram que tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível.*

- *Tenha paciência, Emília. – disse o Visconde. – Ficou bem acima do nível, porque a verdade é que você ainda hoje fala mais do que qualquer mulherzinha.*

*Mas não falo pelos cotovelos, como elas. Só pela boca. E falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas.*¹¹¹

2) *Emília nascera simples boneca de pano, morta, boba, muda como todas as bonecas. Mas misteriosamente foi se transformando em gentinha. Todos ainda a tratavam de boneca por força de hábito apenas, porque na realidade Emília era gente pura, de carne. Fazia tudo que as gentes fazem - comia ótimo apetite, bebia, pensava, tinha um coraçãozinho lá dentro, e alma e tudo. Como explicar esse mistério, essa transformação duma feia boneca de pano em gente?*¹¹²

3) *"Eu nasci boneca de pano, muda e feia, e hoje sou até marquesa. Subi muito. Cheguei muito mais que vintém. Cheguei a tostão."*¹¹³

4) - *Inveja, sim! - berrou Emília. - Sou de pano, sim, mas de pano falante, engraçado paninho louco, paninho aqui da pontinha. Não tenho medo de vocês todos reunidos. Agüento qualquer discussão. A mim ninguém embrulha nem governa. Sou do chifre furado - bonequinha de circo. Dona Quixotinha...*¹¹⁴

Como podemos perceber, Lobato faz questão de colocar textualmente a condição de Emília, uma personagem que evoluiu e concentrou uma grande carga simbólica. Em complemento à idéia trabalhada pelo autor na obra infantil lembramos que na coletânea de suas cartas *A Barca de Glayre* há comentários do autor a respeito de algumas cartinhas que ele recebia da criançada, segundo ele, essas manifestações dos leitores eram gratificantes, pois nelas, nas cartas, ele encontrava forças para continuar escrevendo para as crianças e até se divertia em saber que muitas leitoras se identificavam com a sua bonequinha de pano. Não é só a pequena leitora do anonimato que lembramos, há também registros de algumas ilustres personagens da Literatura Brasileira como as escritoras Raquel de Queirós e Ruth Rocha que também revelaram

¹¹¹ Lobato, 1970, Memórias de Emília, p. 242.

¹¹² Lobato, 1970, O Poço do Visconde. p 128

¹¹³ Lobato, 1970, Fábulas. p. 19

¹¹⁴ Lobato, 1970, D. Quixote. p.252

sua simpatia por Emilia, como podemos observar nos interessantes depoimentos transcritos abaixo:

*1)... Mas já que me pedem uma opinião pessoal, prefiro dar o segundo lugar àquela que é realmente a predileta do meu coração e uma espécie de equivalente, no mundo livre da infância, do velho Vitorino Carneiro da Cunha: é a boneca Emília, do Sítio do Picapau Amarelo, nas histórias de Monteiro Lobato. Emília não tem medo de ninguém; nem da vida, porque boneca propriamente não vive, nem da morte, porque boneca não morre. Não admite leis, nem regras, nem gramática. Não respeita cara nem autoridade. Bruxa de pano com olhos de linha preta, assim mesmo acha que tem tudo, não quer ouro nem fortuna, nem amantes, nem poder. Só quer aventuras e o direito de abrir a boca e opinar sobre o que bem entende. Emília, meu exemplo e minha aspiração, tantas vezes meu raio de sol asneirente, faísca de liberdade, de coragem e de insolência, minha mestra e meus amores - Emília, Marquesa de Rabicó...*¹¹⁵

*2) Emília era a minha personagem predileta, de todos os livros do Monteiro Lobato. Eu adorava. Bem, eu acho que sou uma pessoa bem humorada. Aquele bom humor da Emília sempre me encantou e quando eu comecei a escrever fui muito influenciada pelo clima da Emília.*¹¹⁶

É interessante perceber que o poder simbólico da bonequinha de pano encantou várias gerações e que crianças do passado, hoje reconhecidas como escritoras de grande repercussão nacional, reconhecem na obra lobatiana um encantamento e uma influencia positiva que marca sua trajetória de vida. Não podemos esquecer que Emília, a Marquesa de Rabicó, que aprendera a falar no Reino das Águas Claras foi apontada nos depoimentos como um elo entre a ficcionalidade e a realidade das leitoras, que identificaram nela o bom humor, a determinação, a coragem, a curiosidade, a ousadia e a independência.

Os leitores da obra infantil de Lobato além de gostarem de viajar nas suas histórias, narrativas ricas em conceitos e significados, passam a realizar um grande sonho do autor "*morando em seus livros*". Eles, os leitores, não só cultivam o ato de leitura prazerosa como também fazem dela um abrigo, refúgio para a alma, como podemos observar no relato de Lobato ao amigo Godofredo Rangel, no qual ele fala a respeito de duas cartinhas que recebeu e que para ele são muito especiais:

¹¹⁵ Raquel de Queirós /entrevista (<http://lobato.globo.com/novidades/novidades14.asp>)

¹¹⁶ Ruth Rocha/ entrevista. (<http://musitexto.net/entrevistas/entrevista08.html>)

1) *E assim Rangel, se foi criando, por sucessivas agregações, à moda dos polipeiros, um mundinho no qual milhares de crianças vivem. Vale a pena conhecer cartas que diariamente recebo!... Mas o curioso é que o Sítio do Picapau Amarelo já passou a remédio de gente adulta. Há dias recebi do Rio Grande, duma senhora mãe de filhos, uma carta em que diz: “No meu desespero diante de tanta coisa que sucede a uma família grande e de poucos recursos, quando não vejo caminho e o desespero chega ao limite, sabe o que faço? Corro ao Sítio de Dona Benta. Fecho-me lá por uma hora ou duas – e saro! Meus desesperos adormecem. Chego a rir-me das asneiras da Emília. A razão desta carta é esta: agradecer ao senhor o verdadeiro colo que seus livros me tem proporcionado. Li-os em menina para me divertir, e agora, depois de velha, uso deles como remédio.* ¹¹⁷

2) *Um pai escreveu-me: com os meus agradecimentos pela cartinha que o senhor mandou em resposta a do meu filho Lindbergh, dou-lhe a notícia de que essa missiva está concorrendo enormemente para a cura do rapaz. “Diz ele que ontem foi o dia mais feliz de sua vida.” O menino estava no fundo da cama, convalescendo de doença grave, e minha carta fê-lo melhorar... Ora, evidentemente este sujeito taumaturgo vale muito mais que aquele magister de Taubaté.* ¹¹⁸

Neste momento cria-se um símbolo para a obra infantil de Lobato, ela é o aconchego, o colo e o remédio da leitora, como está descrito na primeira transcrição, e na segunda, percebemos que é a simples palavra de Lobato que serve de força para a criança acamada recuperar o ânimo e se encher de positividade que o fez melhorar de um estado doentio. Estes fatos se tornam possíveis devido ao diálogo obra lobatiana com o imaginário infantil, trabalhando o inconsciente da criança através da atribuição de significados que ganham representatividade no cotidiano do leitor e, desta forma, interagem com sua realidade.

Oportunamente lembramos de duas cartinhas destinadas ao escritor, de leitores ousados, pois consideramos que estas comprovam a viabilidade da construção de um mapa simbólico da metamorfose através dos escritos pessoais e dos textos infantis de Monteiro Lobato. Observemos o pensamento de Carlos Alceu e Celso:

1) *Venho por meio desta, congratular-me com o Dr. Monteiro Lobato, o insubmisso, [...] o senhor pelo que me parece é um tanto quanto ‘prevedor’ (vocábulo instituído tão somente para o senhor). Escrevia pelo atual método enquanto que os outros, pelo método complicado. Por isso, nosso professor de português – um velho arcaico – detesta-o. Diz ele, que o senhor é muito revolucionário e que quer deturpar a língua com seus métodos de simplificação.* ¹¹⁹

¹¹⁷ Lobato, 1957, p. 343 a 344

¹¹⁸ Lobato, 1957, p. 350 e 351

¹¹⁹ Azevedo, 1998, p. 326 a 330.

2) *A linguagem do senhor está cada vez mais simples” revela, logo após ter lido **A chave do tamanho** e **Os Doze trabalhos de Hercules**. Quando pego o livro e leio sinto o que não acontece com nenhum outro escritor, a simplicidade. “Como é doce a simplicidade, como é deliciosa.” Depois desabafa: “O professor de português para mim é um tapera. [...] Outro dia fiz um trabalho de redação chamado ‘Luz e treva’. Tendo como tema liberdade, que é luz, e ditadura, treva. Só porque eu disse uma porção de verdades, falei do nosso governo, do modo de ele governar, etc., acredita que na metade do trabalho (porque eu lia o trabalho à classe, para fazer a escrita) começou a lê-lo baixinho, com medo, dando ares de crime, pondo meus colegas em expressão de terror. No fim da leitura disse: Sabe que você podia ser preso? [...] ir preso por dizer a verdade é simplesmente sublime”, respondeu, conforme conta o orgulhoso Lobato.¹²⁰*

Curioso como alguns leitores de Lobato manifestam em suas cartas um grau de compreensão da língua e da vida que nos leva a crer em uma real metamorfose realizada nas crianças através da obra infantil em questão. Seguindo esta mesma linha de pensamento é possível observar em outra carta de Lobato a Godofredo Rangel o relato de uma cartinha, cuja autora passou toda a sua vida envolvida pelas experiências de leitura com a obra infantil do escritor. Deixamos no começo da transcrição o posicionamento de Lobato a respeito dessa pequena leitora e em seguida temos a cartinha:

A carta desta menina revela todo um mundo para o psicólogo. E cartas assim constituem os verdadeiros prêmios que possa ter um escritor no fim da vida.

Querido Monteiro Lobato:

*Eu o chamo assim porque desde pequenina me habituei tanto com você, “tivemos” tantas palestras juntos na minha **imaginação**, que não teria jeito de tratá-lo de outra forma. Creio que somos íntimos. Aos oito anos li **Reinações de Narizinho** e vivi todos os lances do livro. Desde então tenho lido todos os outros da sua série. Adoro a Emília e desafio quem diga que a ame mais que eu. Naquela época meus pais me haviam dado um presente uma boneca de pano que se parecia muito com ela (fora mandada fazer especialmente), e essa boneca tornou-se a minha companheira de todos os momentos. Dormíamos juntas, abraçadinhas. E tínhamos muito em comum. Tudo quanto sua boneca fazia nos livros, era para nós (eu e ela) repetindo em nossos brinquedos. Se não realmente, ao menos pelo mundo do “faz-de-conta”. Essa boneca foi o meu ídolo. Certa vez, eu já bem taluda e de volta para casa nas férias, recebi a notícia do desastre: um cãozinho novo, nascido em nossa casa e muito reinador, tinha-a estraçalhado completamente! [...] Chorei como um bebê. Choro entremeadado de soluços. Era um pedaço de mim mesma que se fora para sempre! [...] desde que comecei a ler seus livros “resolvi” tornar-me escritora. Isso aos oito anos! Que audácia!... Com o tempo, porém, verifiquei que para conseguirmos ser uma coisa é preciso “nascer-se” essa coisa e eu não “nascera”, eis tudo.*

*O que você escreve eu **devoro com delícia**. Tudo! Livros infantis e não infantis [...] Fico só no escritório e então devaneio. Foi o que sucedeu agora, e realizei um velho sonho, escrevendo-lhe esta carta. [...] se alguém*

¹²⁰ Azevedo, 1998, p. 326 a 330.

*me perguntasse qual a oitava maravilha do mundo, eu diria: a Emília, ou o Sítio do Picapau Amarelo, pois tudo se confunde.*¹²¹

A longa citação vem corroborar com a idéia de que é possível perceber a importância da obra lobatiana na formação de algumas crianças brasileiras. Assim, podemos afirmar, sem receio algum, que Lobato cria um refúgio, uma terra mágica, na qual tudo é possível, dando asas aos sonhos de muitas crianças, de gerações distintas e, deixando nelas marcas profundas de um ousado projeto pedagógico.

¹²¹ Lobato, 1957, p 3471 a 349. Grifos nossos

3.4. O TEXTO LOBATIANO: UM ENIGMA OU UMA PROPOSTA DE METAMORFOSE?

*Há dois modos de escrever. Um, é escrever com a idéia de não desagradar ou chocar ninguém (...) Outro modo é dizer desassombadamente o que pensa, dê onde der, haja o que houver - cadeia, força, exílio.*¹²²

Falando de literatura, podemos ter em mente o uso de recursos específicos que fazem da escrita algo de especial. Através dos tempos, a escrita literária foi contemplada como um enigma que transformava em arte o cotidiano, dando aos fatos reais uma dimensão especial. Com o caminhar dos Estudos Literários, foi possível descobrir que esta arte abrigava diferentes recursos, que podem constituir um enigma, uma idealização do real, ou uma proposta de mudança de atitude social. É justamente na terceira opção que encaixamos o texto lobatiano, uma vez que suas atitudes sociais e literárias deixam clara a objetividade de sua escrita.

Ele soube contextualizar a infância em seu discurso e, seu texto, a partir de então, abriu a possibilidade de dialogar com saberes pedagógicos que visam à aquisição do amadurecimento psíquico da criança. Assim, sua literatura infantil passou a ser marcada pela intencionalidade. Desafiando muitos pedagogos tradicionais, por acreditar na potencialidade da criança, sua forma de ver o ensino tradicional apontava um total despreparo dos professores que subestimavam a capacidade de compreensão da criança, reduzindo-a à ingrata função de decorar regras e nomes que não faziam sentido algum para seu mundo. Com a criação de sua obra infantil e a doação de 500 exemplares às escolas, o autor oferece um novo caminho para a educação brasileira. Desde então, as narrativas do Sítio passam a abordar os mais variados assuntos, auxiliando a formação das crianças e revelando que, muito embora os textos infantis tragam uma grande carga simbólica significativa, eles não são inacessíveis, muito pelo contrário: a literatura infantil traz para as crianças o ganho do conhecimento empírico.

Assim, os textos infantis de Monteiro Lobato não subestimam a capacidade da criança, convidando-a a adentrar num mundo mágico, para nele poder fazer uma viagem

¹²² Lobato, Carta a João Palma Neto, São Paulo, 24/1/1948.

de descoberta de si própria e do mundo, através da interpretação das construções simbólicas encontradas na escrita. Sempre carregando seu texto com ironia e simplicidade de linguagem, faz-se compreender, ao mesmo tempo que consegue divertir, encantar e educar as crianças. Suas intenções não são obscuras, fazendo sempre questão de comentá-las em sua correspondência:

*1) Surgiu uma literatura sob medida que não se impõe à criança, mas deixa-se impor pela criança e desse modo satisfaz de maneira completa às exigências especialíssimas da mentalidade infantil [...]. Porque gostam as crianças de ler meus livros? Talvez pelo fato de serem escritos por elas mesmas através de mim. Como não sabem escrever, admito que me pedem que eu faça.*¹²³

*2) “A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a beleza literária. Mas o que é beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças... Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as literaturas que ainda a estragam.”*¹²⁴

As citações demonstram a empolgação e o encantamento que o autor sentia ao escrever para as crianças. Na primeira, revela como surgiu sua escrita infantil, enquanto, na segunda, manifesta sua estratégia de como envolver o pequeno leitor, dando uma receita de como escrever para crianças. Em muitas passagens de suas cartas, encontramos depoimentos que explicitam que, no campo literário, o que mais empolgou o escritor foi descobrir o universo infantil.

Tendo como fonte de análise a produção literária de Lobato, em especial a sua obra infantil, podemos perceber que ele preza a criança, não a desvalorizando e não oferecendo limites à sua capacidade psíquica, para que ela ganhe respeito, reconhecimento e credibilidade diante do mundo dos adultos. Podemos dizer que falar de Lobato é falar da criança, pois seus textos nos patenteiam, de forma simbólica, representações da infância e tais representações remetem para a reflexão sobre a criança na atualidade. Sendo assim, lançamos aqui o seguinte questionamento: já que o foco dos textos infantis de Lobato é a criança, podemos dizer que, ao narrar suas histórias, ele também constrói a história da infância no Brasil?

¹²³ Lobato, 1961, p 249.

¹²⁴ Lobato, 1959, p 371 e 372.

Ora, é do conhecimento de todos que o pai da Literatura Infantil Brasileira abriu novas perspectivas para as crianças e que apostou tanto em suas potencialidades que pretendeu construir um mundo melhor através delas. É bem verdade que a Igreja, em determinados momentos, proibiu a circulação de sua obra infantil, por trazer, segundo a visão do clero, uma afronta aos padrões religiosos. A verdade, porém, é que sua atitude literária promoveu uma repercussão tão grande na sociedade que seus feitos ainda não foram superados por nenhum autor da Literatura Infantil Brasileira.

Como é possível fazer tal afirmação?

É simples. Ele lutou com atitudes e palavras para construir uma trajetória de tentativas nunca antes ousadas. E, como se não bastasse a Literatura, ofereceu aos seus leitores um exemplo de otimismo e perseverança, através de sua própria figura, pois ele, como ninguém, soube abraçar idéias e lutar com bastante afinco para torná-las possíveis, servindo como referência nos dias atuais.

Desta forma, podemos entender sua atitude literária como uma prática simbólica, na qual há formulação de outras realidades que podem ser contempladas de ângulos diferentes, oferecendo uma visão particular do autor com relação ao real. O texto de Lobato oferece, assim, a possibilidade de construir imagens que passam a habitar o inconsciente do leitor, causando nele uma visão diferenciada de sua realidade, instigando-o a cultivar o desejo de ser agente transformador, atuando extra-textualmente, tal como ele e suas personagens.

Neste sentido, a Literatura Infantil de Lobato agiu e age nas crianças de forma positiva e instrutiva. Seus textos, ao mesmo tempo que apontam uma visão da infância e seus contornos na relação com os adultos, também definem um repertório de ações e comportamentos atribuídos à criança, mapeando o ingresso do leitor não só no mundo ficcional, como também no real. Por isso, pensamos que é coerente afirmar que os seus questionam as normas e os comportamentos sociais, induzindo os pequenos leitores não só à reflexão sobre o seu cotidiano, como também a tentarem mudar sua realidade. Deste modo, o texto lobatiano deixa de ser um enigma e passa a representar uma proposta real de metamorfose social.

É curioso notar a habilidade da sua escrita, que trabalha os mais diversos assuntos complexos do mundo adulto, de forma tão simples e divertida, fazendo com que tudo possa fluir naturalmente de modo a conduzir seu leitor à reflexão e à ação. Numa carta ao amigo Godofredo Rangel, enviada de São Paulo, em 01/02/1943, revela seu segredo de escrita:

O certo em literatura é escrever com o mínimo possível de literatura. [...] Campão revelou-me o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de ser mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual naquelas. [...] Como nos procuramos Rangel – e parece que nos achamos... Faltou-me naquele tempo uma Dupré, mas a mim me salvaram as crianças. De tanto escrever para elas, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é o claro, o transparente como o céu).¹²⁵

A simplicidade da linguagem é o segredo da compreensão. Ela pode ser utilizada como arma contra a obscuridade da ignorância, facilitando a leitura de um complexo universo de significações. Através dela, o autor pode atingir o mais alto grau de construção simbólica, sem comprometer a objetividade de sua mensagem.

A quem perguntar se há diferença entre a escrita adulta de Lobato e a infantil, fazemos questão de afirmar que essa diferença está, justamente, na simplicidade de representar os fatos sociais, pois a criança necessita de um texto menos complexo, por não possuir uma carga de leituras prévias que facilitam a sua compreensão. É importante lembrar, no entanto, que ambas são feitas com uma carga de intencionalidades do autor: a conscientização do grande e do pequeno leitor e seu amadurecimento, através da abordagem de fatos sociais.

¹²⁵ Lobato, 1975, p. 339 e 340.

Capítulo IV

METAMORFOSES LOBATIANAS: FRUTOS DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL.



*Como anima e levanta a alma da gente, isto é de iniciar uma coisa grande que pode crescer indefinidamente e da qual todos poderão se beneficiar! [...] E em vez de pregar para que os outros façam, pregar e fazer.*¹²⁶

¹²⁶ Nunes, 1986, p. 94.

4. METAMORFOSES LOBATIANAS: FRUTOS DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL.

Munido com a experiência de leitor em potencial, voraz, Lobato teve em sua infância a oportunidade de se deleitar com os livros da biblioteca de seu avô materno visconde, que o marcaram profundamente e foi justamente por esta notável experiência que ele, mesmo tendo atendido os desejos de seu avô, tornando-se um bacharel em Direito, não conseguiu se desvincular das marcas deixadas pela leitura.

Numa carta destinada ao amigo Godofredo Rangel, em 16/6/1904, desabafa: "*Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia*". Lobato acreditava na força da palavra e, por isso, nunca deixou de crer que um belo dia, por razões variadas, a pessoa apanharia um livro seu, começaria a folheá-lo, iniciaria a leitura e pronto! Esse livro seria responsável por uma revolução nos hábitos do indivíduo. Ele já havia vivido isso na infância e levava para a vida adulta toda uma gama de conhecimentos encontrados em preciosas leituras, que obviamente não quis desperdiçar. Em suas cartas, há relatos de leituras que o empolgaram e lhe ocasionaram mudanças de hábitos. Contudo, o autor afirma que, em alguns livros, a magia desaparece bem antes do fim da última página. E por ter esta experiência de leitor voraz, decide que escreveria com a alma e falaria ao íntimo do ser humano.

Não se pode negar a importância da iniciativa literária lobatiana, pois o Brasil, no momento em que decide escrever para o público infantil, vivia grandes acontecimentos históricos e a criança deveria ser contemplada com uma atenção especial que a preparasse para enfrentar o mundo real. Mas não foi só o quadro político que favoreceu a escrita infantil. O próprio autor, muitas vezes afirmou que estava enfadado de escrever para adultos, "*gente de cerebro atrofiado, envenenado pelas regras sociais que não lhes permitiam ver novos horizontes*". Assim, surge uma nova esperança: escrever para as crianças e lhes inculcar nas mentes idéias novas, plantando a semente do fruto do amanhã. Esta idéia está bem clara numa carta ao amigo Otaviano Alves de Lima, escrita em Buenos Aires, a 13 de agosto de 1946:

*Meu Deus! Que coisa mais simples! Estou vivendo – e se vida não me faltar, escreverei mais uma série de livros, desta vez para los niños de toda a América, não só para os nossos, como eu fazia. As crianças argentinas escrevem-me cartas, e as professoras também. [...] **Escrever para crianças***

é semear em terra roxa virgem - e não praguejada. Cérebro de adulto é solo já praguejado. ¹²⁷.

É importante perceber, através das próprias palavras do autor, o quanto ele valorizava as crianças e sua capacidade cognitiva. Em muitas passagens de suas cartas, encontramos pérolas como a citação feita acima. Por isso, os escritos pessoais e os textos infantis de Lobato constituem um verdadeiro mapa simbólico da metamorfose pedagógica a que ele se propôs. Em outro registro pessoal, encontramos um trecho que demonstra o carinho pelas crianças e a diferenciação entre ela o adulto: "*Acho a criatura humana muito mais interessante no período infantil do que depois de idiotamente tornar-se adulta*" ¹²⁸.

Descrente dos adultos, uma vez que estão contaminados com os vícios sociais, desabafa sua insatisfação com a política brasileira, na mesma carta dirigida ao amigo Otaviano Alves de Lima, escrita em Buenos Aires, a 13 de agosto de 1946:

*Meu sossego de espírito vem de que raro leio um jornal do Brasil, de modo que descanso das ingestões diárias de más notícias. E tão cedo teremos boas notícias do Brasil. A **plantação de males que o getulismo fez vai dar por muitos e muitos anos - e a verdadeira razão da minha fuga para cá foi não assistir de corpo presente à floração e frutificação das cuscutas semeadas pela ditadura mais inconsciente que já houve no mundo.** Pior que a de Rosas, porque a de Rosas deu pelo menos enriquecimento material ao país, e a de Getúlio trouxe isso que aí está e que vai desfechar na maior crise econômica da nossa história. Eu não quis assistir ao desabar da inflação getuliana e fugi.* ¹²⁹

Como se pode perceber, as cartas lobatianas apresentam uma recorrência da idéia de semente, neste caso, uma semente de má qualidade, que trará danos para o país. No entanto, mesmo diante de uma visão negativa, como esta, Lobato acreditava ser possível plantar boas sementes, que podem fazer a diferença na sociedade brasileira. Alimentando um sonho particular de semear na terra roxa dos cérebros das crianças, via Literatura infantil, "o pai de Emília" vislumbrava tornar esse desejo particular em coletivo e mudar o rumo da nossa História. É tão visível sua idéia de reformar a sociedade, através da Literatura, que esse propósito é descrito reiteradamente em suas

¹²⁷ Nunes, 1986, p. 112.

¹²⁸ Entrevista a Celestino Silveira, anos 40.

¹²⁹ Nunes, 1986, p. 112.

correspondências. Vejamos o que comenta com o amigo Anísio Teixeira a respeito do seu grande sonho de metamorfose social, através de uma educação de qualidade:

Você me deu um grande prazer hoje, neste estúpido e arrepiado domingo de chuvisco insistente. Imagine que ontem o Fernando deu-me aquele volume do manifesto ao povo e ao governo sobre a educação – para que lesse e sobre ele falasse num artigo. E essa intimação do Fernando arrancou-me à faina petrolífera em que vivo mergulhado até as orelhas. Resolvi consagrar este domingo à educação.

Comecei a ler o manifesto. Comecei a não entender, a não ver ali o que desejava ver. Larguei-o a pensar – quem sabe está nalgum livro de Anísio o que não acho aqui – e lembrei-me dum livro sobre a educação progressiva que me mandaste e que se extraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o e cá estou, Anísio, depois de lidas algumas páginas apenas, a procurar dar berros de entusiasmo por essas coisas maravilhosas que é a tua inteligência lapidada pelos Deweys e Kilpatrick!

Eureca! Eureca! Você é líder, Anísio! Você é quem há de moldar o plano educacional brasileiro. Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores. Acho que antes de reformarem qualquer coisa ou proporem reformas, os mais adiantados e ilustres dos líderes educacionais do momento o que devem fazer é reformarem-se a si próprios, isto é, aposentarem-se e saírem do caminho.

Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão de nomes aqueles pícaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna. Só você que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação.

Vou ler o teu livro como nunca li nenhum. Degustando, penetrando, deslumbrando-me em ver expressas nele idéias que me vieram por autogestão, intuitivamente. E depois te escreverei. [...] terei meios de realizar várias grandes coisas que me fervem na cabeça. Uma delas diz com você. É criar luxuosamente um aparelho educativo com você à testa, como nunca existiu no mundo. Um gânglio novo, libérrimo, autonomíssimo, fora do governo, de religião, de tudo quanto restringe a peia. Um gânglio que vá se erradicando até fazer-se um formidável organismo moldador de homens – educador no mais elevado sentido. Com escolas especializadas, com jornais e revistas, com casa editora, com livrarias, com cinema, com estação de rádio própria, com estação teleemissora de imagens...

Qualquer coisa como a Rádio City do Rockefeller, mas educativa. O governo que ensine ao povo o que quiser; a religião, idem. Nós, do alto da nossa Education-City, servida por todas as máquinas existentes e as que não de vir, pairaremos sobre o país qual uma nuvem de luz. Um corpo de cérebros, dirigidos por você, prepara; a máquina multiplicadora, dissemina. Iremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado – essa besta do Apocalipse – não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores. A “nossa educação” cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber onde os flocos irão pousar.¹³⁰

¹³⁰ Nunes, 1986, pp. 100.101.

Com tais palavras, Lobato faz uma crítica ferrenha ao governo, ao passo que deixa clara a existência de um projeto pedagógico, que visa a metamorfose da sociedade brasileira. Seu desgosto e decepção para com as escolas e professores existentes em nossa terra estão igualmente comparados com o que sente em relação ao governo do país. E seu desabafo “*O governo que ensine ao povo o que quiser; a religião, idem*” demonstra claramente que o autor, desacreditado o Estado, vê na iniciativa individual uma esperança para as crianças, pois: *Iremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado – essa besta do Apocalipse – não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores.* Portanto, está mais que evidente a intencionalidade do autor em promover uma reforma educacional e social e um dos elementos fundamentais dessa iniciativa seria contemplar as crianças com idéias novas (sementes) que, num futuro próximo, brotariam e dariam frutos diferentes daqueles que o Estado, em seu tempo, estava oferecendo.

Neste contexto, o livro infantil deixa de ser uma peça de mero entretenimento para ser uma arma na mão do escritor, que deveria atingir as bases sociais e transformar a mentalidade tradicional vigente e minaria o campo do conformismo com a inquietação de mentes aguçadas, que não se conformariam em permanecer no anonimato, e passariam a fazer parte da História, como o fez Monteiro Lobato.

4.1. METAMORFOSES LOBATIANAS: UMA ESPERANÇA VIA LITERATURA INFANTIL

*A literatura ou as artes em geral, por mais que pretendam registrar a verdade do real..., nunca se afastam do ideal a ser alcançado, como meta de aperfeiçoamento que a humanidade busca há milênios.*¹³¹

Lobato desafiou a escrita tradicional, valorizando a herança dos contos da tradição mundial, através da idéia de **metamorfose**, e criou um projeto pedagógico ousado, visando promover uma mudança social, via Literatura Infantil.

Mas ele queria mudar o quê?

A sua intenção não era apenas mudar as estruturas já conhecidas socialmente. Seu projeto visava criar uma nova mentalidade que beneficiasse a sociedade. Tais mudanças, no início de sua vida literária, foram destinadas aos adultos. Mas, como eles estavam contaminados pelas idéias tradicionalistas, procurou um novo caminho, já não destinado ao conformismo e à derrota, pois explica: *“Lembra-se do que diz Henry Ford: um fracasso significa apenas uma oportunidade para começar de novo com mais inteligência”*. E foi com esta idéia que ele construiu um mundo mágico, encontrando na criança um meio de criar uma voz literária, que tocasse no seu íntimo, deixando nela a inquietação diante do conformismo.

Ele começa da forma mais simples e sutil possível, com fatos bobos do dia-a-dia de uma criança, e, aos poucos, vai introduzindo na narrativa fatos e preocupações de gente grande, convidando o leitor a tomar um posicionamento. Mas o convite surge disfarçado pelas atitudes tomadas por suas personagens. Criando um jogo envolvente de “vaivém” entre a realidade e a ficcionalidade, o autor convida seu pequeno leitor não só a romper com o pensamento tradicionalista, como também a ter a consciência de que ele pode agir de forma significante para mudar a realidade, tal como as personagens lobatianas.

Lobato conhecia como ninguém os meios de tocar a alma humana. Basta dizer que em suas obras encontramos, de forma sutil, mazelas sociais, como a guerra, as injustiças, as desigualdades, o egoísmo, a ignorância, a ganância. Assim, as verdades absolutas da sociedade passam a ser questionadas e as crianças vão, aos poucos,

¹³¹ Coelho, 2000, p. 148.

percebendo que as atitudes tidas como "politicamente corretas" podem representar uma barreira para o progresso individual e social. Deste modo, Lobato constitui uma relação poderosíssima entre a voz literária e a realidade da criança. Tal relação vai marcar não só a sua Literatura Infantil, como também a vida dos seus pequenos leitores.

O texto lobatiano diz claramente às crianças: somos parte desta sociedade e não apenas espectadores de um filme. Vamos, pois, contribuir para a formação de uma nova história brasileira. Além deste convite, há no texto não só a proposta de mudança, como também a de preservação e valorização de muitas conquistas da sociedade.

A genialidade de Lobato está em não subestimar a capacidade da criança leitora, pois de forma simples e eficiente ele mostra que não é preciso ter graduação, especialização, mestrado ou doutorado, para entender que é necessário abrir os olhos para as novas idéias e lutar por melhorias, não só para benefício de um indivíduo, como também da sociedade. Em sua literatura infantil, mostra que é também para o crescimento humano que existe a arte literária.

Mas a metamorfose não é o início, nem o fim, de seu projeto. É um meio de amadurecimento e crescimento progressivo do ser e da sociedade. As idéias ferviam na sua mente e o impulsionavam a tomar decisões em prol do coletivo, do social. Para ele, o ser metamorfoseado teria como compromisso ser agente da fase mediadora de um projeto de mudança. Envolta por um casulo de idéias, a criança passaria a sofrer mudanças substanciais que iriam crescendo e tomando forma, até se tornar mediadora desse projeto de metamorfose social. A forma de comunicação de tal projeto é a mais deliciosa e simples possível, através do mundo da fantasia, como podemos contemplar na seguinte transcrição:

- Viajando de lápis na mão. O mundo das maravilhas é velhíssimo. Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a terra.

- É fácil ir lá?

- Fácilimo ou impossível. Depende. Para quem possui imaginação, é fácilimo.

Pedrinho não entendeu muito bem. A voz dizia às vezes coisas sem propósitos – talvez para atrapalhar.

- Muitos viajantes têm visitado esse mundo – continuou a voz. Entre eles os dois irmãos Grimm e um tal de Andersen, os quais tiveram lá muito tempo, viram tudo e contaram tudo direitinho como viram. Foram os irmãos Grimm os que primeiro contaram as histórias de Cinderela exatinha como foi. Antes deles já essa história corria o mundo, mas errada, cheia de mentiras.

- Bem me estava parecendo – murmurou Pedrinho. Tenho um livro de capa muito feia que conta o caso da Cinderela diferente do de Grimm.

- Bote fora este livro. Grimm é que está certo.
- Mas o mapa? – interrogou Pedrinho. Pode ficar comigo?
- Pode sei de cor todas as terras. Mas não o perca, que é o único que existe.¹³²

Lobato foi quem primeiro concedeu às crianças o *status* de agente transformador, através de uma divertida viagem mágica. A seguinte transcrição revela questionamentos profundos e indica que, em terras brasileiras, seria possível fazer uma criança refletir sobre o problema da organização social:

- Já reparou Emília, como é bem arrumado esse reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! Estive no quarto das crianças. Que gracinha! Cada qual no seu berço de cera, como pernas e braços cruzados, todas tão alvas, dormindo aquele sono gostoso... O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar de modo que a colméia funcione como se fosse um relógio. Ah se o nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes.

- Isso não! – contestou a boneca. O besouro é aleijado e pede esmolas.

- Besouro não é abelha, boba. Estou falando das abelhas.

- E quem manda aqui? Quem é o delegado? – perguntou Emília.

- Ninguém manda – e é isso o mais curioso. Ninguém manda e todos obedecem.

- Não pode ser! – exclamou a boneca. Quem manda há de ser a rainha. Vou perguntar – e chamou uma abelha que ia passando. “Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?”

- Não senhora! Respondeu a abelha. Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto, somos perfeitas.

Narizinho ficou admirada daquelas idéias, e viu que era mesmo assim. “Que pena que não seja também assim na humanidade!”

- De manhã saímos todas - continuou a abelha – cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que nos alimentamos. Depois guardamos o mel nos favos. Se há concertos para fazer, qualquer uma de nós os faz sem que seja preciso ordem. Se a menina passasse uns tempos aqui havia de gostar tanto que depois não mais se ajustaria ao reino dos homens.

- Mas a rainha – perguntou a menina. Estou cansada de esperar a hora de conhecer essa grande dama. Deve ser linda!...

A abelha continuou:

- Pensa que a nossa rainha é uma dama emproada como as dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os homens é quem lhe chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhas dela – todas, todas! E rodeamo-la de comodidades e carinho, sem nunca lhe darmos o maior desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz

¹³² Lobato, 1970, pp. 132.133.

porque todas somos felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar em uma colméia daquelas, toda a vida ocupada num trabalho tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores...

- Mas a rainha, a rainha- insistiu a menina – Quero ser apresentada à rainha!¹³³.

A alegoria do mundo das abelhas representa a mensagem utópica de Lobato para a sociedade do seu tempo: um mundo feliz, temperado pela harmonia das relações humanas, sem autoritarismo ou imposição ditatorial, um mundo fraterno, igualitário e solidário.

Deste modo, a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano, passa a ser penetrada pelo maravilhoso e metafórico, com a mais absoluta verossimilhança, onde a sugestão de metamorfose ocorre com naturalidade. No *Sítio*, tudo ocorre natural e imediatamente. Basta lembrar que as personagens "reais" (Lúcia, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé etc.) têm o mesmo valor das personagens criadas, ou "inventadas" (Emília, Visconde de Sabugosa, o João Faz-de-Conta e todas as personagens que povoam o universo literário lobatiano).

Emília, uma simples bonequinha de pano, é capaz de revelar segredos e de apresentar definições e críticas brilhantes, pois, da mesma forma que as crianças, ela tem a capacidade de evoluir e manifestar sua opinião. Apesar de ser encarada como uma torneirinha de asneiras é capaz de entender a vida e explicá-la, como se fosse muito íntima do assunto. Além de ser tida como um protótipo-mirim do "super-homem", com sua vontade e domínio, ela encarna a máxima da positividade, através de seu espírito de liderança, sua obstinação, seu individualismo exacerbado e sua curiosidade infinita. Afogando ou escondendo sua fragilidade de tal forma, que às vezes, é considerada sem sentimentos, sem coração, como afirma Narizinho, apresenta uma justificação dos seus atos, criando no leitor infantil o senso crítico e o desejo de também poder fazer parte de uma história:

Antes de pingar o ponto final quero que saibam que é uma grande mentira o que anda escrito a respeito do meu coração. Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração – só que não é de banana. Coisinhas á toa não o impressionam, mas ele dói quando vê

¹³³ Lobato, 1970, p.43 (grifos nossos).

injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que ele o maior mal deste mundo é a injustiça.

Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói. Quando ouvi Dona Benta contar a história de Dom Quixote, meu coração doeu várias vezes, porque aquele homem ficou louco por apenas excesso de bondade. O que ele queria era fazer o bem para os homens, castigar os maus, defender os inocentes. Resultado: pau, pau e mais pau no lombo dele. Ninguém levou tanta pancadaria como o pobre cavaleiro andante. – estou vendo que é isso que acontece a todos os bons. Ninguém os compreende. Quantos homens não padecem nas cadeias do mundo só porque quiseram melhorar a sorte da humanidade? Aquele Jesus Cristo que Dona Benta tem no oratório, pregado numa cruz, foi um. Os homens do seu tempo só cuidavam de si, esses viveram ricos e felizes. Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve que agüentar o maior dos martírios.

Quando falo assim, Narizinho me chama da “filósofa” e ri-se. Não sei se é filosofia ou não. Só sei que é como eu sinto e penso e digo.

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e, portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tanta perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento.

Por isso acho que o único lugar do mundo onde há felicidade é no Sítio de Dona Benta. Tudo aqui corre como num sonho. A criançada só cuida de duas coisas: brincar e aprender. As duas velhas só cuidam de nos ensinar o que sabem e de ver que tudo ande a hora e tempo.¹³⁴

A utilização de animais ou bonecos (Emília e Visconde), cria uma aproximação do texto de Lobato com as fábulas, que sempre estão dispostos a nos passar uma mensagem. Neste caso de Emília, há de maneira quase explícita uma moral da história - as aparências enganam. Os animais e bonecos do *Sítio* pensam, falam e passam por problemas como se fossem humanos. O que acontece com Emília é possivelmente aceitável, pois o autor, ao aproximar a boneca dos seres humanos, afirmando que ela é uma “evolução gental”, cria uma forma de entrar na mente do leitor, mostrando-lhe que ele também é capaz de evoluir.

Em nenhum momento se questionam as capacidades atribuídas a Emília e aos demais bonecos ou animais do *Sítio*. Este fato faz parte do fator maravilhoso, viabilizado pelo imaginário e pelo simbólico, unindo, assim, elementos importantíssimos do mundo infantil com os propósitos do autor. O fator mágico surge naturalmente na narrativa, assim como tudo o que ocorre no universo infantil. Muitos acontecimentos da turminha do *Sítio* são perfeitamente vistos como uma realidade extra-textual, pois envolvem situações reais, vividas por toda a criança. Cria-se, assim, um vaivém empolgante, que permite a ponte entre realidade e ficcionalidade. Para a

¹³⁴ Lobato, 1970, pp. 290. 291.

Psicanálise, esse jogo entre texto e realidade é importantíssimo, pois o fato de a criança viver alguns dilemas, através do mundo maravilhoso, favorece a resolução de situações reais de maneira inconsciente.

Nas aventuras vividas no *Sítio*, há sempre uma personagem que se destaca, sendo temporariamente o herói ou heroína da história. Neste contexto, merece destaque o fato de esses heróis estarem um pouco fora dos padrões literários. Eles não são belos, mas as mais diversas situações lhes ocasionam uma metamorfose interior e exterior, que pode revelar certa beleza, equiparando-os às crianças reais, em permanente fase de mudança. A transformação de Emília (que aprendeu a falar, depois de ingerir a pílula do doutor Caramujo) e do visconde (que, por ter cheirado os livros da estante de dona Benta, passou a ser um sábio) acena para um universo de possibilidades, fazendo brotar nas crianças o desejo ver concretizada em seu mundo (extratextual) a esperança de uma mudança real (existente nos textos infantis).

Lobato, desta forma, passa a alimentar a vontade de transformar seu próprio mundo, através das possíveis atitudes e posicionamentos que essas crianças podem ter num futuro próximo. Assim, ele as coloca na condição de agentes formadores de sua própria história.

O texto lobatiano vem encantando gerações e não há no mundo das letras quem não admire sua audácia de querer mudar a sociedade brasileira. Embora, muitas vezes seja tido como louco, por defender idéias originais, o próprio autor se defende, afirmando que: *“Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira - mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum”*.

Assim, quando ele se propõe colocar no papel seu desejo de metamorfose social, através do uso da palavra escrita, o que parecia loucura passa a ter um sentido especial, por se tratar de uma atitude destinada às crianças, e isso é o suficiente para causar um impacto não só no meio literário, como também no social. O curioso é que o reconhecimento de sua obra ainda não conseguiu a implantação de seu grande sonho: o de fundar uma instituição educacional de alto nível que pudesse ser referência no país.

Nas cartas destinadas ao escritor, crianças e adultos se diziam apaixonados pela turminha do *Sítio* e exaltavam sua capacidade de tornar uma coisa simples em algo divertido e construtivo, como, por exemplo, em *Emília no País da Gramática*, o escritor tornar “um simples advérbio” em algo divertido e atraente, aos olhos infantis. O segredo

do texto lobatiano é, justamente, **divertir** e **instruir**¹³⁵, através da simplicidade de uma linguagem, facilitando sua aceitação e induzindo as crianças a devorarem cada episódio com uma grande satisfação.

Em nossa proposta de releitura da obra infantil lobatiana, temos a nítida intenção de identificar o projeto pedagógico do autor com uma perspectiva metamórfica, revelando que absolutamente nada ali foi escrito por acaso, pois, aos nossos olhos, tudo obedece a uma linha lógica, que permite ao leitor a descoberta do mundo e de si mesmo. Pensamos que, com tal atitude, o autor o convida o público infantil a reconhecer suas potencialidades e a tomar consciência de que o coletivo é feito de atos individuais que passam a ser tidos como práticas comuns da sociedade.

Relendo as aventuras da turminha do *Sítio*, o leitor percebe que o ápice de cada história está justamente nas atitudes tomadas pelas crianças, ou bonecos. Deste modo, a figura dos adultos não é considerada como impotente, uma vez que eles não possuem o poder de decisão, não há nela traços de autoritarismo que possa inibir as atitudes das crianças. É bem verdade que quase sempre é a boneca de pano que manipula as outras personagens, fazendo-as viver emoções que divertem a turminha e a criançada. Não só as crianças do *Sítio*, como também aquelas que estão lendo os livros de Lobato, são 'levadas na conversa' pela esperteza de Emília. Enganadas, as crianças aceitam tudo o que a danadinha da boneca deseja. Assim, Lobato oferece ao leitor um exemplo de determinação e atitude de uma personagem que não se deixa vencer pela opinião alheia. Podemos identificar várias mensagens do autor em uma só personagem (Emília), que a todo o momento participa ativamente nas aventuras do pessoalzinho do *Sítio* e promove uma verdadeira escola para a criançada.

O curioso é que uma história, construída com essa perspectiva de interação entre ficcionalidade e realidade, deveria fazer o leitor supor que, por trás daquele universo mágico, há uma intenção funcional, pedagógica. Todavia, as crianças não conseguem sentir no ar o cheirinho de dever de casa e nem sequer imaginam que estão aprendendo através de tão deliciosa leitura. Elas guardam no subconsciente todas as mensagens revolucionárias do autor. No entanto, só conseguem, de imediato, pensar nas aventuras e descobertas impressionantes que estariam por vir, a cada viagem feita ao mundo mágico da leitura.

Diversas vezes, Lobato fala ao leitor na pele de Emília. Ela, às vezes se faz de desentendida, como, quando, em suas memórias, declarae estar narrando sua história,

¹³⁵ Função da literatura segundo a Arte Poética de Horácio, Epístola aos Pisões, 1997.

embora seja o Visconde a contar boa parte dela. Afirma que tudo o que está ali é verdade, mas não deixa de avisar ao leitor que “*é nas memórias que os homens mentem mais*”. São curiosos estes contrapontos do texto lobatiano, pois, ao se fazer de boba, a esperta bonequinha de pano engana astuciosamente não só o Visconde como também o leitor.

O mais interessante é que essa estratégia textual coloca o leitor em duas posições: a primeira é a de ouvinte, como se estivesse em um consultório, escutando Emília em um divã, tal como o psicanalista faz com o seu paciente; a segunda é a de ser um exímio articulador de idéias, pois ele tem que descobrir o que a bonequinha de pano, realmente, faz: convidar o leitor a desvendar, junto com ela, os “segredos da humanidade”, para perceber os males e as soluções possíveis. Assim, o papel do leitor é ouvir atentamente, seguindo as pistas textuais, para desvendar as incertezas, que os homens acreditam serem grandes verdades. Deste modo, o leitor passa a 'ouvir' o que é dito pela boneca, tendo o cuidado de possuir perspicácia suficiente para ir além do óbvio, realizando, assim, uma ponte entre o real e o imaginário.

Mas como isto acontece no texto?

Às vezes, Emília afirma que no mundo dos homens há muitas coisas que sua cabecinha não entende. Mas, em seguida, surge uma gama de explicações e soluções possíveis, que a própria boneca apresenta ao leitor, para um determinado acontecimento. Ora, a mesma criaturinha, que, até então, se mostrava incapaz de compreender o mundo, oferece ao leitor a descoberta de razões, que ela mesma afirmava desconhecer. Quando o leitor é colocado na posição de ouvinte, como se estivesse num divã, ele passa a ouvir o que a Emília diz, às vezes de modo obscuro, como que envolvido por uma névoa de incertezas. Deste modo, Lobato envolve de tal maneira a criança na leitura que ela realiza com facilidade o vaivém entre ficcionalidade e realidade.

No início da narrativa, o autor prepara o texto de forma simples e cativante, para apresentar a complexidade de assuntos pertencentes ao mundo dos adultos. Então, a criança, já tomada pelo texto, cria o desejo de desvendar os possíveis mistérios que a turminha do *Sítio* com certeza estará disposta a revelar. Logo, o mistério a ser desvendado no texto é o mesmo que envolve a humanidade: a tomada de consciência de que cada ser pode contribuir para uma sociedade melhor. Esse tipo de relação existente entre leitor e obra, abre espaço para o estabelecimento de outra relação, a do leitor com a realidade.

Montando sua história, o próprio escritor vai aos poucos deixando pistas, durante a narrativa, de modo a metamorfosear o leitor. Exemplifiquemos com um pequeno trecho do livro *A Chave do Tamanho*:

- *O Visconde não mudou porque é de milho.*
- *Mas ele fala, pensa, é perfeita gente...*
- *Sim, e isso é um dos mistérios do mundo. O Visconde pensa, fala e me obedece. Comporta-se em tudo como gente – mas não come. Logo, não é gente. Já viu gente que não coma, coronel?*
- *E você, Emília? Se também diminuiu, então é porque é gente – mas toda a vida ouvi dizer que você era boneca. Como explica o mistério?*
- *Muito simples. Eu de fato já fui boneca de pano, Mas evolui e virei gente.*
- *O coronel não sabia o que era evoluir. Emília explicou.*
- *Evoluir é passar de uma coisa para outra muito diferente. Um grão de milho começa grão de milho; vai evoluindo e vira pé de milho, broa de fubá ou Visconde de Sabugosa. Assim, eu. De simples bruxa de pano, fui evoluindo, virei gentinha e hoje sou o cérebro e a vontade do Visconde; moro em sua cabeça e dirijo-a do mesmo modo que o Totó dirigia o automóvel do major Apolinário.¹³⁶*

Como se pode perceber, é evidente a idéia de evolução e metamorfose no texto lobatiano, a par e passo com o recurso da prosopopéia. Como Emília, cada leitor deve tomar sobre si o propósito de evoluir e se fazer presente no rumo da história:

- *Pois fique sabendo que é o mesmo. O Visconde que é um vegetal, não diminuiu como nós, que somos gente – e por isso parece agora um verdadeiro gigante. E eu sou a “evolução gentil” daquela bonequinha pernóstica.*
- *Como?*
- *Artes do mistério. Fui gentinha e gente sou; beliscou-me e sinto a dor da carne. E também como. Já o Visconde permaneceu milho. Fala, pensa, raciocina muito bem, sabe todas as coisas, mas não come e nem sente dor de beliscão.¹³⁷*

Ora, se Emília é uma “evolução gentil”, como afirmou, o Visconde pode ser identificado com os diversos membros da sociedade que, por estarem acomodados à rotina tradicionalista, não evoluem, não passam de vegetais. O curioso é que é justamente a bonequinha de pano que encarna a máxima da metamorfose e apresenta ao

¹³⁶ Lobato 1970, p. 155.

¹³⁷ Lobato, 1970, p. 1178.

leitor diversas faces da humanidade, como se pode inferir de uma passagem de suas Memórias:

Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada. Quando tia Nastácia vai matar um frango, todos correm de perto e tapam os ouvidos. Emília não. Emília vai assistir. Dá opiniões, acha que o frango não ficou bem matado, manda que tia Nastácia o mate novamente – e outras coisas assim”.

Também é a criatura mais interesseira do mundo. Tudo quanto faz tem uma razão egoísta. Só pensa em si, na vidinha dela, nos brinquedos dela. Por isso mesmo está ficando a pessoa mais rica da casa. Eu, por exemplo, só possuo um objeto – a minha cartola. Jamais consegui ser proprietário de outra coisa porque se arranjo qualquer coisa Emília encontra um jeito de me tomar. Até aquele ditongo que rapei do País da Gramática e escondi na boca, a diaba descobriu e me fez cuspir fora.

Ela, entretanto, possui um colosso de coisas. O quartinho da Emília está cheio – mais ainda que este quarto de badulaques. É dona de grande número de pernas e braços de bonecas – das que Narizinho quebrou. Tem uma coleção de panelinhas, e outra de caquinhos coloridos de louça. Uma vez quebrou de propósito uma linda xícara verde de Dona Benta só para completar sua coleção de caquinhos – porque estava faltando um caquinho verde. [...] E tem mais coisas. [...]

Emília é uma criaturinha muito incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que até espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Tem saída para tudo. Não se aperta, não se atrapalha, e em matéria de esperteza, não existe outra no mundo. Parece que advinha, ou vê através dos corpos.

Um dia em que muito me impressionei com qualquer coisa que ela disse, propus-lhe esta pergunta:

- “Mas afinal de contas. Emília, que é que você é?”

Emília levantou para o ar aquele impicante narizinho de retrós e respondeu:

- “Sou a independência ou morte”.

Fiquei pensativo. Na realidade, o que Emília é, é isso: uma independência de pano – independente até no tratar as pessoas pelo nome que quer e não pelo nome que as pessoas têm. Para ela eu sou milho; o almirante é Bife...

Aqui no sítio quem manda é ela. Por mais que os meninos façam, no fim quem consegue o que quer é a Emília com os seus famosos jeitinhos.¹³⁸

Esta citação tem inspirado muitas críticas ao texto lobatiano. Contudo, havia um projeto que regia todas as atitudes da turminha do *Sítio*, logo, há uma explicação para os desmandos da bonequinha. Vejamos a crítica de Cecília Meireles:

Recebi os livros do Lobato. (...) Ele é muito engraçado, escrevendo. Mas aqueles seus personagens são tudo o que há de mais malcriado e detestável no território da infância. De modo que eu penso que os seus

¹³⁸ Lobato, 1970, p. 280.282.

livros podem divertir (tenho reparado que divertem mais os adultos que as crianças,) mas acho que deseducam muito.(...)¹³⁹

Na compreensão de Cecília, os livros de Lobato não possuem os atributos de “ciência” e de “arte”, nem tampouco são educativos, fatores estes considerados fundamentais para se escrever para crianças. Ela deixa claro que o autor não obedece aos cânones pedagógicos, pois os personagens são “malcriados” e não se adequam a uma concepção de infância dócil, obediente, submetida à direção do adulto. Contudo, esta crítica se encaixa perfeitamente na visão tradicionalista de educação: a docilidade, a obediência, em detrimento da criatividade e da autonomia.

Nelly Novaes Coelho, apesar de apresentar o reconhecimento da importância das iniciativas do escritor e o valor de sua obra infantil, reforça a crítica de Cecília Meireles à fragilidade ética das personagens lobatianas, tomando como parâmetro o cinismo na apresentação da mentira como se fosse verdade:

Em A Chave do Tamanho, Emília volta a insistir na inexistência da verdade, identificando-as como mentiras de adultos. [...] Como se vê temos aí uma atitude cínica e perigosa que, embora corresponda a uma censura prática do cotidiano, não pode ser radicalmente dada como “valor” às crianças. Seria o caso de fornecermos às crianças e aos jovens, como modelos a serem seguidos, todos os desmandos e arbitrariedades de ação praticadas pelos adultos? A Chave do Tamanho não é, pois um livro para crianças, mas para a meninada pré-adolescente... Leitura que deve ser orientada para se transformar em matéria de análise e crítica do mundo atual e não apenas para entretenimento.¹⁴⁰

Contudo, sabemos que Lobato utilizou as “falhas” da personalidade da criança (teimosia, curiosidade, egoísmo, perversidade) como estratégia de escrita para envolver o seu imaginário. O que habitualmente pode causar um repúdio ou reprovação num adulto, casualmente pode promover uma identificação da criança com o texto. Preocupado com o caráter educativo de sua obra e também com a forma de envolver o leitor, sem deixar marcas de dever de casa ou de lição de moral, o escritor utiliza uma personagem híbrida para causar no leitor um elo de aproximação: como boneca, Emília não está sujeita às regras humanas; como gente, possui traços característicos de uma fase especial de todo o ser humano. Assim, o texto lobatiano passa a ser construído através da união da ficção e da realidade.

¹³⁹ Cecília Meireles escreveu esta crítica em carta a Fernando de Azevedo, datada de 9 de novembro de 1932. Apud LAMEGO, 1996, p 229.

¹⁴⁰ Coelho, 2000, p. 148.

Criando elos de aproximação entre a personagem e o leitor infantil, Lobato ganha sua atenção, conseguindo, assim, passar as informações necessárias, numa “didática” motivadora. É curioso notar como características bem particulares da realidade infantil podem despertar no leitor dessa faixa etária uma aceitabilidade enorme. Não podemos esquecer que as tais “falhas” da personalidade da criança trazem para a obra o fator da verossimilhança, que propicia uma identificação direta do leitor com o texto.

A habitual resistência infantil à Gramática e à Aritmética encontra no texto lobatiano uma sugestiva proposta didática, como se pode verificar na correspondência aos amigos Anísio Teixeira, em 21/11/1933, e Viana, em 15/08/1934:

1) *Estou escrevendo Emília no País da Gramática. Está saindo estupendo. Inda agora fiz uma entrevista de Emília, na qualidade de repórter do Grito do Pica-Pau Amarelo, um jornal que ela vai fundar no sítio, com o venerabilíssimo verbo SER, que ela trata respeitosamente de Vossa Serência! Está tão pernóstica, Anísio, que você não imagina.*

*Estamos pensando no J. Carlos para ilustrar esse livro. Aqui não vejo nenhum desenhista capaz. Ou, se a Emília soubesse desenhar...*¹⁴¹

2) *“Minha Emília está realmente um sucesso entre as crianças e professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo de não agüentar o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês. Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas. Numa escola que visitei a criança me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça Emília no país da aritmética.” Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças – e no entanto, poderia diverti-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática a é a aritmética. Fiz a primeira e vou fazer a segunda. O resto fica canja.*

*O Anísio Teixeira acha que é toda uma nova metodologia que se abre. “Amém.”*¹⁴²

Para Lobato, estava claro que as crianças mereciam um novo caminho para o aprendizado, pois desvendar o mundo é algo fascinante, mas “*gente grande tem mania de complicar as coisas*”, como diz Emília. Deste modo, através da proposta de metamorfose pedagógica, apresentada pelo escritor, tudo passa a ter um novo sentido. Devido ao surgimento de uma alternativa, que consegue criar um novo olhar, uma nova

¹⁴¹ Nunes, 1985, p. 95 (Grifos nossos).

¹⁴² Nunes, 1985, p. 96 (Grifos nossos).

perspectiva de aquisição de conhecimentos básicos, todos os exercícios e regras irritantes vão-se tornando acessíveis e sedutores aos olhos infantis.

Não podemos negar a brilhante veia cômica do autor, que consegue, com bom humor, dar um banho de simplicidade nas complicadíssimas regras da língua portuguesa, em *Emília no País da Gramática*. Realizando um lúcido e lúdico percurso pela gramática tradicional, passa por todas as classes, associando-as a bairros e personificações e dando vida a arcaísmos e neologismos. Nesta obra, além de abordar de forma brilhante a composição das regras que regem a nossa língua, o autor também ressalta a exclusão social, como podemos observar na passagem do texto: “*a gente importante morava no centro e a gente de baixa condição, ou decrepita, morava nos subúrbios*”.

O brilhantismo do autor está na sua audácia e comicidade, o que se reflete de forma positiva em sua obra, na qual a própria Emília, é um exemplo de seu caráter, dando um tempero especial à leitura. Para Lobato, resgatar idéias vinculadas ao aprendizado e à exploração de regras tão severamente criticadas pelas crianças na fase escolar, parece ser, na verdade, uma forma que ele encontrou de lembrar sua infância, e ensinar seu leitor a contornar obstáculos de um período aparentemente muito difícil.

As críticas que faz ao sistema de ensino tradicional evidenciam o duro caminho que muitas crianças precisam percorrer, o seu texto infantil demonstra isso, nas palavras de Pedrinho:

Dona Benta com aquela paciência de santa estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho rezingou.

- Maçada vovó. Basta que eu tenha de lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são só para brinquedo. Não, não e não...

- Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá muito para você mesmo, quando as aulas se reabrirem. Um bocadinho só, vamos! Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três e meia para os famosos brinquedos.

Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática.

*Ah, assim, sim! - dizia ele. - Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios...*¹⁴³

¹⁴³ Lobato, 1970, p. 293 (grifos nossos)

Podemos notar por toda a obra o teor das críticas e do bom humor de Lobato, o que é muito pessoal, embora seja claro, que este humor é na verdade uma estratégia de sua escrita. Em determinados momentos ele deixa entender que a Literatura Infantil deve seguir metas e ter funções específicas. E ao longo de sua narrativa tanta estabelecer tais funções da seguinte forma: **divertir** o leitor para que ele se sinta motivado a continuar a leitura; **emocionar** ao passo que revela novos caminhos para o aprendizado; **educar** sem deixar no ar o cheirinho de dever de casa; **conscientizar** sempre; **instruir** progressivamente; **integrar** se possível o leitor em um grupo privilegiado de intelectuais e **libertar** seu pensamento das amarras do tradicionalismo. Curiosamente as palavras em negrito que determinam as intenções do autor também são na atualidade consideradas como fatores primordiais da literatura infantil.

Deixando um pouco de lado, a análise do texto e voltando para a crítica que a motivou, consideramos que mesmo diante de posicionamentos contra a obra infantil de Lobato, como fez Cecília Meireles, não podemos seguir radicalmente observações negativas como a apresentada pela escritora, uma vez que aceitar tal visão como verdade absoluta, é, sem sombra de dúvida, negar ou contestar o caráter informativo e educativo da obra lobatiana. E mais que isto, representa anular as inúmeras pesquisas que apontam e comprovam tal caráter. Portanto fica registrada a opinião da escritora com a ressalva de que é uma visão particular que não é compartilhada pela maioria dos leitores, uma vez que as obras do autor, pelo menos, ao longo das últimas décadas, vem influenciando, de forma marcante, na formação de inúmeros brasileiros que têm acesso a ela, como apontara a escritora Ruth Rocha¹⁴⁴, que em uma entrevista revela que o texto lobatiano foi uma forte influência na sua decisão de escrever somente para crianças.

E ainda considerando o que foi dito a respeito da obra infantil lobatiana, lembramos um posicionamento interessante de Leyla Perrone-Moisés ao afirmar que *“todos os grandes autores devem ser reinterpretados, não apenas porque a crítica para isso continua existindo, mas porque a capacidade de suscitar novas interpretações (diversas ou conflitantes) é uma prova da grandeza da obra.”*¹⁴⁵. E Lobato, como um grande escritor, também não foge à regra, principalmente quando se trata de sua obra infantil, pois tem gerando polêmicas há décadas e, por vezes, ela passou a ser

¹⁴⁴ Em entrevista a Fanny Abramovich, publicada parcialmente no artigo Lobato de Todos Nós, na obra organizada por Dantas (1982, p. 155) *Vozes do Tempo de Lobato*, em comemoração aos 100 anos de nascimento do autor brasileiro.

¹⁴⁵ Perrone-Moisés, Leyla. “Baudelaire reabilitado, *MAIS!*” 11-05-1997 p. 5.

ideologicamente recusada¹⁴⁶ por leitores tradicionais como Cecília Meireles e pela igreja Católica, que vê em algumas passagens da obra uma ameaça ou afronta à união concebida no casamento (em particular com relação aos trechos que retratam a farsa do casamento da Boneca Emília e seu desejo de anulá-lo). Como já foi mencionado em nosso texto no tópico que fala sobre o teor feminista da obra lobatiana.

Com base nas nas informações encontradas no texto *O Universo Ideológico da obra Infantil de Monteiro Lobato* de Vasconcelos (1982) a Liga Católica Feminina manifestou-se contra passagens do texto lobatiano por considerar sua atitude como um ato comunista, sendo classificado como impróprio para o público infantil. No texto de Vasconcelos (1982) está registrado que um dos grandes questionadores da obra lobatiana foi o padre Sales Brasil citado naquela nota como detentor de uma visão tradicionalista. Mas acreditamos que este fato não deve merecer longa exploração, pois temos o receio de enveredar por caminhos que fogem ao propósito de nossa pesquisa, cabe apenas informar que algumas idéias progressistas de Monteiro Lobato não foram aceitas pela Igreja que em determinado momento passou a orientar os fiéis a não incentivar as crianças a consumir seus livros.

É importante lembrar que ao iniciar o estudo das propostas metamórficas do texto lobatiano, foi feito um recorte e dentro do *corpus* selecionado, no qual conseguimos identificar alguns elementos importantes para a nossa análise, mas a seleção, aqui apresentada, não significa que os elementos textuais expostos são os únicos em toda a escrita infantil do autor. Eles apenas representam à existência de uma infinidade que podem apontar uma proposta metamórfica. Portanto, convenientemente selecionamos alguns por critérios próprios que dizem respeito ao tipo de aparato teórico que temos, e não por outro motivo. Assim, convidamos o leitor a mergulhar no texto lobatiano e perceber a importância de um elemento especial à água que tem grande valor simbólico na construção da narrativa.

¹⁴⁶ Com relação às diferentes visões da obra infantil lobatiana em várias épocas, temos o trabalho inédito de Mirian Gilberti Páttaro. “A fortuna crítica da obra infantil de Monteiro Lobato: apresentação de um levantamento parcial” (mimeo).

4.2. A ÁGUA COMO ELEMENTO MOTOR DA METAMORFOSE.

No reino da imaginação, há uma “lei de quatro elementos”, baseada nas concepções filosófico-poéticas de Gaston Bachelard, classificando as diversas imaginações materiais, que possibilitam a interpretação textual a partir da materialidade dos elementos da natureza. Assim, com base nas idéias contidas na sua *Poética*, julgamos ser possível encontrar elos entre o texto infantil lobatiano e a sua proposta metamórfica, levando em consideração a teoria do elemento água e sua carga simbólica nas interpretações voltadas para os propósitos de nossa pesquisa.

A teoria bachelardiana nos revela que a água é “*um tipo de destino*”, não só o das imagens fugazes, o de um sonho que não se acaba, “*mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser*”. Por isso, pensamos que o elemento água tem peso dentro do texto infantil de Monteiro Lobato, pois em seu primeiro livro encontramos esse elemento como símbolo do ingresso da criança no universo mágico da Literatura Infantil. Deste modo, percebemos que na narrativa lobatiana a **água** surge como um *leitmotiv* da construção simbólica, representando a fluidez da vida e da linguagem.

O estudo de Bachelard (1998), por sua vez, vinculam-se ao poder psicológico da variação simbólica das águas: claras, primaveris, correntes, profundas, suaves e violentas. Assim, constatamos, através de sua teoria, que o termo água possui múltiplas significações e que sua simbologia permite a compreensão de acontecimentos reais e textuais que revelam potencialidades metamórficas, especialmente no que diz respeito à água como mestre da linguagem.

Lembrando um pouco as associações feitas por diversos povos, percebemos que a água é tida como a origem e veículo de toda vida, sobretudo nas tradições judaica e cristã. Ela é considerada como um dom do céu e símbolo universal de fertilidade e fecundidade, possibilitando etapas metamórficas que envolvem o ciclo da vida terrestre. Nestas associações, encontramos valiosas observações que contribuem para a compreensão da construção simbólica da água no texto infantil, visto que ela, ao agrupar imagens, dissolve as substâncias e ajuda a imaginação em sua tarefa de assimilação simbólica da materialidade de um elemento que representa o enigma da vida.

Ao nos depararmos com a idéia de uma água límpida e cristalina, associada à fluidez da vida e da linguagem, percebemos que esse elemento simboliza uma bela ação

metamórfica encontrada no texto lobatiano, pois nele a água aparece dotada de um poder transformador, que contempla a boneca Emília e a transforma no símbolo de suas metamorfoses.

Ao chegar ao Reino das Águas Claras, em sua condição de ser inanimado, a marquesa de Rabicó, até então, uma bruxinha muda feita de pano ordinário, como afirma tia Nastácia, sofre os efeitos metamórficos do reino aquático e passa a uma nova condição: a de ser uma “*gentinha*”, ou “*evolução genta*”, de acordo com as próprias palavras da boneca que marcará significativamente o percurso das aventuras da turminha do Sítio. Ao nos depararmos com esse fato, compreendemos, então, o grande valor da água na narrativa e identificamo-la como um elemento motor das propostas metamórficas de Monteiro Lobato.

Nos devaneios de Gaston Bachelard relacionados com as águas naturais, percebemos que elas representam uma linguagem idealizada, materializando-se em uma realidade poética que dá vida e voz aos elementos naturais. Assim, regatos e rios *sonorizam* com estranha fidelidade as paisagens mudas, uma vez que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, havendo, portanto, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana, justamente como acontece no texto lobatiano, quando Emília faz a aquisição da linguagem no *Reino das Águas Claras*.

Ao estudar a simbologia da água, percebemos também que esse elemento acentua qualidades femininas, ressaltando a sensualidade, a fertilidade, o desejo, o amor, entre outras. Com relação ao texto lobatiano, percebemos que no reino marinho Narizinho descobre sua condição feminina, despertando no Príncipe Escamado carinho, afeto, amor e o desejo de contrair matrimônio com aquela doce menina/mulher. É também neste reino que aflora em Lúcia um sentimento maternal que a conduz a atitudes de proteção do próximo, como demonstram suas atitudes destinadas às personagens *Major Agarra-e-não-larga-mais* e o *Pequeno Polegar*. No primeiro caso, ela recorre ao príncipe para suspender o castigo dado ao sapo, enquanto, no segundo, ela manifesta sua insatisfação com Dona Carochinha e tenta proteger o pequeno homenzinho que fugiu das histórias infantis, por estar insatisfeito. Deste modo, o elemento água faz aflorar comportamentos e associações simbólicas, que são de grande valor para o nosso estudo.

No primeiro texto infantil lobatiano, vemos que o elemento água é valorizado, pois, além de representar a aquisição e a fluidez da linguagem, também simboliza a fertilidade da vida, através dos seres marinhos, e sua vivacidade. Todavia, como reverso

da medalha, indicia a morte, pois é nas águas que supostamente o príncipe escamado morre, por desaprender a arte de nadar, afogando-se. Mais tarde, encontramos a explicação real deste fato, como podemos observar nos dois trechos seguintes:

1) *Nem bem acabou de falar o gato Félix surgiu no terreiro, a miar aflito.*
- *Acudam!... O príncipe está se afogando...*
Todos correram ao encontro do gato, sem compreender o que ele dizia.
- *Afogando como, se o príncipe é um peixe?*
- *Sim, mas passou toda a tarde fora d'água e desaprendeu a arte de nadar.*
*Socorro! – berrou Narizinho, disparando como louca na direção do rio para salvar o amado príncipe...*¹⁴⁷

2) *Por que não vem o príncipe? – indagou Narizinho.*
- *Porque príncipe já não existe mais – Murmurou o médico baixando os olhos.*
- *Como não existe mais? Que aconteceu? Fale!*
- *Não sei o que aconteceu. Mas depois daquela viagem ao sítio de dona Benta o nosso amado príncipe nunca mais voltou ao reino.*
Narizinho recordou-se da cena. Lembrou-se de que o falso gato Félix havia aparecido para avisá-la de que o príncipe estava se afogando por ter desaprendido a arte de nadar. Lembrou-se de que correu para o rio para salvá-lo, mas nada encontrou. Ter-se-ia mesmo afogado?
- *Acha que morreu afogado, doutor?*
- *Isso é absurdo, menina. Um peixe nunca desaprende a arte de nadar. O que aconteceu sabe o que foi?*
- *Diga...*
*Foi comido pelo falso gato Félix, aposto.*¹⁴⁸

Lembramos que a água também marca o ingresso simbólico de Monteiro Lobato no universo da Literatura Infantil, pois foi justamente o relato de um conto de um peixe que morreu afogado, porque desaprendeu a arte de nadar, que levou o autor a criar seu primeiro livro como informa a transcrição seguinte:

Esse momento ocorreu quando Hilário Tácito – o autor de Madame Pommery, romance-paródia editado por Lobato naquele ano – contou-lhe a insólita aventura de um peixinho que morrera afogado por ter desaprendido a nadar. Instigado pela narração, transformou aquilo em um pequeno conto a que deu o título de “A história do peixinho que morreu afogado”. Até hoje segundo a dedicada pesquisadora do Museu Monteiro Lobato, Hilda Villela Merz, jamais foram localizadas cópias desse texto.

¹⁴⁷ Lobato, 1970, p. 79.

¹⁴⁸ Lobato, 1970, p. 126.

Resolvendo desenvolver melhor a fábula, Lobato reaviva suas lembranças dos tempos de menino, repletas de cenas da roça onde passara a infância. E, assim inspirado, lança a primeira versão de A menina do Narizinho Arrebitado, narrando as peripécias de uma avó, a sua neta órfã, Lúcia, e à inseparável boneca de pano, Emília, além da negra tia Anastácia, que moram “lá no fundo do grotão, muito sossegadas da vida, sem inquietações nem aborrecimentos.”¹⁴⁹

Admitimos que só a existência deste fato seria suficiente para considerarmos o elemento água como um fator de grande importância em nossa pesquisa. Na releitura da obra infantil lobatiana, passamos a tentar ouvir, com os poetas e filósofos, a “voz da água”, estabelecendo com o texto de Monteiro Lobato uma relação dinâmica e simbólica, que possa permitir uma compreensão das propostas metamórficas deste elemento, que parece estar recriando o universo aquático, através das suas potencialidades simbólicas. Deste modo, buscamos todos os rumos dessas águas e suas múltiplas imagens, fazendo-as fluir através de diversas associações, baseadas na potencialidade expressiva da palavra, que tenta desvendar sua carga simbólica e levar o leitor da presente pesquisa a contemplar a obra infantil lobatiana com um novo olhar, uma nova perspectiva, que revela uma carga intencional de sua escrita.

Esse elemento nos conduz a uma dimensão interpretativa que caracteriza o amadurecimento do ser humano, ao encontrar sua especificidade no sentir, no imaginar, no perceber, no significar. Enfim, ao envolver-se no ato da leitura, o leitor acaba descobrindo todo um sistema de idéias que o trabalham: desde os afetos e sensações comportamentais até a relação com os outros e o mundo, através de nossas possibilidades criadoras e inventivas. Abordaremos melhor as representações simbólicas e as propostas metamórficas desta personagem no capítulo seguinte.

¹⁴⁹ Azevedo, 1998, p.157 e 158. grifos nossos.

4.3. EMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DA PROSOPOPÉIA Nº O REINO DAS ÁGUAS CLARAS.

No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério, arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras.

150

Se for verdade, como diz Lobato, que poetas e pintores estão no mesmo patamar e que estes, para darem vida a uma imagem, primeiro fazem um rascunho, para depois irem pintando os membros dela, até realçarem as tintas e ela ficar na fineza de sua perfeição, e beleza, então, o pintor/escritor usa as palavras como tintas e o papel como tela para pintar, em cada página, paisagens e personagens que encantam os leitores.

Identificando-se como pintor de palavras, Lobato marca com um só pensamento dois pontos importantes. Em primeiro lugar, evidencia que tem a intenção de usar sua escrita para perpetuar uma imagem no inconsciente de cada leitor, alimentando seu sonho de ver o mundo com os olhos infantis, pois é nesta fase que o ser se vê capaz de mudar o que está errado no mundo. Em segundo lugar, deseja possibilitar a adequação do mundo e de suas idéias ao universo infantil, querendo, como pintor, criar novas imagens que dialoguem com a criança e possibilitem, verdadeiramente, uma mudança social. E no ato da leitura, autor e leitor casam seus objetivos e vão pintando o inconsciente com sonhos e desejos, dando vida a uma imagem idealizada de uma sociedade mais justa.

Debruçar-se sobre um livro infantil de Monteiro Lobato significa sonhar com o autor, usar o pincel da imaginação, para criar vivas imagens da vida, conservando o que há de bom, os feitos memoráveis de pessoas que desafiaram os governantes e modificaram o convívio das pessoas, mas também significa idealizar e pintar uma nova organização social, dando vida e voz a seres antes ignorados, tratados como objetos inanimados.

E foi assim que aconteceu nas histórias infantis: o autor pintou uma boneca de pano, sem graça, sem voz, sem vida; e aquele objeto era manipulado e usado por sua dona, até que foi lhe concedido o direito à fala e à vida. Desde então, tudo mudou.

¹⁵⁰ Lobato, 1957. Carta a Godofredo Rangel, Areias, 6/7/1909, p. 251 e 252.

Lobato criou um ambiente propício à reflexão, pois colocou em uma bonequinha de pano a missão de não aceitar a ordem natural das coisas. “*Implicante e questionadeira*”, a boneca se identifica como uma “*evolução gentel*”, que tem o direito de falar o que pensa, e agir das mais variadas maneiras para adequar o mundo a sua forma particular de ver as coisas, como podemos perceber na transcrição abaixo:

A maioria das idéias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras, e isso irritava Emília, que estava tomando muito a sério o seu programa de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira.

-Parece incrível, Rã! – disse ela. – Chamei você para me ajudar com idéias na reforma, mas até agora não saiu dessa cabecinha uma só coisa aproveitável – só “desmoralizações...” [...]

*- só essas. Todas as outras eu tive que jogar no lixo. Vamos ver mais uma coisa. Que acha que devemos fazer para reformar os livros?*¹⁵¹

Esta atitude do autor revela uma inteligência astuciosa, pois, ao colocar Emília e não Narizinho com tal característica, cria questionamentos e se defende de possíveis críticas. Usando a personagem gente (Narizinho), poderia sofrer represálias, pois alguns críticos identificariam na menina atitudes incoerentes e subversivas, induzindo as crianças a serem como a menina da história: implicante, questionadeira, inconformada, malcriada... Já que Emília é boneca e não gente, tem o direito de querer entender o mundo dos homens. Por outro lado, sendo uma “*evolução gentel*”, é promovida a uma condição que lhe permite interagir com os membros do sítio, sociedade estabelecida na estória, tomando a máxima da democracia, segundo a qual todos têm o direito de opinar, inclusive ela. Sendo um meio termo entre boneca e gente, com um delicioso senso crítico, dá aos membros do Sítio e ao leitor a oportunidade de embarcarem nas mais diversas aventuras e a perceberem a vida de um ângulo diferente. Esta é exatamente a personificação que ganha destaque na obra e na presente análise.

No *Reino das Águas Claras*, tudo tem um significado. Lá ocorre a personificação¹⁵² dos seres marinhos e de Emília, que vai marcar toda a história do Sítio. Esta figura de linguagem, também chamada de prosopopéia, é utilizada por Lobato para encantar o leitor e permitir seu ingresso no universo mágico das narrativas

¹⁵¹ Lobato, 1970 p. 1199 e 1200 (grifos nossos).

¹⁵² Figura de linguagem também chamada de prosopopéia – a partir da qual se atribui vida, ação, voz a seres mortos, inanimados ou ausentes. É uma visão antropomórfica do universo não humano.

infantis. A boneca, inicialmente, aparece como um rascunho, sem cor e sem vida, para, depois, lhe ser concedido o direito de pular da tela (página do livro) para o imaginário infantil, através da boa atitude de Narizinho, que lhe concede o direito de ser tratada pelo mais nobre doutor do reino aquático.

Lobato acreditava que a força de um sonho é construída ao longo de nossa caminhada. Neste contexto, o elemento água aparece como agente transformador, visto que tudo se inicia no reino aquático com a aquisição da fala de Emília, que é a responsável direta pelas diversas estratégias de conscientização infantil, através da literatura lobatiana. Simbolicamente, a bonequinha nasce para uma nova vida naquele maravilhoso *Reino das Águas Claras*.

Podemos evocar a crença cristã, que apresenta o poder simbólico deste elemento no ato do batismo, revelando que a imersão nas águas representa *o nascimento para a vida nova em Cristo*. É justamente a idéia de “vida nova” que nos chama a atenção, pois este ato nos revela que um ser mergulha nas águas, metamorfoseando-se em um novo ser. É o que acontece no texto lobatiano.

Emília, na condição de ser inanimado (simples objeto estático, real e material) passa a ter grande força no universo imaginário, através da transformação de seu estado físico. E não podemos esquecer que é no mundo aquático que ocorre essa metamorfose. Neste primeiro livro da série do *Sítio*, literalmente arrastado pela correnteza do texto lobatiano, o leitor embarca em um mundo maravilhoso de cores e símbolos, no qual habita um delicioso jogo de sedução da palavra, do qual lhe é impossível escapar, tão preso está às imagens aquáticas de um reino encantador que lhe são reveladas, que a cada virada de página o leitor embarca em uma viagem lúdica de aquisição do conhecimento.

Voltando um pouco à apreciação teórica da água, lembramos que dos quatro elementos naturais da filosofia clássica, a água, segundo Bachelard, é aquele que os poetas elegem para a definição do contingente da vida e do absoluto dos sonhos, pois é ele que possibilita a viagem a outros mundos, outras realidades. Lembramos também outra afirmação sua: *imaginar sempre será mais que viver*. É, pois a imaginação que nos permite ensaiar diferentes modos de viver, inventando e instaurando outras realidades, extraindo de nós mesmos a *força demiúrgica* que nos faz plurais. Alimentadas por um pensamento dinâmico, razão e imaginação caracterizam-se como *criadoras, ativas, abertas e realizantes*, que dão um novo colorido ao mundo das interpretações e que nos permitem abrir horizontes de possibilidades.

Deste modo, pensamos que Monteiro Lobato, usando a força simbólica da imaginação, constrói em sua narrativa uma ponte entre a realidade infantil e a ficcionalidade. No Reino das Águas Claras, Emília, até então uma simples boneca de pano, ganha vida e fala, equiparando-se a uma criança, quando, simbolicamente, é submetida a tratamento médico e recebe a pílula falante. Gostaríamos de evidenciar que ela é tratada pelo Dr. Caramujo de forma igualitária aos demais pacientes do famoso médico. A pequena bonequinha pode ser vista como uma criança muda que, aos cuidados de um “DOUTOR”, tem a sua mudez sarada, mediante um tratamento específico, como podemos observar no trecho a seguir:

Oh, uma bonequinha também! Era o único ente que falava nestas terras. É falante?

- Sim. Emília fala pelos cotovelos – respondeu Narizinho.

A admiração de Esopo foi grande, porque apesar de velho nunca tinha sabido de uma bonequinha que falasse.

- É extraordinário! – disse ele. Bonecas vi muitas em Atenas, mas mudas. O mundo tem progredido, não resta dúvida. Como te chamas, bonequinha?

- Emília de Rabicó, sua criada.

- Lindo nome. E quem te ensinou a falar?

- Ninguém – respondeu Emília com todo espevitamento. Nasci sabendo. Quando o doutor Caramujo me deu uma pílula tirada da barriga dum sapo, comecei a falar imediatamente.

- Emília fala muito bem – explicou Narizinho. Pena é que diga tanta tolice.

O grego sorriu com malícia.

- Nós sábios também não fazemos outra coisa – disse ele. Mas como dizemos nossas tolices com arte, o mundo se ilude e as julga alta sabedoria. Vamos, bonequinha, diga alguma tolice para o velho Esopo ver.¹⁵³

É curioso como o autor transforma uma bruxinha de pano feita por tia Nastácia em uma “gentinha” que passa a ser o símbolo da proposta metamórfica de seu texto infantil, como podemos observar nas palavras transcritas abaixo:

¹⁵³ Lobato 1970, p. 141 [grifos nossos].

Longo tempo ficou a Rã a admirar aquela prodigiosa criaturinha que nasceu boneca de pano das mais ordinárias e foi evoluindo até tornar-se o que já era. E um pensamento lhe acudiu: “E se ela continuar a evoluir e virar anjo de verdade, de asas, e foge para o céu? Ou se vira fada, como aquela fada Sininho do Peter Pan?” E a imaginação de Rã começou a cabriolar que nem cabritinho novo...¹⁵⁴

Uma personagem simbólica que evoluiu e passou a ser transgressora da moral tradicional, que a todo o momento questiona a veracidade dos fatos, Emília sempre está disposta a ver os acontecimentos de um ângulo particular, pois sua condição de boneca ameniza a excentricidade de suas atitudes. Estrategicamente colocada na função de portadora das propostas metamórficas, pois sua condição a beneficia e neutraliza possíveis críticas, ela não é propriamente uma boneca, nem gente, assumindo um espaço muito delicado, um entre-lugar, um meio termo que beneficia as intenções do autor.

Vamos lembrar algumas passagens curiosas, pois em determinados momentos da narrativa tomamos conhecimento de que Emília foi assaltada e se encontra caída numa gruta, ferida. Tudo aconteceu durante um baile na corte do Príncipe Escamado. Quando a notícia se espalha, provoca grande confusão. Irritada, Narizinho tenta compreender quem teria tanta maldade no coração para ser capaz de atacar uma boneca indefesa e arrancar-lhe os olhos. Então, alguém sugere que a boneca fique aos cuidados do doutor Caramujo, para curar-se da mudez e desvendar-se o mistério do ataque.

No intuito de compreender melhor o Reino das Águas Claras, Narizinho, em determinado momento, permite que o Doutor Caramujo possa tratar a boneca Emília como sua paciente, fazendo-a engolir a pílula falante. Este momento de aquisição da fala vai ter um grande valor simbólico dentro do texto lobatiano, pois resulta numa mudança significativa para a personagem e para o andamento das aventuras do Sítio. Vale a pena lembrar essa preciosidade, através da transcrição de um pequeno trecho:

Podemos agora curar a senhora Emília – declarou ele depois de costurar a barriga do sapo.

Veio a boneca. O doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca.

- Engula de uma vez! Disse Narizinho, ensinando a Emília como se engole a pílula. E não faça tantas caretas que arreventa o outro olho. Emília

¹⁵⁴ Lobato 1970, p. 1198 [grifos nossos].

engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: ‘Estou com um gosto horrível de sapo na boca!’ “E falou, falou, falou, mais de uma hora sem parar”. Tanto falou que Narizinho, atordoada, perguntou se não era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir uma mais fraca. “Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda a gente. Isso é fala recolhida, que tem de ser botada para fora. E assim foi. Emília falou por três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.”¹⁵⁵

Como mostra a citação, a consulta de Emília com o médico da corte do Príncipe Escamado, Dr. Caramujo, passa simbolicamente a ter peso na narrativa, pois um dos habitantes do Reino das Águas Claras é quem concede a fala à boneca. Ao ser medicada, realiza um processo radical de mudança, passando de um estado de total dependência de sua “dona” Narizinho, para um estado de independência e de liberdade de expressão, através da aquisição da linguagem. Ousamos dizer que este fato a aproxima do leitor infantil, visto que a fala é uma metáfora da própria evolução da humanidade.

No mundo real, o desenvolvimento está atrelado à aprendizagem, de forma abrangente, e, de forma específica, à experiência com a escrita. Muitas crianças passam por este processo e, no *Sítio* ele é evidenciado através de Dona Benta que, ao contar histórias para crianças e bonecos, faz com que eles, mesmo sem irem à escola, tenham esta forma de crescimento psíquico. Com o decorrer da narrativa, percebemos certa evolução de Emília, que passa a ser uma representação de uma mescla de sentimentos infantis, simbolizando a impaciência, a inconformidade com a ordem das coisas, o apego ao sonho, a ousadia, a curiosidade.

Voltando ao momento da aquisição da linguagem, tal fato é de grande importância para o nosso trabalho, porque nos permite associá-lo com o elemento água, simbólico do transitório, da fluidez da linguagem, e marcador de mudanças significativas, como se estivesse traçando um tipo de destino. A partir deste fato, Emília nunca mais se cala, não deixando, porém, de encantar os leitores com o seu aguçado senso crítico. Portanto, a pílula funciona na narrativa como um rito de passagem, expressando a mudança de um *status*. A fala, simbolizando ações comunicativas, mas também ideológicas e políticas, confere à boneca Emília uma nova vida, a partir da qual passa a ser identificada com “*evolução gentral*”, como prefere dizer a personagem. Tal

¹⁵⁵ Lobato, 1970, p. 22.

idéia de destino, associada à água, é referenciada, nas palavras de Bachelard, como um refúgio apropriado:

*Fortalecido com o conhecimento e de uma profundidade, num elemento material, o leitor compreenderá enfim que a água é um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho, que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser; [...] Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente um elemento transitório.*¹⁵⁶

Assim, entendemos que *O Reino das Águas Claras* teve o propósito de transformar as personagens, em especial a boneca Emília, a qual, através de seu contato com a água, teve seu destino traçado. Deste modo, como elemento que simboliza o renascimento, a transformação, o amadurecimento, a transitoriedade, a sensualidade e o destino, a água cumpre seu papel simbólico na narrativa lobatiana. Este acontecimento espanta tanto os leitores, como as demais personagens do Sítio. O trecho seguinte exemplifica o impacto destes acontecimentos do reino aquático entre os seus moradores:

Onde já se viu uma menina do seu tamanho andar com uma boneca em fraldas de camisa e de um olho só? – Culpa dela, dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado – disse Emília pela primeira vez depois que chegara ao sítio. Tamanho susto levou dona Benta que por um triz não caiu de sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladíssimos, gritou para a cozinha:

- Corra Nastácia. “Venha vê este fenômeno...”
- A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental. – *Que é sinhá? – perguntou.*
- *A boneca de Narizinho está falando!... A boa negra deu uma risada gostosa, com a beizaria inteira.*
- *Impossível sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando de mecê.*
- *Mangando do seu nariz! Gritou Emília furiosa. Falo sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor cara de coruja me deu uma bolinha da barriga do sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?*
- *A negra abriu a maior boca do mundo.*
- *E fala mesmo, sinhá!... – exclamou no auge do assombro. Fala que nem gente! Credo! O mundo está perdido. E encostou-se na parede para não cair [...]*

¹⁵⁶ Bachelard, 1989, p. 6

*Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem gente!... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido. E as duas velhas olhavam uma para a outra sacudindo a cabeça.*¹⁵⁷

É fascinante perceber como Lobato aproxima a reação das personagens adultas com a esperada por adultos reais.

Antes de concluirmos a questão do imaginário e do simbólico, através da aquisição da linguagem de Emília, gostaríamos de fazer a seguinte observação: no universo da Literatura Infantil, existem elos fortes e traços distintos, que possibilitam o cruzamento entre realidade e ficcionalidade, alimentando, assim, o imaginário infantil. Resgatando um pouco o texto lobatiano, atentamos na prescrição do Dr. Caramujo, que aconselha Narizinho a deixar Emília falar até se cansar. Este fato é comum entre as crianças: elas falam sem parar, libertando a imaginação, através do ato comunicativo. Como Emília, criam neologismos, utilizando o mundo da linguagem de maneira particular e explorando as possibilidades interpretativas contidas nas palavras.

Inicialmente, os pais e os demais adultos guardam em si um pouco do Dr. Caramujo: tentam instigar a fala, dando à criança a possibilidade de ir atrás dos mais variados sentidos das palavras, forçando-a a produzir uma comunicação particular que, aos poucos, será socializada, através do contato com as regras vigentes. No caso da bonequinha, verifica-se esta situação, em especial, no livro *Emília no País da Gramática*. Em relação à criança real, este fato é vivenciado no contato com a escola. Contudo, o que pretendemos dizer é que a linguagem constitui um elo entre o mundo real e o ficcional, pois, ao imaginar ou criar o capítulo da pílula falante, Lobato nos oferece um jeito especial de ver o universo infantil. Sua definição de “falas recolhidas” torna-se atual, uma vez que muitos psicólogos afirmam que as crianças, antes da linguagem, tentam interagir com o mundo e guardam no inconsciente o desejo comunicativo.

Analisando o caso da aquisição da fala da boneca, através da pílula falante, temos como resultado uma pérola literária, pois o autor cria, através de sua personagem, a imagem de um ser que se submete aos cuidados médicos para libertar do silêncio uma

¹⁵⁷ Lobato, 1970, pp. 25. 26

“fala recolhida”¹⁵⁸, marcando profundamente a trajetória das personagens que com ela convivem.

Objetivando nossa reflexão, poderíamos dizer que o uso da pílula não simboliza apenas a cura da boneca e o início de suas travessuras e aventuras. Admitimos que o texto lobatiano, ao colocar a questão da cura da mudez da boneca, logo no início de sua obra, por analogia, nos convida a mergulhar no interior humano e comunicar todas as falas recolhidas, interagindo com os demais membros da sociedade e, quem sabe, também a promover transformações significativas em torno de: pensamentos, desejos, indignações, frustrações...

Como figura polêmica, Lobato sempre lutou por seus sonhos e não poupou esforços para falar e se fazer ouvir, tal qual sua boneca. Logo, o episódio do Reino das Águas Claras nos leva a crer que, simbolicamente, o autor nos convida a ser a favor da fala, induzindo-nos a criar juízos de valores e a questionar o porquê das coisas e dos acontecimentos. Diante de tal mergulho, poderíamos avaliar, ponderar e sugerir mudanças pessoais e sociais. Deste modo, libertando a fala de seu silêncio neurótico, o leitor dá voz ao que anteriormente era afogado pela comodidade e pelo conformismo, impedindo o progresso psíquico-social do indivíduo.

Aprofundando a interpretação do texto, gostaríamos de lembrar o momento em que o Dr. Caramujo manifesta a proposta da ingestão da pílula. Ao ser aceita e executada, sua indicação resulta em um fato real, o da aquisição da linguagem. Contudo, tal atitude promove uma reação negativa por parte de Narizinho que, diante da enxurrada de palavras de Emília, manifesta o arrependimento de ter possibilitado tal acontecimento. Assim, o texto nos indica que nem sempre somos aceitos e muitas vezes nossas palavras podem ser rejeitadas. Já que Emília falava sem parar, Narizinho manifesta o desejo de fazer a boneca expulsar a pílula falante:

Falou tanto que Narizinho atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

- Não é preciso – explicou o grande médico. Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é “fala recolhida”, que tem de ser botada para fora.

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.

¹⁵⁸ Termo usado por Lobato quando o Dr. Caramujo está tentando explicar o porquê de tantas horas seguidas de um monólogo da boneca.

- Ora graças! – exclamou a menina. **Podemos agora conversar como gente e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. Conte o caso direitinho.**¹⁵⁹

Este é um momento crucial de nossa análise, pois Narizinho pode simbolizar os poderosos que tentam silenciar a voz de todos os que procuram libertar suas “falas recolhidas”. O Dr. Caramujo, por sua vez, encarna mais de um valor simbólico. Ele pode ser visto como o “canal facilitador” de falas e atitudes recolhidas, podendo representar também a “razão mediadora” que impede Narizinho de silenciar Emília. Tal simbologia tem como fundamento interpretativo o momento em que o doutor passa a persuadir Narizinho, tentando convencê-la de que tudo se acalmará, após a liberação da fala recolhida. E, neste jogo simbólico, a certeza do doutor (a razão) conduz a menina (o agente do poder) a esperar os resultados e a avaliar a força da pílula falante, que trará para a personagem e para o *Sítio* mudanças profundas.

Consideramos que a maior simbologia metamórfica do texto lobatiano está justamente na boneca que evoluiu e virou gente, transformando tudo e todos, através do uso constante de seu direito de expressão. Desde então, Emília não se conforma mais em guardar suas opiniões, pois, libertando a fala, mesmo que sem sentido, faz uso de um direito adquirido pela razão e tal atitude passa a ser sua marca registrada, demonstrando um caráter singular de uma personagem que constrói sua própria trajetória. Bendita pílula falante, que deu vida à boneca, liberou sua “torneirinha de asneiras” e possibilitou o exercício ilimitado de sua “condição humana”, passando a interferir em todas as aventuras do *Sítio do Picapau amarelo*. E podemos perceber claramente nas palavras de Narizinho uma promessa de o leitor poder encontrar em Emília coisas novas:

*Viu que a fala de Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. – Melhor que fosse assim, filosofou Narizinho. As idéias de vovó e de tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já adivinha antes que elas abram a boca. As de Emília hão de ser sempre novidades*¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Lobato, 1970, p. 22 e 23. (grifos nossos).

¹⁶⁰ Lobato, 1970, p. 23. (grifos nossos).

A promessa se cumpre no decorrer da narrativa, pois, quando as coisas estão muito complicadas e Emília necessita agir energicamente, ela não se esquivava de suas participações conflitantes. Nestes momentos, mesmo que suas idéias pareçam loucuras, ela intervém, reservando para si o mérito do sucesso e atribuindo a terceiros a responsabilidade do insucesso, em particular a tia Nastácia. Justificando a razão do “desvio” de conduta com a má qualidade de seu material, deixa claro que, se a boa negra a tivesse feito de um pano melhor, apresentaria menos defeitos. Parece que a própria Nastácia reconhece tal fato, havendo, assim, uma cumplicidade entre a boneca e sua “criadora”:

- É porque é de pano sinhá – explicou a preta - e de um paninho muito ordinário. Se eu soubesse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda, ou pelo menos dum retalho daquele seu vestido de ir à missa.

Dona Benta olhou para tia Nastácia dum certo modo, como que achando aquela explicação muito parecida com as da Emília.

[...] Eu também não acreditava no que ela dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com essas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando sinhá, falando que nem gente!... Qual estamos caducando ou o mundo está perdido...¹⁶¹

Prosseguindo nossa análise interpretativa, podemos ler nesta justificação material de Emília uma analogia com a autojustificação dos nossos atos, a partir das nossas limitações pessoais. Vale a pena, porém, salientar que a solução da “pílula” foi sugerida depois de Narizinho recusar um transplante de língua (falinha) de papagaio e que, graças a essa alternativa do uso da pílula do Dr. Caramujo, surgiu não só a “liberação da fala acumulada” da bonequinha, como também o reconhecimento da nascimento de Emília, tal como na tradição cristã, no momento do batismo, há um nascimento do ser para uma nova vida. Assim, a personagem lobatiana ganha uma dimensão tão significativa na obra que obscurece o brilho de Narizinho, a menina de verdade. Como seu criador, Emília é obstinada em conseguir as coisas e mantém seu ponto de vista ou opinião, fazendo transbordar um espírito de liderança.

Muito se pode falar sobre a personagem, pois seu valor simbólico abrange várias etapas da obra. No entanto, cabe ressaltar neste momento que a bonequinha possui, como seu autor, a capacidade de incendiar a imaginação de todos, adultos e

¹⁶¹ Lobato, 1970, p. 25,26

crianças. Otimista e segura de si, Emília é quem realmente manda e desmanda no *Sítio de Lobato*. De olhos bem vivos e coração inquieto, muitas vezes ela “pinta o sete”, comete desatinos, mas é quem guarda o maior valor simbólico da obra.

Uma pergunta surge diante de nosso estudo: já que a todo o momento recorremos ao imaginário e ao simbólico para estabelecer nossa análise, como esses fatores foram escolhidos e ganharam força a ponto de sustentarem nossa pesquisa?

A resposta é simples: as teorias relacionadas com esses elementos vêm sendo valorizadas com o passar do tempo e cada vez mais os Estudos Literários têm abraçado as idéias construídas à volta destes valores. Ora, se observamos que o Imaginário entra no universo infantil, por ser considerado como facilitador da ultrapassagem de barreiras existentes entre o real e o ficcional, então podemos concluir que a imaginação funciona neste processo como fonte inspiradora do inconsciente no universo ficcional, possibilitando o estabelecimento de uma decodificação sígnica. A partir do imaginário, pode-se estabelecer uma ponte entre o símbolo e seu respectivo correspondente real. Neste ínterim, o símbolo passa a ser visto como o centro do imaginário, uma vez que sua íntima ligação possibilita toda uma aceitação prévia do universo ficcional. Logo, o imaginário e o simbólico ganharam força em nossa pesquisa devido ao fato de a construção simbólica ser parte integrante da organização sócio-cultural estabelecida na convivência humana. Ao considerarmos a Literatura como um “instrumento de viabilidade” da condição humana, não podemos deixar de admitir que ela é uma dessas organizações simbólicas. No campo da Literatura Infantil, em especial, o fator simbólico ganha uma proporção ainda maior, uma vez que ele depende da interação do leitor para se concretizar.

Afirmamos, com Bachelard, que a Literatura é uma forma de resgate de uma fase infantil e nela o poeta rememora uma imagem particular que envolve as nossas lembranças de um momento único de nossa existência, o momento da infância que, segundo o autor, é a fase mais representativa da vida. Com efeito, é na infância que se vê o mundo ilustrado, com suas “*cores primeiras e verdadeiras*”. Então, perguntamos: o que é a Literatura senão a porta aberta para a imaginação e a interação do leitor com o mundo?

Dentro do universo simbólico, podemos dizer que Emília é o princípio da imaginação. Ela inaugura uma perspectiva metafórica que nos faz rever os fenômenos do mundo como imagens, passíveis de encontrarem um sentido. Ela mostra-nos que a imaginação é fruto da realidade, ou de um desejo materializado em objetos ou palavras.

Através do texto lobatiano, o leitor dá asas à imaginação e se vê diante da possibilidade de alimentar os sonhos e ultrapassar as fronteiras existentes entre o fictício e o real, o metafórico e o literal, o verídico e o imaginativo. Através dele, possibilita-se a reanimação da matéria, em termos metafóricos, passando um elemento como a água a dar sentido simbólico às atitudes das personagens, a transmitir paixão a objetos inanimados, como uma bonequinha de pano.

Cabe ressaltar aqui que Lobato foi feliz em sua criação simbólica, pois, ao colocar em Narizinho o repúdio à retirada da falinha de papagaio em relação à Emília, ele cria uma fundamentação teórica coerente com a aquisição da linguagem. No texto, Narizinho, por uma questão de humanidade para com o animal, não aceita sequer pensar nesta possibilidade e pede uma segunda opção. Com efeito, essa ave loquaz nos mostra uma limitação da fala, sendo capaz apenas de realizar repetição, imitação ou cópia, tornando-se previsível. Imaginar Emília repetindo a fala de outros, usando o discurso alheio como um papagaio, isso seria regressão e, como afirmara o próprio autor, Emília evoluiu! E, na literatura infantil, é recorrente bonecos e animais se equipararem às pessoas, sendo capazes de construir um raciocínio lógico.

Se olharmos a fundo este trecho da obra, notaremos um pouco de ironia e sarcasmo da parte do autor, pois ele critica aqueles que repetem o já existente, como um sinal de anti-progresso. Mas Lobato nos oferece a PÍLULA FALANTE que representaria o fim da repetição e o encontro com a “fala recolhida”, ou com os sonhos e desejos oprimidos pela organização social. Assim, Emília será, por analogia, o símbolo da irreverência e do progresso e sua “*torneirinha de asneiras*” simbolizará a coragem inovadora. Não é à toa que a crítica coloca uma íntima ligação entre Lobato e a sua personagem. Emília, a “*dadeira de nomes e idéias*” do Sítio, encarna a máxima do progresso e da “evolução”. Assim como adquiriu a capacidade de falar, de elaborar pensamentos e de lutar para realizar seus sonhos, por analogia, os membros da sociedade da época do autor também poderiam evoluir no exercício ilimitado da condição humana.

Desde as origens mais remotas, a nossa espécie é marcada pela superação e pela evolução. Foi justamente esse ato evolutivo que deu a Emília independência e notoriedade, desempenhando a importante função de conduzir a turma do Sítio à reflexão e ao mergulho em muitas aventuras. Ela se tornou tão simbólica que não há espaço no Sítio que não carregue suas marcas. Mesmo sem o famoso Pó de Pirlimpimpim, “inventado” pelo Visconde de Sabugosa, a bonequinha de pano nos

permite viajar e ultrapassar fronteiras; em determinados momentos, vemos nela o princípio da imaginação e sua fusão com a realidade.

No início de nossa análise, mencionamos o onírico como um dos fatores primordiais da passagem para o mundo fantástico. Dentro deste contexto, há um fato muito importante que não podemos esquecer: as crianças, mergulhadas no onírico, não se preocupam com o fato de regressarem ao mundo “real”. Essa volta surge de forma natural, sem esforço. No *Reino das Águas*, Narizinho escuta a voz de Nastácia que a transporta para o *Sítio*:

*Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá fora – o estrondo duma voz que dizia: Narizinho, vovó está chamando!... Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho e do pomar...*¹⁶²

Assim ocorre o retorno: de forma mágica e envolvente. O onírico contribui para a formação de expectativas das crianças de um dia voltarem a viver novas aventuras nesse mundo tão emocionante.

Para concluir nossa análise neste capítulo, lembramos que Lobato acreditou que *"A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto"*, e em benefício dela construiu um mundo mágico que envolveu de temas, personagens e contextos da literatura mundial. Segundo o próprio autor, *"O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação"*, pois *"escrever para crianças! Ah! Meu amigo é admirável!"* [...] *Elas não têm malícia, aceitam tudo, tudo compreendem*"¹⁶³. Deste modo, Lobato nos mostra a capacidade de compreensão da criança, a qual, mediada por construtos simbólicos, consegue compreendê-los de forma proveitosa.

Mas como tudo isso se concretiza na obra infantil de Lobato?

É simples: o texto nos oferece a **água** e **Emília** como elementos simbólicos, dando vida a possibilidades imaginativas, que não se restringem ao pré-estabelecido ou ao princípio da realidade. Tais elementos ganham uma força tamanha, pois a partir deles cria-se uma nova realidade, cheia de possibilidades interpretativas. A boneca de pano,

¹⁶² Lobato, 1970, p. 23.

¹⁶³ Azevedo, 1998, p. 311 e 312.

associada à força simbólica da água, subverte os conceitos reais e amplia-se para além do domínio ficcional. Assim, a água é o elo entre o real e o fantástico, que nos permite aceitar a construção simbólica como um ganho psíquico. Neste sentido, não estamos tratando apenas do fato de o texto poder nos transportar para outra realidade, outros tempos, espaços e aceitar as aventuras de uma turminha que possui uma boca falante. Não! Definitivamente, não estamos apenas tratando desta possibilidade que nos conduz a viver aventuras em outras “terras” e “reinos”. Tratamos também da possibilidade de dialogar com as figuras da imaginação, vivenciar fatos que nos possibilitam enriquecer a alma e o psíquico. Assim, através da força simbólica da água, podemos traçar paralelos, buscar associações e tentar encontrar semelhanças entre o ficcional e o real, na eterna busca de um crescimento pessoal e coletivo, através do poder simbólico da palavra, que fora tão bem manuseada pelo escritor que ousou sonhar em metamorfosear as crianças brasileiras, objetivando criar uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se unicamente apontar a existência de uma proposta sócio-pedagógica apresentada por Monteiro Lobato, via Literatura Infantil, tendo como apoio as diversas construções simbólicas encontradas na obra, que possibilitaram alimentar não só o imaginário da criança, como também inúmeras pesquisas, através dos anos.

Agora, pretendemos avaliar o percurso de nossa análise e, se possível, responder aos questionamentos, sem, contudo, dar por esgotados os assuntos aqui tratados. O intento foi o de estabelecer uma linha de raciocínio, observando como os passos sociais e literários de Monteiro Lobato nos levam à percepção do real através de uma proposta de metamorfose da sociedade brasileira. Portanto, falar de um projeto ousado como este de Lobato, necessariamente, requer também colocar em evidência características de um visionário que esteve além de seu tempo, numa eterna busca de progresso e conscientização de seus semelhantes, mesmo que para atingir tal propósito tivesse que usar da ironia e da sátira.

No primeiro capítulo, elegemos como fator de fundamental importância o reconhecimento da representação simbólica da Literatura Infantil, sua trajetória histórica e seus arquétipos pedagógicos, objetivando criar um ambiente propício ao desenvolvimento de nossas reflexões.

Em seguida, no segundo capítulo, lembramos que Monteiro Lobato foi um pioneiro em diversas atitudes sócio-literárias e, por este motivo, o identificamos como um visionário social, mostrando faces de uma personalidade ímpar de nossa história, com o intuito de evidenciar a vida e os sonhos de um escritor, que desejou criar livros que falassem à alma e causassem uma inquietação no ser. Ele não conseguiu persuadir os adultos: não encontrou neles a resposta desejada, exceto em raros casos de amigos e admiradores, ou seja, um pequeno grupo, com o qual não atingiria seus objetivos. Mas este fato não abafou o grito por progresso e desenvolvimento intelectual de sua gente. Assim, a Literatura Infantil surge como alternativa à decepção do escritor. Mesmo tendo se desiludido com os adultos, o pai da boneca Emília não desiste do sonho de mudar a sociedade brasileira e, obstinado, vê nas crianças do presente uma perspectiva de melhorar o futuro do país, decidindo investir nelas.

Estas seriam a tábua de salvação de nossa sociedade, trariam vida nova com condutas éticas, valores sociais e padrões de comportamentos que redimensionariam a visão de organização social de seu tempo.

Em nosso estudo, promovemos um momento de reflexão sobre a pesquisa lobatiana e colocamos em evidência que várias idéias fervem na mente de Lobato. Uma delas consistia em tirar o Brasil do atraso secular e torná-lo competitivo e atuante no mercado internacional. Mas, para isto, teria que mudar o pensamento de nossa gente. Foi então que percebeu que a literatura seria sua ferramenta.

A luta pelo conhecimento, a base da ciência e da tecnologia, elementos fundamentais do progresso civilizacional, deveria ser representada de forma simples, para atingir os objetivos traçados pelo autor. Em pouco tempo, sua idéia é alegorizada através da criação do Sítio e seus habitantes.

Estava consciente de que nem só de entretenimento eram feitos os livros, pois eles deveriam ser responsáveis pela formação do caráter e identidade cultural do indivíduo. E, assim, desejou criar um livro onde a criança pudesse morar e, naturalmente, um livro puxou outro e outro... E, quando ele se deu conta, já havia se tornado uma celebridade entre os pequenos leitores.

Para cercar nossa análise de cuidados, encontramos apoio no aparato teórico representado pelas idéias das construções simbólicas e com a ajuda do imaginário. Assim, mergulhamos no texto lobatiano pressupondo que, por intermédio de uma viagem lúdica, consegue trabalhar a moral, fazendo-a penetrar na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação, oferecendo-lhe uma lição de vida.

No terceiro capítulo, voltamos a perguntar se a metamorfose realmente existe no texto ou se ela é só uma viagem interpretativa. Em seguida, lembramos que vários fatores nos autorizam a admitir sua existência. O próximo passo foi tentar deixar evidentes os motivos que nos levaram a tratar de metamorfose em um texto lobatiano, tendo como apoio argumentativo os escritos pessoais e textos infantis do autor, que em nosso entendimento constituem um mapa simbólico da metamorfose.

Suas cartas revelam que ele passou por tantos livros que o marcaram, que sentiu o desejo de também marcar a vida de alguém com idéias que ele foi adquirindo durante a sua vida. Deste modo, realizou grandes obras no campo social e literário e arriscou toda a sua fortuna em prol de um sonho.

Ao nos depararmos com o desafio de descobrir se o texto lobatiano era um enigma ou uma proposta de metamorfose, tivemos o prazer de realizar várias reflexões

e, por intermédio delas, passamos a compreender que o espaço do Sítio nos permite a seguinte linha de raciocínio: se ele é único e, ao mesmo tempo, está em toda parte, com localização geográfica indeterminada, então, pode ser identificado como um catalisador da fantasia e da proposta metamórfica, sendo, portanto, a representação de um espaço multiétnico, multicultural, que conserva uma pluralidade de seres em convivência harmoniosa.

A propósito desta constatação, compreendemos que, definitivamente, o espaço do Sítio converte-se em um exemplo original, de uma organização social democrática. Entendemos que este espaço ficcional, criado por um espírito visionário e empreendedor, que defendia o pleno exercício da cidadania, o crescimento intelectual e a prosperidade da nação, só pode ser identificado, em nossa pesquisa, como uma autêntica representação de uma república democrática. Sendo assim, ele é fruto da experiência pessoal de um intelectual militante, um mestre da arte de sonhar e lutar para tornar real um projeto que, aos olhos de muitos, parecia utopia.

No quarto e último capítulo, com a ajuda do aparato teórico de nossa pesquisa, descobrimos a existência de um ritual simbólico, de uma personagem que terá a água como elemento motor de sua metamorfose e, como já salientamos, será conseqüentemente responsável pelas demais propostas metamórficas do texto infantil lobatiano. Portanto, acreditamos que no quarto e último capítulo, procuramos estabelecer uma relação dialógica entre a construção simbólica do elemento água e a mensagem narrativa patente no texto, na tentativa de mostrar como o autor trabalhara este elemento de forma objetiva na construção de seu projeto pedagógico.

O presente trabalho constituiu um breve estudo sobre a obra infantil lobatiana, já bastante explorada, mas jamais esgotada em suas possibilidades de leituras. Esperamos que, motivados por ele, surjam novos leitores e pesquisadores que o aprofundem, seja nos aspectos aqui pesquisados, seja em outros, tanto ou mais interessantes. Mas, antes de concluir nossas considerações finais, gostaríamos de lembrar que Lobato abraçou seus sonhos e lutou como pôde pela conscientização de nossa gente e, enquanto havia um sopro de vida em sua frágil condição humana, não desistiu de exercer aquilo que acreditava ser uma missão.

Ele emprestou sua pena à causa brasileira e, nos últimos dias de vida, retomou velhas idéias de justiça social, criando textos que falavam sobre a reforma agrária na figura de uma antiga personagem, Zé Brasil, lançando idéias que trabalhavam em prol de uma sociedade mais justa. Fez, deste modo, o que acreditava ser sua contribuição

social, registrando em mais um livro idéias, que o impulsionaram a desafiar o tradicionalismo e travar grandes lutas. Esta atitude do escritor nos faz lembrar uma frase que traduz seu espírito guerreiro: “*O meio de combater uma idéia é lançar ao seu encontro uma idéia melhor. (...) Nunca no mundo uma bala matou uma idéia.*”¹⁶⁴

Assim, deixa-nos a grande mensagem de que existe uma linha tênue entre o sonho e a realidade, que só será superada quando todos compreenderem que, para mudar uma sociedade, não basta poucas vezes se levantarem. É necessária uma união de forças para se atingir um objetivo comum. Se cada pessoa fizer a sua parte, um dia, os brasileiros poderão dizer: “*A coisa que menos me mete medo é o futuro.*”¹⁶⁵

Com estas palavras, a respeito de uma personalidade tão singular de nossa história, julgamos ter cumprido o que foi proposto em nosso estudo e dedicamos nossa pesquisa à memória deste brasileiro tão especial, que fez da vida uma batalha contra o tradicionalismo e que conscientizou e encantou tantas mentes pequeninas.

¹⁶⁴ Prefácio a *Georgismo e Comunismo*, 1948.

¹⁶⁵ Lobato, 1957. Carta a Godofredo Rangel, Rio de Janeiro, 8/11/1925. p. 282.

BIBLIOGRAFIA

1. DO AUTOR

LOBATO, José Bento Monteiro. *Obra Infantil Completa de Monteiro Lobato*. 16ª edição, 8 volumes com 23 livros. Ilustrada por Manoel Victor Filho, São Paulo: Basiliense S.A, 1970.

_____. *A Barca de Gleyre*. 8ª Edição do 1º Tomo. Vol. 11 da 1ª série de Obras Completas. São Paulo, Ed. Brasiliense LTDA. 1957.

_____. *A Barca de Gleyre*. 8ª Edição do 2º Tomo. Vol. 12 da 1ª série de Obras Completas. São Paulo, Ed. Brasiliense LTDA. 1957.

2. SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Carmem Lúcia de. *Monteiro Lobato, o Furacão da Botocúndia*, Cármen Lúcia de Azevedo, Márcia Mascarenhas de Rezende Camargos e Vladimir Saccheta, 2ª edição – São Paulo: Editora SENAC, 1998.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato. Vida e obra*. 2 vs. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1955.

CAVALHEIRO, Edgard. *A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro, MEC, 1975, Cadernos de Cultura, 1976.

DÍDIMO, Horácio. *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza, Edições UFC, 1996.

FILIPOUSKI, Ana Maria. *Monteiro Lobato e a Literatura Infantil Brasileira Contemporânea*. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo, Moderna, 2000.

_____. *A Modernidade em Monteiro Lobato*. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

NUNES, Cassiano (org.). *Monteiro Lobato Vivo...* Rio de Janeiro, MPM Propaganda/Record, 1986.

_____. *Monteiro Lobato, o Editor do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: PETROBRÁS: NUSEG, 2000.

PASSIANI, de Ênio. *Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

PENTEADO, J. Roberto Witacker. *Os Trilhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

SANDRONI, Luciana. *Minhas Memórias de Lobato, Contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. Ilustrações Learte. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SANDRONI, Laura: *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora Traço, 1982.

ZILBERMAN, Regina (org.): *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

3. GERAL

ASSALI, Shirley Maia. *A Ideologia do Discurso na Literatura Infantil*. São Paulo: USP, 1992.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix. 1997.

BACHELARD, Gaston - *A Água e os Sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria: São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A Poética do Espaço*, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O Ar e os Sonhos*. Ensaio sobre a imaginação do movimento, São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORGES, Jorge Luis. *Borges, Oral* in: *Obras Completas*. Vol. IV (1975 - 1988), São Paulo: Globo. 1999.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1988.

_____. "Lobato e a Criação literária" In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, n° 43. 1982.

CADERMATORI, Lúgia. *Literatura Infantil Brasileira em formação*. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

_____. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Vários Escritos* (3ª edição revista e ampliada). São Paulo, Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A Literatura Infantil*. 2 ed. São Paulo: Edart, 1983.

CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira*. São Paulo: Quíron, 1983.

_____. *A Literatura Infantil*, 2ª. Ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

_____. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1ª ed.- São Paulo: Moderna.2000.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

DELL PRIORI, Mary. *História da Infância no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 5ª ed., Editorial Lisboa: Presença, 1991.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. Em três artigos que se completam. 27 ed. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1992.

GOLDENBERG, M. (1999). *A arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, trad. port. 2ª ed. Lisboa: Difel, 1992.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JAUSS, Hans Robert. *O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Kátharsis*. In: LIMA, Luis (org.). *A Literatura e o Leitor - textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. *A História da Literatura como Provocação à teoria Literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo, Ática, 1994.

KHÉDE, Sôni Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-juvenil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *No Reino do Livro Infantil*. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Os Preferidos do Público; Os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Debates Culturais, 4). p. 52-64.

_____. **ZILBERMAN**, Regina. *Literatura infantil brasileira; História e histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 5).

LAPLANTINE, François et **TRINDADE**, Liana Sálvia. *O que é o Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LISPECTOR Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

MEIRELES, Cecília, *Problemas da Literatura Infantil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

_____. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985.

NÖTH, W. (1995). *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.

_____. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

_____. “*As Estruturas Narrativas*”, São Paulo: ed. Perspectiva, 1979.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Infantil na Escola*. 11ª ed. revista, atual e ampliada. São Paulo: Global. 2003.

4. FONTES ELETRÔNICAS

- <http://sitio.globo.com/>
- www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/1918.html

- www.suapesquisa.com/biografias/obras_monteiro_lobato.htm
- <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>
- <http://www.editorasegmento.com.br/>

CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA. "A IMPORTÂNCIA DO MARAVILHOSO NA LITERATURA INFANTIL" [online]

Disponível na internet via WWW URL:

<http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>

Capturado em 14/6/2007

- <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/monteirolobato/lobato02-3.html>
- http://lobato.globo.com/misc_bau.asp
- www.miniweb.com.br/cidadania/Personalidades/monteiro_lobato.html
- <http://lobato.globo.com/>
- <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>
- <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/>
- <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato
- <http://www.memoriaviva.com.br/mlobato/index2.htm>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9-Modernismo>
- <http://www.graudez.com.br/litinf/autores/lobato/obras.htm>
- <http://almanaque.folha.uol.com.br/monteirolobato.htm>
- <http://acervos.ims.uol.com.br/php/level.php?lang=pt&component=37&item=45>
- <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>
- http://www.editorabrasiliense.com.br/monteirolobato/lobato_indexnew.htm
- <http://www.citybrazil.com.br/sp/taubate/persona.htm>
- <http://www.graudez.com.br/litinf/autores/lobato/obras.htm>
- Revista *Educação*, edição:252, em Abril de 2002.
<http://www.editorasegmento.com.br/>
- Mitologia grega: <http://lobato.globo.com/novidades/novidades>
- Mitologia grega: www.mundodosfilosofos.com.br/segunda.htm
- Mitologia grega: warj.med.br/pub/mini/metamorfose.asp
- Mitologia grega: www.ceismael.com.br/oratoria/oratoria031.htm

- Mitologia grega: www.joraga.net/mertola/pags/20lendas2mito.htm
- Mitologia grega: <http://www.olimpo.hpg.ig.com.br/ares.htm>